

**Organizadores**

Elcio Loureiro Cornelsen

Francisco Ângelo Brinati

Gustavo Cerqueira Guimarães

**Futebol**

Fato social total



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2020

**Diretora da Faculdade de Letras**

Graciela Inés Ravetti de Gómez

**Vice-Diretora**

Sueli Maria Coelho

**Coordenadora**

Emilia Mendes

**Comissão editorial**

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**

Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

**Revisão de originais**

Giulia Sampaio Piazzì

**Preparação de originais**

Ana Cláudia Dias Rufino

**Diagramação e normalização**

Ytalo Andrade

**Revisão de provas**

Denise Cristina Campos

Ytalo Andrade

**ISBN**

978-65-87237-02-2 (digital)

978-65-87237-03-9 (impresso)

**Endereço para correspondência**

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

*e-mail*: [vivavozufmg@gmail.com](mailto:vivavozufmg@gmail.com)

*site*: [www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)

## Sumário

- 5 Olhares para um fato social total**  
Elcio Loureiro Cornelsen  
Francisco Ângelo Brinati  
Gustavo Cerqueira Guimarães

## Crítica

- 13 Aprender a jogar no viaduto com Tatiana Pequeno**  
Luis Maffei
- 23 Heleno, um homem trágico**  
Elcio Loureiro Cornelsen
- 33 Dirceu Lopes, um expoente do futebol-arte**  
Matheus Marinho
- 43 Gênio de 3 Corações, de Rubinho Troll**  
Marcelino Rodrigues da Silva

## Representações

- 51 Imprensa sexista e preconceito: as representações das atletas da seleção brasileira feminina de futebol**  
Francisco Ângelo Brinati

- 59 A trágica morte de Lutz Eigendorf e a sombria atuação da STASI no futebol da Alemanha Oriental**  
Thiago Carlos Costa
- 69 Contra o VAR aos 40 minutos antes do nada**  
Vinicius Garzon Tonet
- 79 Futebol, igualdade e mulheres em campo: entredribles, políticas e manifestações**  
Luciana Cirino Lages
- 89 Apelido é coisa do passado**  
Rafael Miguel
- 99 A várzea e a cultura esportiva popular**  
Raphael Rajão Ribeiro

## **Narrativas**

- 111 O futebol que me dá nome**  
Ewerton Martins Ribeiro
- 115 O dia em que conheci uma estátua viva**  
Gabriel Gama
- 121 O diário viperino de Miro: fé e futebol**  
Gustavo Cerqueira Guimarães
- 129 Sobre os autores**

# Olhares para um fato social total

*Elcio Loureiro Cornelsen*

*Francisco Ângelo Brinati*

*Gustavo Cerqueira Guimarães*

Na década de 1920, o sociólogo francês Marcel Mauss (1872-1950) lançou seu famoso “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”,<sup>1</sup> no qual cunhou o conceito de “fato social total”, por um lado, ao refletir sobre a necessidade de se pensar os fatos sociais em sua totalidade e, por outro, ao postular que determinados fenômenos sociais têm o poder de abranger, de maneira ontológica, todo aspecto de um dado sistema social concreto.

Baseados nessa noção de “fato social total” proposta por Marcel Mauss, podemos pensar sobre o futebol na sociedade brasileira, tanto por seu significado cultural e esportivo, quanto por sua abrangência e por seu significado, que o tornou um dos pilares de sustentação de uma construção identitária, mesmo que cambiante.

Embora, certas vezes, soem de maneira generalizante, expressões como *Football explains the World*, aliás, presente no título do livro do jornalista norte-americano Franklin Foer, *How Football Explains the World: An Unlikely Theory of Globalization*,<sup>2</sup> ou também “o futebol explica o Brasil”, reproduzida no título do livro do historiador brasileiro Marcos Guterman, *O Futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*,<sup>3</sup> encontram, na prática, sua legitimação.

<sup>1</sup> MAUSS, Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, 1974.

<sup>2</sup> FOER, *How Football Explains the World: An Unlikely Theory of Globalization*, 2006.

<sup>3</sup> GUTERMAN, *O Futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*, 2009.

Outras vozes proeminentes também se manifestaram sobre esse caráter do futebol, enquanto “fato social total”, de poder ser pensado como uma “chave de leitura” para a própria sociedade em que se manifesta como relevante fenômeno esportivo e cultural, seja num suposto “estilo de jogo”, seja em suas manifestações de violência. Pensemos, aqui, na famosa frase atribuída ao escritor José Lins do Rego (1901-1957), autor de romances consagrados, como *Menino de engenho*<sup>4</sup> e *Fogo morto*:<sup>5</sup> “O conhecimento do Brasil passa pelo futebol”.<sup>6</sup> Cabe ressaltar que o escritor paraibano era rubro-negro e amante do futebol, fato que é atestado pela obra *Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas*,<sup>7</sup> organizada por Marcos de Castro, e também pela obra ABC de José Lins do Rego,<sup>8</sup> de Bernardo Borges Buarque de Hollanda.

Não podemos deixar de mencionar também a seguinte frase atribuída ao escritor franco-argelino Albert Camus (1913-1960): “All that I know most surely about morality and obligations, I owe to football” (Tudo o que sei com certeza sobre moralidade e obrigações, devo ao futebol).<sup>9</sup> ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1957, autor de célebres obras como *Le Mythe de Sisyphe*<sup>10</sup> e *L'Étranger*,<sup>11</sup> na juventude, Camus chegou a atuar como goleiro de um time universitário.

Em sua diversidade de temas e em sua amplitude, esta publicação inspirou-se na concepção do futebol como “fato social total” e no alcance e significado que o “nobre esporte bretão” possui na sociedade brasileira, em toda a sua complexidade. Os textos que a compõem estão distribuídos em três partes, de acordo com eixos temáticos específicos: “Crítica”, “Representações” e “Narrativas”.

A primeira parte do livro é iniciada por um ensaio de autoria do estudioso de literatura, músico e poeta Luis Maffei, intitulado “Aprender a jogar no viaduto com Tatiana Pequeno”. Trata-se de um estudo crítico

<sup>4</sup> REGO, *Menino de engenho*, 1932.

<sup>5</sup> REGO, *Fogo morto*, 1943.

<sup>6</sup> REGO *apud* MELO, Apresentação, 2006, p. 7.

<sup>7</sup> CASTRO, *Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas*, 2002.

<sup>8</sup> HOLLANDA, *ABC de José Lins do Rego*, 2012.

<sup>9</sup> CAMUS *apud* HUMPHREYS, *What does sport tell us about morality?*, 2017.

<sup>10</sup> CAMUS, *Le Mythe de Sisyphe*, 1942.

<sup>11</sup> CAMUS, *L'Étranger*, 1942.

sobre o tema do futebol em três poemas de *Onde estão as bombas*,<sup>12</sup> obra recém-publicada da poeta Tatiana Pequeno.

Pautado pelo viés crítico, o segundo texto que compõe a primeira parte do livro, "Heleno, um homem trágico", de Elcio Cornelsen, versa sobre a biografia do famoso craque do Botafogo de Futebol e Regatas nos anos 1940, Heleno de Freitas: *Nunca houve um homem como Heleno*,<sup>13</sup> de autoria do jornalista e escritor Marcos Eduardo Neves. A vida de Heleno permite que, feito uma personagem, sua trajetória possa ser interpretada como a de um "herói trágico".

Do mesmo modo, o texto de autoria de Matheus Marinho, "Dirceu Lopes, um expoente do futebol-arte", também se dedica ao estudo da biografia de outro craque do futebol brasileiro e do Cruzeiro Esporte Clube: *O príncipe: a real história de Dirceu Lopes*,<sup>14</sup> obra do jornalista mineiro Pedro Blank.

O quarto e último texto, "Gênio de 3 Corações, de Rubinho Troll", de autoria do estudioso de literatura e ensaísta Marcelino Rodrigues da Silva, propõe uma reflexão sobre a canção "Gênio de 3 Corações", faixa integrante do álbum *Stinkin Like a Brazilian*,<sup>15</sup> do artista mineiro Rubinho Troll, na qual o maior filho da terra – Pelé – é reverenciado de modo *sui generis*.

Por sua vez, a segunda parte do livro traz textos com a temática das representações, os olhares diversos sobre o futebol. Abrindo esta seção, Francisco Ângelo Brinati analisa como jornais impressos do país trataram as atletas da seleção brasileira feminina de futebol ao longo das Copas do Mundo da categoria. Em "Imprensa sexista e preconceito: as representações das atletas da seleção brasileira feminina de futebol", uma cobertura, por vezes, vilipendiosa sobre a equipe formada por atletas mulheres é abordada com o olhar histórico e crítico, necessário para que se busque o respeito a esta prática esportiva. Partindo de 1991, o primeiro Mundial da Fifa, o texto demonstra as mudanças no discurso da

<sup>12</sup> PEQUENO, *Onde estão as bombas*, 2019.

<sup>13</sup> NEVES, *Nunca houve um homem como Heleno*, 2006.

<sup>14</sup> BLANK, *O príncipe: a real história de Dirceu Lopes*, 2014.

<sup>15</sup> TROLL, *Stinkin Like a Brazilian*, 2010.

imprensa, passando de algo próximo a uma narrativa misógina para uma abordagem mais voltada para o desempenho esportivo em 2019.

A história de um jogador promissor da antiga Alemanha Oriental, e que teve a carreira abreviada pela perseguição de um órgão de repressão estatal do governo socialista, está em "A trágica morte de Lutz Eigendorf e a sombria atuação da STASI no futebol da Alemanha Oriental", de Thiago Carlos Costa. O autor mostra as mudanças na vida do jovem e talentoso meio-campista surgido no Dínamo de Berlim, multicampeão da Oberliga, competição criada no lado socialista do Muro. Eigendorf, após excursão de sua equipe ao lado Ocidental no início dos anos 1980, decide abandonar a equipe Oriental e passa a ser considerado um traidor pelo governo. A partir dali, sua vida seria transformada num inferno, com a trajetória profissional e pessoal ganhando contornos de uma tragédia.

O polêmico uso da tecnologia no futebol é assunto do capítulo "Contra o VAR aos 40 minutos antes do nada". Nele, Vinicius Garzon Tonet se posiciona contra o *Video Assistant Referee* (VAR) ou árbitro de vídeo. Recurso novo que, para o autor, chegou para transformar muito a dinâmica do jogo. Com argumentos poéticos, musicais e literários, refuta a ideia de implantação da inovação no país que, além de ir de encontro ao "estilo brasileiro" de uma "sociedade aberta ao acaso, à contingência, ao imponderável", também acabaria com o aspecto lúdico que envolve o esporte, impondo "olhares robóticos" perfeitos sobre a beleza do imprevisível que os erros humanos proporcionam na arbitragem dentro dos gramados.

A luta por igualdade de gênero no esporte e a importância de atos como os da jogadora Marta, durante a Copa do Mundo de 2019, são abordadas por Luciana Cirino Lages em "Futebol, igualdade e mulheres em campo: entre dribles, políticas e manifestações". A autora parte da análise das redes sociais da atleta brasileira e de outras jogadoras, como a norte-americana Megan Rapinoe, em campanhas para a equiparação salarial entre homens e mulheres no futebol. Mas não fica apenas no campo financeiro, busca também refletir a prática do jogo e as condições oferecidas para a popularização entre as jovens. As dificuldades de se desenvolver políticas públicas para fomentar o jogo entre as mulheres estão como desabafo, mas também alerta para o futuro da categoria no país.

Uma das principais características históricas dos jogadores brasileiros, o uso de apelidos, estaria dando lugar aos nomes de registro, em sua maioria compostos. É o que Rafael Miguel traz em “Apelido é coisa do passado”. Com levantamento histórico e estatísticas de Copas do Mundo, o autor demonstra como, de 2006 para cá, há uma queda de atletas sendo conhecidos por apelidos nos mundiais. Isso faria parte de um processo do que ele chama de “gourmetização” do futebol brasileiro, com uma virada elitista em variadas facetas do esporte mais popular do país nos últimos anos.

Para fechar a seção, “A várzea e a cultura esportiva popular”, de Raphael Rajão Ribeiro, leva-nos ao cenário das disputas varzeanas em Belo Horizonte. O artigo mostra de que maneira a formação de um circuito competitivo e de um calendário próprio contribuíram para a consolidação dos jogos destas equipes amadoras enquanto uma prática de lazer nos bairros periféricos. Com peculiaridades, como o processo de marcação de partidas ou os festivais que movimentavam os finais de semana nesses locais, o futebol de várzea constituiu-se uma cultura esportiva própria e popular na capital mineira.

A terceira e última parte deste livro apresenta três narrativas. “O futebol que me dá nome”, de Ewerton Martins Ribeiro, conta, com muito humor, o motivo da escolha de seu nome pelo próprio pai. Foi em homenagem ao Éverton, atacante do Atlético Mineiro que se consagrou como o 17º artilheiro do clube, com 95 gols, entre os anos de 1984 e 1986. No entanto, o autor nasceu em 1981, ou seja, a história do pai não pode ser “verdadeira” – “mistério da fé, futebolística” –, carecendo de maior investigação.

“O dia em que conheci uma estátua viva”, de Gabriel Gama, narra a cobertura de um jornalista na Copa do Mundo de 2014, mas fora das pautas comuns da mídia. O jogo foi pelas oitavas de final, no Mineirão, entre Brasil e Chile, em um dos albergues de acolhimento espalhados no centro de Belo Horizonte. O objetivo desse trabalho era verificar, sobretudo, se os moradores de rua se sensibilizavam com a seleção brasileira. “Eu sou o que sou” é um dos personagens destacado no texto.

Por fim, Gustavo Cerqueira Guimarães traz “O diário viperino de Miro: fé e futebol”, uma das narrativas da série “*El Minero*: o atletico no fim conhece a América Latina”, publicada no *Ludopédio* ao longo das

campanhas do Atlético Mineiro na Copa Libertadores de 2017, 2018 e 2019. Os textos são uma mistura de crônica, relato de viagem, comentário esportivo e reportagem sobre os jogos, abordando os adversários, as expectativas provocadas por cada partida e as peripécias do autor em suas viagens para acompanhar seu time pela América do Sul. Ao longo desse período, a presença do personagem Miro vai se tornando cada vez mais evidente e os textos se aproximam mais dos gêneros diário e conto, tratando menos sobre o futebol do que as vicissitudes do narrador num dia de jogo do Atlético.

Façamos votos, pois, que as contribuições que compõem este livro também despertem novos olhares para esse que é, sem dúvida, um “fato social total”.

## Referências

- BLANK, Pedro. *O príncipe: a real história de Dirceu Lopes*. Belo Horizonte: Asa de Papel, 2014.
- CAMUS, Albert. *Le Mythe de Sisyphe*. Paris: Gallimard, 1942.
- CAMUS, Albert. *L'étranger*. Paris: Gallimard, 1942.
- CAMUS, Albert *apud* HUMPHREYS, Joe. What does sport tell us about morality? *The Irish Times*, 23 maio 2017. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/culture/what-does-sport-tell-us-about-morality-1.3085289>; acesso em: 10 fev. 2020.
- FOER, Franklin. *How Football Explains the World*. Conwy, UK: Arrow Editorial, 2006.
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *ABC de José Lins do Rego*. São Paulo: José Olympio, 2012.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Mauss, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. v. II, Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: Edusp, 1974.
- NEVES, Marcos Eduardo. *Nunca houve um homem como Heleno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- PEQUENO, Tatiana. *Onde estão as bombas*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2019.
- REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas*. Organizado por Marcos de Castro. São Paulo: José Olympio, 2002.
- REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: Andersen, 1932.
- REGO, José Lins do *apud* MELO, Victor Andrade de; Alvito, Marcos. Apresentação. In: Melo, Victor Andrade de; Alvito, Marcos (orgs.). *Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p. 7.
- TROLL, Rubinho. *Stinkin Like a Brazilian*. CD, Independente, 2010.

## **Crítica**



# Aprender a jogar no viaduto com Tatiana Pequeno

Luis Maffei

Há muitas maneiras de se chegar a *Onde estão as bombas*, de Tatiana Pequeno,<sup>1</sup> muitas portas, giratórias todas: a relação entre metáfora e antimetáfora, a política, a insubmissão do corpo, violência, violências, o que se dá entre os poemas e seus títulos etc. Ufa. Tudo isso, como eu disse, são portas. Neste momento, podemos nos imaginar, quem lê este texto e eu, diante daqueles corredores de filmes mais ou menos baratos ou de pesadelos mais ou menos torturantes, onde se veem diversas portas, e temos de escolher uma. A que quero abrir nos levará a um cômodo pequeno, pois recolhe um problema menor dentro da economia do livro – e a economia desse livro é generosa, não apenas por seus mais de 50 poemas, mas por nos apresentar mesmo aquela quantidade de portas que imaginei de modo tão pobre.

Minha, nossa porta dará em espaço exíguo, mas não nos esqueçamos de que, eu disse, essas portas giram, e não em torno dos próprios eixos. Portanto, breve o cômodo, mas vertiginoso, pois pode nos arremessar a outros. Essa porta é a do futebol. A poesia de Tatiana Pequeno não tem no futebol um tema recorrente. O belo e violento esporte bretão é, ali, lugar de visitação, não rara, mas tampouco comum. Digo não rara, tampouco incomum, porque três dos 50 e poucos poemas do livro chegam ao futebol, de modo mais ou menos frontal. S  três, mas três não   número assim tão escasso. Então, antes de seguir, digo duas coisas:

<sup>1</sup> PEQUENO, *Onde estão as bombas*, 2019.

1) a relação da poesia de Tatiana com o futebol é diagonal, indireta, mas capaz de produzir um jogo (!) em expansão entre sentido e presença; 2) ler *Onde estão as bombas* por esse viés nos permite chegar a outros lugares, mais próximos a alguns dos *leitmotiv* que esse belo livro apresenta.

Chego logo ao primeiro dos três poemas que jogam bola:

### ***expertise***<sup>2</sup>

*para o gustavo*

deve ter uns vinte anos que passo  
naquele viaduto e leio há tempos  
a mesma frase que diz comovida

vitória consagradora do jorginho

creio ter a ver com a vitória do  
brasil na copa de 1994 e de como  
o jogador chamado jorginho, grande  
lateral direito, superou o descrédito  
de uma seleção brasileira burocrática  
no maior torneio eliminatório das américas

não sei bem por que a frase permanece lá  
depois de tanto sol tantas obras tanto pó  
e só consigo pensar no gesto de alguém  
um homem  
comprando pincel e tinta branca e indo  
escrever no concreto uma declaração  
pública de identificação íntima com o  
jogo e a superação daquele jorginho  
que, ao mesmo tempo, compunha parte  
das figurinhas que tive no álbum da

<sup>2</sup> Este poema foi publicado pela primeira vez justamente no volume inaugural (v. 1, n. 1) da revista FuLiA/UFMG (2016), organizado por Elcio Cornelsen e por mim, com o tema "Jogar sem bola: pensando o futebol". O poema, que teve no periódico sua primeira ida ao mundo, lá se intitula "A descoberta do mundo depois da Copa de 1994" e apresenta, em relação à versão de *Onde estão as bombas*, algumas diferenças. A mais significativa delas é certamente o final. O poema como era há alguns anos está disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fullia/article/view/11089/9799>.

campanha futebolística de 1994 embora de minha parte houvesse mesmo um encanto pelo ricardo rocha, zagueiro espiritual de verve vascaína e nordestina que conheci por ter irmã de maiô competitivo preto e branco, ginasta.

nós, as meninas, em 1994, queríamos falar dos jogos, do nervosismo do dunga mas a mim, na oitava série, diziam era que jamais me casaria com leonardo, aquele que foi expulso no jogo contra os americanos por ter acertado uma pontiaguda cotovelada.

lembro da vitória consagrada do jorginho e sei que após os jogos esta frase fazia sempre muito sentido no tempo que se seguiu e penso que tenha a ver com a adversidade que soube anos depois a caminho da faculdade na ilha distante do fundão [...]

[...]

e assim, a verdade é que jamais fui muito de jogos – além de nunca ter ido adiante com o vôlei no bonussucesso futebol clube – entendi que mais que conhecer o jorginho, queria mesmo era saber do autor do piche, conhecer o motivo da sua inscrição, reconhecê-lo como autor não de uma ajuda mas de uma suspeita que por mais de vinte anos perdurou pela consagração de um personagem que ao vencer nos salva a ponto de agradecermos por meio de uma escrita algo como obrigado, jorginho pelo seu jogo, nele me identifico porque sei que preciso vencer esse concreto porque sei que preciso passar esta linha vermelha porque

sei que preciso aprender a jogar bola porque  
um dia pensei que um livro fosse escrever sobre  
essa vitória consagradora                      mas não foi<sup>3</sup>

Será mesmo o lateral revelado pelo América o Jorginho da frase urbana, suburbana? Aliás, a poesia de Tatiana é suburbana, como gesto político em vários níveis. Sou habitante de lugares afins ao da poetisa: habitamos um Rio de Janeiro onde tudo, ou quase tudo, se passa, como se diz, do Túnel Rebouças ou Santa Bárbara para lá, e lá é a Zona Sul. Ela e eu moramos para cá, e a relação dela com a cidade começa em lugares ainda menos cariocamente ilustráveis que a minha, e durante certo tempo também dela, Tijuca. O subúrbio, pois. E uma poesia suburbana, especialmente nesta cidade míope, é necessariamente: corajosa, experimental (mesmo do lugar que habita e dos que pode habitar) e, acima de tudo, atenta ao que está também no lugar de subalternidade. Por isso é que o “encanto” é pelo Ricardo Rocha, “zagueiro/ espiritual de verve vascaína e nordestina”. Reparemos: o beque bigodudo convoca o olhar da jovem por estar em dois lugares, por assim dizer, marginalizáveis, curvilíneos, suburbanos: o Nordeste e o Vasco, único dos clubes grandes da cidade que se situa na Zona Norte, longe de Botafogo, do Leblon e de Laranjeiras, e se orgulha muito disso.

Tatiana e eu também dividimos um percurso acadêmico-profissional comum, que começa na Faculdade de Letras da UFRJ e desemboca na docência, na UFF. Por isso, não desconheço o caminho que ela fez muitas vezes, com muita Linha Vermelha nos olhos – a via foi inaugurada, numa espécie de canto do cisne de Brizola, justo em 1994, ano daquela Copa. Eu já estudava no Fundão desde 1993, Tatiana passaria a frequentar aquela ilha uns tempos depois. *Onde estão as bombas* talvez se possa dizer que investiga muitos trânsitos, paisagens cinzentas, viadutos, imagens que têm a ousadia de escapar a controles como bom-gosto e erudição – não espanta a citação, por exemplo, a uma viagem ao Paraguai que promete ter como cume o brinquedo assassino Chucky no videocassete em *l'air*

<sup>3</sup> PEQUENO, *Onde estão as bombas*, 2019, p. 19-21.

*dum temps*<sup>4</sup> –, e isso é acompanhado de uma claríssima erudição, em poemas carregados de intertextos, sutis ou declarados. Mas o que joga o jogo é mesmo a localização da poesia, tratada como muamba (coisa barata, mas cheia de afeto) em outro lugar – chamo atenção para as inúmeras vezes em que um vocábulo cai (verbo tão *suburbano*, *pecaminoso*, *cruzmaltino*...) de um verso a outro; no caso de “expertise”, a palavra é “con/ sagração”: sagram-se juntos o “jorginho” (não nos esqueçamos, um “lateral”, e essa palavra é explorada de modo polissêmico) e o “autor do piche”, que precisamos, aos olhos sagazes de quem olha o que poucos veem, reconhecer. O uso é irônico porque sugere um reconhecimento de tipo canônico, e, como o autor da frase é anônimo, sempre estará fora dos cânones que adoram autores e autorias. Resta, sem ironia, um reconhecimento como gesto ético, distinção e acolhimento, bem na medida do que pensa uma autora como Judith Butler.

Um poema como “expertise” (Onde estão as bombas é um livro de minúsculas) me soa, por assim dizer, lispector-seniano: da epifania mundana que tanto fascinou Clarice Lispector à investigação humanista, e às vezes suburbana (não obstante os museus), de Jorge de Sena. E o futebol é um desses motores epifânicos, não por causa de belas jogadas, mas pelo jogo que ele permite jogar entre sentido e presença, e penso na produção de presença que tanto move o pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht, que a articula à incontornabilidade da produção de sentido no *ethos* ocidental. Da epifania à experiência arriscada do poema, o livro não escreve “essa vitória consagrada”, mas, a partir dela, ou melhor, a partir da sua inscrição no concreto da parte não turística da cidade, inscreve a aprendizagem de “jogar a bola”. Talvez se tenha dado a descoberta do mundo do título antigo, o que nos põe ante um poema de aprendizagem, com “esta linha vermelha” passada, mas não a dúvida ou o *pathos* – não é significativo que os quatro jogadores citados tenham lidado com alguma ferida? O escorpiano Dunga é lembrado pelo seu nervosismo; Ricardo Rocha contundiu-se no jogo de estreia e não mais voltou a campo no Mundial; Leonardo, como o poema diz, atacou o rosto de Tab Ramos no jogo das oitavas de final e também não jogou mais; e

<sup>4</sup> PEQUENO, *Onde estão as bombas*, 2019, p. 16-18.

Jorginho teve uma lesão que o forçou a abandonar a final contra a Itália, ainda no primeiro tempo, dando lugar a Cafu. Tirando o zangado Dunga, Ricardo, Leonardo e Jorginho foram os jogadores daquele time, os únicos, aliás, tocados por ferimento próprio ou alheio.

Cito a íntegra do segundo poema de *Onde estão as bombas* a referir o futebol:

### ***um a um***

distante, ao longe, uma tv conta a história  
de um jogo longo e tenso entre homens  
(há muito tempo não assisto a eles jogando  
perdi o interesse pela corrida  
os olhos com que olho são de alívio  
nunca houve espaço para mim  
na condição das divididas)  
na tv as vozes preparam os meninos  
para serem sempre meninos  
enquanto aos oito eu cuidava da casa  
e aprendia a arte de livrar o limo  
mais antigo dos ladrilhos  
ao fundo do quarto, a cama de casal,  
eu e ela, certamente mais leves  
depois do despojamento esportivo  
agora escrevo no cômodo dos livros  
e o que mais amo está desenhado  
na rede onde dormem os gatos  
ou na lombada vertical deste mundo  
de nomes hoje mais femininos que  
masculinos

(pensando bem, agora entendo  
sempre fui craque  
na condição das divididas)<sup>5</sup>

<sup>5</sup> PEQUENO, *Onde estão as bombas*, 2019, p. 28.

O futebol, na poesia de Tatiana Pequeno, é mesmo assunto “distante, ao longe”. Mas, como eu já escrevi, essa é uma poética que presta “pontaguda” atenção ao mundo. No poema, o futebol gira, entre outras direções, para a crítica do uso desse jogo como reforço de uma masculinidade patriarcal e violenta, que, ainda, não obstante algumas mudanças visíveis, mas embrionárias, preconceitua e ataca o feminino. Tanto “expertise” como “um a um” são poemas em que o futebol ajuda a reconstrução de memória. O poema recém-citado refere-se ao esporte de Marta a contrapelo, indicando que se afastar dele foi o que permitiu à mulher que fala afastar-se também de um falocentrismo que rege a relação brasileira com o futebol.<sup>6</sup> É nesse sentido que o “um a um” se abre a muitas leituras – o placar do jogo terminou empatado, mas esse empate tem a ver com a descoberta de uma sexualidade “eu e ela”: primeiro, a menina e a cama; depois, dois femininos em cama, livres, pois, do falo. Trata-se de um *pacto*, ideia ao fundo da palavra “empate”. Pacto tem também vocação política. Esse *empate* “eu e ela”, portanto, é, ele próprio, um enfrentamento de um mundo que se mostra especialmente no discurso em torno do futebol, pois “na tv as vozes”, necessariamente de homens, “preparam os meninos/ para serem sempre meninos” – é por essas e outras que, quando vejo futebol na televisão, desligo o som.

Múltipla também é a legibilidade de “dividida”. Palavra que, no vocabulário futebolístico, indica situação de jogo em que a bola é

<sup>6</sup> Celebrando glória recente de seu time, que goleou o adversário em jogo que prometia ser difícil, certo torcedor, um professor universitário da área de humanas, que se declara politicamente de esquerda e milita em uma importante Federal, publicou no Facebook a seguinte mensagem, da menos romântica irônica: “Não sabia que a Globo passava pornografia a essa hora. Fudelança. Uma vergonha”. Negativamente surpreso, comentei: “R., meu caro, cuidado. Pelo que entendo, sexo é algo bacana quando ambos os parceiros gostam. Quando um gosta e o outro não, me sabe a estupro, e não há nada mais falocêntrico que a violência sexual. Precisamos ter cuidado com as velhas metáforas sexuais no futebol e outras zonas da vida, especialmente as que associam foder à vitória e ser fodido à derrota: além de inevitavelmente machista, é uma redução da ‘fudelança’ à velha relação de domínio (vide a Bíblia, por exemplo, condenando o que hoje chamamos de homossexualidade inclusive pelo lugar passivo, logo feminino, ocupado por um dos participantes), que, penso, devemos (esse nós é a esquerda, a universidade, o pensamento etc.) combater”. Além do eloquente (ou embaraçado?) silêncio de R., recebi comentários cujo conteúdo variava entre um pretenso humor, do tipo não-se-pode-mais-brincar-com-nada-por-causa-do-politicamente-correto, e ataques a meu textinho. Ou seja, essa masculinidade poluída está realmente entranhada no discurso sobre o futebol, e custará um trabalho imenso, cujo êxito eu não testemunharei em meu tempo de vida – nem meu filho mais velho, Ingmar (1994), amante do jogo como eu. Talvez Dioniso (2011)... – aboli-la.

disputada com força e risco, não estando sob a posse de ninguém (em entrelugar, talvez), no poema gira para duas direções, distintas, mas afins; por um lado, a voz lírica revela nunca ter tido espaço “na condição das divididas”: está fora do jogo, das brincadeiras de rua com bola etc. Essa mulher, porém, na estrofe final, outra epifania em *Onde estão as bombas*, revê a exclusão entendendo que se tornou “craque” justo na “condição das divididas”, ou seja, em vivências que, a partir da divisão, do corte que imposto a corpos e mentes femininos e/ou de sexualidade não heteronormativizada, constroem possibilidades de junção, “um a um”, num afeto cheio de gesto revolucionário. Em outras palavras, é na divisão (vocábulo, aliás, também futeboleiro, pois campeonatos têm divisões), portanto na política, pois só há política se assumirmos um lugar *partido*,<sup>7</sup> que se afirma uma voz que performa, por exemplo, a sedução (com certo sabor dos poemas que Camões ofereceu a algumas damas) “das divididas”, que agora leio também caracterizando pessoas ainda em dúvida sobre ceder ao jogo sedutor. O poema só revela a mestria de quem o diz, mulher já experiente, após ter revelado a experiência dela em um ambiente pleno de amor, um “mundo/ de nomes mais femininos que/ masculinos”.

O poema final de *Onde estão as bombas*, “necrobrasília”, tem como ensejo o 31 de março de 2019. O texto diz do horror da impossibilidade de abandonar um país que caminha a passos largos para uma nova edição, em trajes distintos, mas talvez não menos violentos, do regime instaurado em 1964. A horrenda impossibilidade se deve aos laços aqui estabelecidos, à limitação financeira e, acima de tudo, a razões afetivas, éticas, pedagógicas:

[...]  
como iremos embora  
se temos três gatos  
como iremos embora  
se temos vozes tão

<sup>7</sup> Por isso, é tão totalitário um dos slogans da campanha de Jair Bolsonaro na eleição de 2018, “Meu partido é o Brasil”. Se *um* partido é o Brasil, o Brasil não estará mais dividido, democraticamente, entre posições políticas distintas que precisem negociar, prática por excelência democrática; pelo contrário, será *um* imenso partido, não mais partido, pois inteiro, íntegro, absolutista, sem divergências.

diferentes  
como iremos embora  
juntando dinheiro que  
não temos  
como iremos embora  
neste instante em que  
dura  
a catástrofe e uma aula precisa  
ser dada entre as ruínas  
[...]<sup>8</sup>

Mais adiante, a indicação da data atroz e da casual realização, naquele dia, de certo jogo: “[...]/ neste dia de aniversário/ 55 anos do golpe militar/ em que há pouca gente na rua/ a não ser pelo vasco x flamengo/ [...]”.<sup>9</sup> A partida foi a final da Taça Rio, que terminou 1 a 1 (na disputa por pênaltis, 3 a 1 para o Flamengo). A referência ao jogo é delicada, breve, e indica a mobilização que o futebol foi capaz de fazer naquele domingo quente.<sup>10</sup> Talvez Tatiana goste de saber que o coletivo Esquerda Vascaína, grupo que reúne torcedores do Vasco que entendem o futebol ser lugar político (no sentido revolucionário, claro), estendeu uma memorável bandeira na arquibancada do Maracanã, na qual se lia “Ditadura nunca mais”<sup>11</sup> – coletivos como esse têm surgido entre as torcidas de vários clubes brasileiros. Espanta-se o poema, e termina:

se formos  
se realmente formos

para  
onde  
vamos

?<sup>12</sup>

<sup>8</sup> PEQUENO, *Onde estão as bombas*, 2019, p. 88.

<sup>9</sup> PEQUENO, *Onde estão as bombas*, 2019, p. 89.

<sup>10</sup> Foi neste jogo que Dioniso entrou pela primeira vez no gramado do Maracanã, junto com o time do Vasco, ao lado de Yago Pikachu – com quem ele já entrara na Colina, meses antes.

<sup>11</sup> Um dos diversos endereços eletrônicos onde se pode ver a foto desta bandeira é <http://www.netvasco.com.br/n/228153/torcida-do-vasco-leva-bandeira-ao-maracana-com-os-dizeres-ditadura-nunca-mais>.

<sup>12</sup> PEQUENO, *Onde estão as bombas*, 2019, p. 90.

Esses versos finais de susto e bomba posta no colo de quem os lê, também poderia ser uma porta de entrada deste livro. Entrei nele, ou melhor, cheguei a seu limiar pelo futebol, porta que me permitiu girar em alguns sentidos também em rotação, para brincar com aquele mexicano que escreveu (de) poesia. Em movimento constante, esses poemas sempre políticos nos convocam a uma experiência de sentido e presença (mais que o jogo, o viaduto e as pessoas na rua), ensinando-nos que é o, a, cinza, sem gol algum, o lugar onde se inscreve uma vitória realmente consagradora, “incomensurável/ como a paixão nas tragédias/ incomensurável/ como as mordidas das mães”.<sup>13</sup>

## Referências

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo* – crítica da violência ética. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença* – o que o sentido não consegue transmitir. Tradução de Ana Isabel Soares. Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2010.

PEQUENO, Tatiana. *Onde estão as bombas*. Juiz de Fora: Macondo, 2019.

<sup>13</sup> PEQUENO, *Onde estão as bombas*, 2019, p. 65.

# Heleno, um *homem trágico*

Elcio Loureiro Cornelsen

## A tragédia na trajetória de um craque

Em 08 de novembro de 2019, foram completados 60 anos da morte de Heleno de Freitas, um dos ícones do futebol brasileiro. “Gênio atormentado e temperamental, galã dentro e fora de campo”, “dependente de drogas, sífilítico, louco internado em manicômio”, detentor de uma “vida alucinante e curta”:<sup>1</sup> essas são algumas expressões veiculadas na oreilha da capa do livro *Nunca houve um homem como Heleno*, biografia do craque, de autoria do jornalista e escritor Marcos Eduardo Neves, cuja primeira edição data de 2006, em que Heleno de Freitas é apresentado como uma figura, ao mesmo tempo, polêmica e trágica, um “protagonista incrível”.<sup>2</sup>

Baseado na filosofia do trágico, como postulada pelo filósofo alemão Friedrich Wilhelm Joseph Schelling nas *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo*,<sup>3</sup> Gilmário Guerreiro da Costa assim interpreta a tragicidade como um movimento dialético entre liberdade e aniquilamento, que pode conduzir o sujeito ao perecimento:

A tragicidade fomenta uma luta incansável pela liberdade, ainda que sob o risco de aniquilamento do sujeito. O cerne do argumento

<sup>1</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, capa.

<sup>2</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, capa.

<sup>3</sup> SCHELLING, *Cartas filosóficas sobre dogmatismo y criticismo*, 2009 [1795]. (Tradução minha).

de Schelling reside nessa contradição. Contrapõem-se uma potência objetiva e a nobreza do herói. Este se volta contra a tirania da primeira, no que tem de castradora da liberdade do sujeito, mas nessa luta o herói sucumbe, fazendo, na queda, elevar-se a liberdade advinda da decisão que tomou. Não raro a luta contra a perda é justamente a causa de os heróis perderem-se.<sup>4</sup>

Não é, pois, por acaso que encontramos atributos contraditórios na trajetória de Heleno de Freitas, como uma espécie de índice e, ao mesmo tempo, de força motriz que o conduzirá ao ápice do trágico, com sua morte, aos 39 anos de idade. Nesse sentido, “[o] paradoxo urde seus fios trágicos”.<sup>5</sup> E é justamente uma vida paradoxal que parecia mover Heleno de Freitas. Como bem aponta Márcia Barros Valdívnia,

[a] vida de Heleno foi intensa, o exagero estava presente a todo o tempo, estivera sempre muito bonito, muito elegante, muito perfumado, muito atraente, muito amável, muito amante, muito alegre, eufórico, vitorioso e amoroso, mas também muito agressivo, muito ausente, muito ferido, muito triste, muito desleixado, desarrumado, odioso e embriagado.<sup>6</sup>

Por sua vez, se tomado no âmbito do teatro, o trágico abrange também questões de ordem estética. De acordo com Joyce Neves de Campos, com base na *Poética*, de Aristóteles, “[a] ação na tragédia é comumente retratada em íntima relação com o destino do herói, de modo que, atualmente, é difícil alguém se referir à tragédia sem identificá-la com a fatalidade e com a catástrofe que marcam o texto trágico”.<sup>7</sup> “Fatalidade” e “catástrofe”: sem dúvida, dois fatores na trajetória do herói trágico.

Portanto, a vida como drama trágico, assim como no teatro, apresenta um esquema, no qual o sujeito, ao agir no sentido de superar um impasse ou uma dificuldade, acaba sucumbindo. Tal esquema parece delinear a trajetória trágica de Heleno de Freitas, como veremos a seguir.

<sup>4</sup> COSTA, Tragédia, finitude e os impasses da filosofia do trágico, 2010, p. 48.

<sup>5</sup> COSTA, Tragédia, finitude e os impasses da filosofia do trágico, 2010, p. 49.

<sup>6</sup> VALDÍVIA, As múltiplas faces e a beleza de Heleno de Freitas: entre a boemia, o futebol, os lenitivos e a loucura, 2015, p. 48-49.

<sup>7</sup> CAMPOS, Ação, destino e deliberação na tragédia grega e na ‘Ética’ aristotélica, 2012, p. 15.

## Heleno e a escrita da vida

A biografia, considerada um “gênero híbrido”, ou mesmo um “gênero impuro”, como afirma o teórico francês François Dosse,<sup>8</sup> move-se entre as noções de “realidade” e de “imaginação”: “Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da ‘mimesis’, e o polo imaginativo do biógrafo”.<sup>9</sup> Tal tensão deriva, no gênero biográfico, da relação entre a dimensão histórica e a dimensão ficcional que perpassam o relato: “A imaginação é explicitamente requerida para compensar as insuficiências documentais e o resgate impossível do passado”.<sup>10</sup>

Portanto, na escrita (grafia) da vida (bio) de determinada personalidade, o recurso à ficção torna-se algo inevitável. Se, por um lado, do mesmo modo que um historiador, o biógrafo costuma lançar mão de diversos materiais e fontes para construir, textualmente, a trajetória do biografado – que assume traços de autêntica personagem –, por outro, em seu trabalho, como bem ressalta François Dosse, “o biógrafo deve apelar para a imaginação em face do caráter lacunar de seus documentos e dos lapsos temporais que procura preencher com a própria vida”.<sup>11</sup>

O jornalista e escritor carioca Marcos Eduardo Neves autor de livros como *Anjo ou demônio: a polêmica trajetória de Renato Gaúcho*,<sup>12</sup> *Vendedor de sonhos: a vida e a obra de Roberto Medina*,<sup>13</sup> *O maquinista: Francisco Horta e a incrível máquina tricolor*,<sup>14</sup> *Alex, a biografia*<sup>15</sup> e *Nunes: o artilheiro das decisões*,<sup>16</sup> entre outros, assumiu esse desafio de escrever também sobre a vida de Heleno de Freitas. Em entrevista concedida ao site *Central 42*, publicada em 24 de agosto de 2012, o escritor afirma sua predileção por dedicar-se à vida e à obra de diversas personalidades, sobretudo do âmbito esportivo: “Minha predileção por biografias tem menos a ver com minha profissão de jornalista e mais pelo fato de eu

<sup>8</sup> DOSSE, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, 2009, p. 55.

<sup>9</sup> DOSSE, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, 2009, p. 55.

<sup>10</sup> DOSSE, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, 2009, p. 69.

<sup>11</sup> DOSSE, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, 2009, p. 55.

<sup>12</sup> NEVES, *Anjo ou demônio: a polêmica trajetória de Renato Gaúcho*, 2002.

<sup>13</sup> NEVES, *Vendedor de sonhos: a vida e a obra de Roberto Medina*, 2006.

<sup>14</sup> NEVES, *O maquinista: Francisco Horta e a incrível máquina tricolor*, 2009.

<sup>15</sup> NEVES, *Alex, a biografia*, 2015.

<sup>16</sup> NEVES, *Nunes: o artilheiro das decisões*, 2018.

gostar de gente e fatos. Meus livros trazem histórias interessantes com pitadas de História propriamente dita. Adoro trabalhar assim”.<sup>17</sup>

Inspirado por Ruy Castro, jornalista e um dos principais escritores de biografias no país, com obras como *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*,<sup>18</sup> *Bilac vê estrelas*,<sup>19</sup> *Carmem, uma biografia*<sup>20</sup> e a já clássica biografia de Garrincha, *Estrela solitária*,<sup>21</sup> Marcos Eduardo Neves se autodefine como um “operário das palavras”. Com relação à sua principal obra lançada até o presente momento, *Nunca houve um homem como Heleno*, como seria de se esperar, o escritor pautou seu trabalho por um minucioso estudo sobre o polêmico craque, atestado pelos paratextos que compõem o livro: várias fotos, uma vasta bibliografia, um conjunto de notas e um sumário de jogos e gols. Um dos paratextos, o texto de orelha da capa, também indica esse trabalho com fontes: “Com documentação histórica e depoimentos de quem presenciou os fatos, ele acompanha a trajetória do atleta desde o nascimento, na pequena cidade de São João Nepomuceno, até o final de vida dramático”.<sup>22</sup>

Além do trabalho minucioso com materiais e fontes, como modo de acesso ao verídico, Marcos Eduardo Neves estrutura o relato biográfico sobre Heleno de maneira cronológica – aliás, um dos procedimentos comuns no gênero biográfico, apontados por François Dosse.<sup>23</sup> Apenas o primeiro capítulo da obra, intitulado de “Gilda!”<sup>24</sup> está fora do eixo cronológico, pois apresenta o ano de 1947 e enfoca duas partidas, sendo a primeira delas o confronto disputado entre Fluminense e Botafogo, nas Laranjeiras, quando um amigo do “Clube dos Cafajestes”, torcedor do tricolor carioca, gritou da arquibancada “Gilda!” no momento em que o craque pegou na bola, e a multidão nas arquibancadas passou a entoar o coro “Gilda! Gilda! Gilda!”. Assim registra o biógrafo tal episódio: “Gilda remetia à personagem de Rita Hayworth no filme homônimo de Charles

<sup>17</sup> HELIODORA. Um papo com Marcos Eduardo Neves, escritor de ‘Nunca houve um homem como Heleno’, 2012.

<sup>18</sup> CASTRO, *O Anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*, 1992.

<sup>19</sup> CASTRO, *Bilac vê estrelas*, 2002.

<sup>20</sup> CASTRO, *Carmem, uma biografia*, 2005.

<sup>21</sup> CASTRO, *Estrela solitária*, 1995.

<sup>22</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, capa.

<sup>23</sup> DOSSE, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, 2009, p. 56.

<sup>24</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, p. 9-12.

Vidor, que estreara cinco dias antes na cidade. Não havia apelido melhor. Gilda era mulher linda, glamorosa e temperamental”.<sup>25</sup> Assim, produz-se, na narrativa, uma associação entre a personagem do filme *Gilda*,<sup>26</sup> protagonizada pela estrela de cinema Rita Hayworth, e Heleno, qual uma personagem romanesca, representado também como uma estrela: “E um penteado à base de gomalina que, aliado à beleza física, dava-lhe um ar de Rodolfo Valentino de chuteiras. Era uma vedete”.<sup>27</sup>

A outra partida enfocada no capítulo inicial da obra foi disputada em 12 de outubro de 1947 e reuniu as equipes do Botafogo e do América, em General Severiano. Na partida, Heleno repetira o excelente desempenho que tivera contra o Fluminense e assinalara três gols para o time da estrela solitária, que venceria a partida. Ao final do jogo, Heleno foi carregado em triunfo pelos companheiros, cena assim narrada pelo biógrafo:

O árbitro apitou o fim da batalha, Botafogo 3 x 2. Imediatamente os companheiros alvinegros o carregaram em triunfo. Era normal que torcedores, enlouquecidos, *invadissem o campo e suspendessem seus heróis nos ombros*. Mas os próprios jogadores, era um fato novo. *Uma prova de que era mesmo diferente. De que nunca houve um homem como Heleno*.<sup>28</sup>

Mais do que indicar, na última frase do texto do capítulo “Gilda!”, a origem do título da própria obra, o biógrafo realiza um determinado gesto intencional: o de marcar o início de sua narrativa por meio de elementos que constituem a personagem Heleno como um “herói” singular, “diferente”. Nos demais 26 capítulos que compõem *Nunca houve um homem como Heleno*, todos marcados cronologicamente, de 1920 a 1959, tal herói assume traços de tragicidade, numa curva que culminará com o fim da carreira, o internamento em um sanatório, na cidade de Barbacena, e com a morte prematura, aos 39 anos de idade.

Mais uma vez, nesse quesito de conformação do personagem Heleno, Marcos Eduardo Neves atende a um segundo procedimento

<sup>25</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, p. 10.

<sup>26</sup> VIDOR, *Gilda*, 1946.

<sup>27</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, p. 9.

<sup>28</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, p. 12. (grifos nossos).

comum em relatos biográficos: o de manter a centralização do foco no “herói da biografia”. Segundo o teórico François Dosse, é regra “nunca descentralizar demais o herói da biografia, nunca fazê-lo desaparecer no pano de fundo”.<sup>29</sup> E o episódio apresentado em “Gilda!” também parece atender a esse preceito: “É mesmo a busca desses detalhes mais anedóticos, porém mais reveladores da personalidade do biografado, que constitui o fascínio e o sentido do gênero biográfico”.<sup>30</sup>

Teríamos, ainda, um último aspecto fundamental do gênero biográfico a ressaltar, que nos ajuda a analisar a obra *Nunca houve um homem como Heleno*: os três polos constituintes da biografia – o autor, o narrador e o personagem. Como nos lembra François Dosse, por um lado, pode haver uma identidade entre o autor/biógrafo e o narrador/sujeito da enunciação (elemento discursivo), mas este será heterodiegético, ou seja, exterior, aquele que “se ausenta da história que conta”,<sup>31</sup> distinguindo-se, assim, da figura biografada. Esse aspecto é fundamental para a produção do relato biográfico, pois é justamente a regulação de tal “distância” entre narrador e biografado que determina a oscilação entre a “onisciência” e a “exterioridade total”. Enquanto esta última se associa ao discurso histórico, a primeira diz respeito ao discurso ficcional, pois tem o poder de transformar o biografado em personagem romanesca.

Em algumas passagens de *Nunca houve um homem como Heleno*, é exatamente essa a impressão que temos: a de que o biógrafo tece a narrativa como se escrevesse um romance. Vejamos a seguinte passagem do capítulo “Um astro de Hollywood”, o 16º do livro, que assinala o ano de 1947, o mesmo do capítulo inicial, e, mais uma vez, o episódio em torno do apelido “Gilda”, nas Laranjeiras: “Ao fim do jogo, pelo menos, enquanto com um pente ajeitava os lisos cabelos para as fotos, *pôde sorrir, sarcástico*, para as arquibancadas tricolores. Botafogo 2x1”.<sup>32</sup> Evidencia-se, pois, a onisciência do narrador autoral, que descreve gestos e tem acesso ao estado de ânimo do biografado, sendo que este assume,

<sup>29</sup> DOSSE, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, 2009, p. 56.

<sup>30</sup> DOSSE, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, 2009, p. 56.

<sup>31</sup> DOSSE, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, 2009, p. 95.

<sup>32</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, p. 159. (grifos nossos).

dessa forma, traços romanescos. Trata-se de um expediente recorrente ao longo do texto.

Tal aspecto também é de suma importância para a constituição do “herói” biográfico, cuja trajetória será marcada pelo trágico. Nesse mesmo capítulo, Heleno é apresentado em sua negatividade, como um “anti-herói”:

Embora soberbo nas quatro linhas, fora delas estava irreconhecível. Quase não conversava mais, e até seus breves comentários, antes irônicos, eram agora amargos. [...]

Heleno excedia-se em reclamações. Em 15 de junho, na Gávea, passou dos limites. Na derrota para o Fluminense por 6x4, possuído de incomum irritação, desrespeitou inúmeras vezes o árbitro e, ao agredir com requintes de covardia o tricolor Guálter, foi expulso de campo, para alívio até dos companheiros. Indignada, a federação deu-lhe quatro jogos para refletir em casa sobre as atitudes descabidas. Desgraça pouca é bobagem, foi também suspenso por dois meses pela nova direção do Botafogo. Fato de grande repercussão na cidade.<sup>33</sup>

Por fim, no capítulo “Sombras da loucura”, o antepenúltimo do livro, que assinala o período de 1952 a 1954, já em franca decadência, cada vez mais, o personagem Heleno é apresentado em sua tragicidade:

Heleno sofria. Não entendia como perdera de uma hora para a outra os contatos sociais; logo ele – havia pouco tempo, um ídolo. Orgulhoso, tentava mascarar-se, mas seu aspecto era outro, suas roupas idem, estava fisicamente decomposto. E sem um pinga de autocrítica. Constantemente pagava vexames perante amigos do Botafogo. Se antes gastava rios de dinheiro no bom e no melhor, agora mendigava para cheirar éter. Virara objeto de escárnio. Um morto-vivo a perambular por Copacabana. Não havia dúvidas de que era preciso interná-lo. O problema era convencê-lo.<sup>34</sup>

Sua curva trágica vai sendo constituída, cronologicamente, a cada passo, do destempero que o levou a ser diagnosticado como “maníaco depressivo” ao diagnóstico de sífilis:

E em 13 de outubro de 1954, após a punção lombar, finalmente foi constatada a sífilis, em último grau. A doença, adquirida em seus contatos descuidados, era endêmica: tomara-lhe o cérebro; não

<sup>33</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, p. 155.

<sup>34</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, p. 243.

havia mais como contê-la. Nem os poderosos antibióticos, àquela altura, poderiam resolver.

Anunciado em definitivo o fim do craque-galã, a vida para Heleno de Freitas, aos 34 anos, tornava-se uma ampolheta em contagem regressiva.<sup>35</sup>

Tal passagem da biografia expõe a franca decadência do herói trágico, submetido a uma provação irreversível, com seus dias contados para a visita da morte.

## **A escrita da vida de um herói trágico**

Quando avaliamos os números de Heleno de Freitas, é inevitável a surpresa com o que deve ter sido o seu alto desempenho na carreira futebolística. Um dos paratextos de *Nunca houve um homem como Heleno*, o "Sumário de jogos e gols",<sup>36</sup> revela números impressionantes: ao todo, Heleno teria disputado 304 jogos oficiais, assinalando um total de 249 gols, sem contar os jogos e gols assinalados na Colômbia, na chamada "Liga Pirata", atuando pelo Atlético Junior, da cidade de Barranquilla. Embora tenha atuado pelo juvenil do Fluminense, sua carreira profissional fez-se no Botafogo, no período de 1939 a 1948. O período de 1941 a 1947, sem dúvida, como mostram os números, foi uma época áurea do craque, podendo ser considerado o grande jogador brasileiro daquela década: em 1941, foram 37 jogos e 30 gols; em 1942, 32 jogos e 34 gols; em 1943, 28 jogos e 24 gols; em 1944, 28 jogos e 24 gols; em 1945, 27 jogos e 22 gols; em 1946, 33 jogos e 42 gols; em 1947, 26 jogos e 19 gols.

Por sua vez, sua passagem pelo Club Atlético Boca Juniors, em 1948, já não foi tão exitosa: foram 17 jogos e apenas sete gols. De volta ao Rio de Janeiro, em 1949, defendendo as cores do Clube de Regatas Vasco da Gama, no célebre "Expresso da Vitória", Heleno de Freitas voltou a apresentar números igualmente expressivos: foram 24 jogos com a camisa cruzmaltina e um total de 19 gols. Atuou também no Atlético Junior Barranquilla, da Colômbia, em 1949-1950, pelo Santos Futebol Clube – aliás, sem nenhuma atuação em jogo oficial – , pelo América do Rio, em 1951, em que realizou apenas uma partida oficial, sua estreia no

<sup>35</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, p. 251.

<sup>36</sup> NEVES, *Nunca houve um homem com Heleno*, 2012, p. 293-299.

Maracanã, na qual foi expulso aos 25 minutos de jogo, e teve atuações tanto pela seleção carioca quanto pela seleção brasileira, sendo que o seu melhor ano com a camisa da seleção foi 1945, com sete jogos e nove gols, além de ter se sagrado campeão da Copa Roca, em 1945, e da Copa Rio Branco, em 1947.

Para além desses números, o relato biográfico *Nunca houve um homem como Heleno* pauta-se pela escrita da vida de um “herói trágico”. Não faltam nesse relato os episódios mais picantes e controversos na vida do jogador, num oscilar entre campo e extracampo, entre a vida de atleta e a vida social. Segundo Márcia Barros Valdívia, na trajetória de Heleno de Freitas,

houve a interface entre o futebol, os excessos da vida noturna e a loucura. Muitos ainda o reconhecem como o célebre jogador de futebol, para outros companheiros de seu tempo foi um boêmio viciado em éter e mulheres. Para elas, foi um galã sedutor, para sua família um problema, para os médicos alguém que sofria perturbações mentais.<sup>37</sup>

Eis, pois, os ingredientes principais explorados por Marcos Eduardo Neves ao conformar a escrita da vida de um “herói trágico” como Heleno de Freitas. Encerramos estas considerações com uma citação extraída do livro *El fútbol a sol y sombra*, do escritor uruguaio Eduardo Galeano, que, num breve texto intitulado “Gol de Heleno”, assim reverencia aquele que, além de Garrincha, foi um dos “heróis trágicos” do futebol brasileiro e mundial:

Heleno de Freitas tinha pinta de cigano, cara de Rodolfo Valentino e um humor de cão raivoso. Nos gramados, resplandecia. Uma noite, perdeu todo seu dinheiro no cassino. Outra noite, não se sabe onde, perdeu toda sua vontade de viver. E na última noite, morreu, delirando, em um hospício.<sup>38</sup>

<sup>37</sup> VALDÍVIA, As múltiplas faces e a beleza de Heleno de Freitas: entre a boemia, o futebol, os lenitivos e a loucura, 2015, p. 39.

<sup>38</sup> Tradução minha do original em espanhol: “Heleno de Freitas tenía estampa de gitano, cara de Rodolfo Valentino y un humor de perro rabioso. En las canchas, resplandecía. Una noche, perdió todo su dinero en el casino. Otra noche, perdió no se sabe dónde todas sus ganas de vivir. Y en la última noche murió, delirando, en un hospicio”(GALEANO, *El fútbol a sol y sombra*, 2010, p. 96).

## Referências

- CAMPOS, Joyce Neves de. *Ação, destino e deliberação na tragédia grega e na 'Ética' aristotélica*. 2012. 81 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- COSTA, Gilmaro Guerreiro da. *Tragédia, finitude e os impasses da filosofia do trágico*. *Clássica*. 23.1/2, p. 42-54, 2010.
- CASTRO, Ruy. *Bilac vê estrelas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CASTRO, Ruy. *Carmen, uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo: Edusp, 2009.
- GALEANO, Eduardo. *El fútbol a sol y sombra*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.
- HELIODORA. Um papo com Marcos Eduardo Neves, escritor de 'Nunca houve um homem como Heleno'. *Central* 42. 24 ago. 2012. Disponível em: <https://central42.com.br/novo/um-papo-com-marcos-eduardo-neves-escritor-de-nunca-houve-um-homem-como-heleno/>. Acesso em: 26 jul. 2019.
- NEVES, Marcos Eduardo. *Alex, a biografia*. São Paulo: Ed. Planeta, 2015.
- NEVES, Marcos Eduardo. *Anjo ou demônio: a polêmica trajetória de Renato Gaúcho*. Rio de Janeiro: Ed. Gryphus, 2002.
- NEVES, Marcos Eduardo. *Nunca houve um homem com Heleno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- NEVES, Marcos Eduardo. *Nunes: o artilheiro das decisões*. Rio de Janeiro: Ed. rotativa.art, 2018.
- NEVES, Marcos Eduardo. *O maquinista: Francisco Horta e a incrível máquina tricolor*. Rio de Janeiro: Maanaim Editora, 2009.
- NEVES, Marcos Eduardo. *Vendedor de sonhos: a vida e a obra de Roberto Medina*. Curitiba: Ed. Palavra, 2006.
- SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. *Cartas filosóficas sobre dogmatismo y criticismo*. Madrid: Abada Editores, 2009 [1795].
- VALDÍVIA, Márcia Barros. As múltiplas faces e a beleza de Heleno de Freitas: entre a boemia, o futebol, os lenitivos e a loucura. *Cordis*. História: Cidade, Esporte e Lazer. São Paulo, n. 14, p. 38-54, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/26138>. Acesso em: 23 jul. 2019.
- VIDOR, Charles. *Gilda*. EUA, P&B, 1946, 110 min.

# Dirceu Lopes, um expoente do futebol-arte

Matheus Marinho

## O início de Nô (1963-1964)

Baseado na excelente obra do jornalista mineiro Pedro Blank, *O príncipe: a real história de Dirceu Lopes*,<sup>1</sup> resolvi fazer esta resenha sobre a história de um craque, tido por muitos como o maior camisa 10 da história do futebol mineiro. Ídolo eterno do Cruzeiro nas décadas de 1960 e 1970, Dirceu ainda passou no final de sua carreira pelo Fluminense e pelo Uberlândia.

Nos capítulos iniciais, o autor demonstra o caminho no qual deseja criar a narrativa da vida de Dirceu. Em tom romancado, de escrita leve e prazerosa, a qual prende qualquer leitor, Pedro Blank descreve a origem humilde de Dirceu, segundo filho do casal senhor Tito e dona Maria.

Nos campos de várzea da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Tito tinha a fama de craque. Jogou em diversos times locais. Assim, o DNA de craque foi passado do pai para o filho Nô, apelido pelo qual chamavam Dirceu.

Dirceu Lopes nasceu em 25 de julho de 1946 e, pela distância do cartório, foi registrado em 3 de setembro de 1946. Trabalhando desde os oito anos de idade como engraxate, e depois aos doze fabricando tijolos, tendo sido aprendiz de sapateiro (quando aprendeu a consertar bolas) e servente de pedreiro, Dirceu ajudava a família e não largava a bola. Cruzeirense num tempo em que América e Atlético detinham de longe as

<sup>1</sup> BLANK, *O príncipe: a real história de Dirceu Lopes*, 2014.

maiores torcidas, Dirceu adorava os ídolos Nilo e Pelau, posteriormente, Elmo, Emerson e Norival.

Num dos amistosos de um time local (do qual Dirceu já era destaque) com o Atlético, dirigentes do clube alvinegro prometeram voltar para levar Dirceu. Para sorte dos cruzeirenses, eles nunca voltaram. Assim, Juca, jogador do Cruzeiro entre 1962 e 1964, sobrinho da mãe de Dirceu, recomendou o menino aos dirigentes da Raposa, que logo foram buscá-lo para testes na equipe juvenil. O convite chegou diretamente na fábrica onde trabalhava. Segundo Dirceu: “Quando foram me buscar em Pedro Leopoldo para ir ao Cruzeiro, só não tive um infarto porque era muito novo. E minha vida mudou completamente depois que fui parar no Barro Preto”.<sup>2</sup>

Surpreendentemente, por uma indicação, em 1963 Dirceu Lopes começou sua história no futebol. Com 1,61 metro de altura, Dirceu chegou ao Cruzeiro para compor o juvenil com a desconfiança dos dirigentes, mas logo arreventou no treino contra os titulares e ganhou a confiança dos cartolas.

Martim Francisco, ex-treinador do Atlético de Madrid e inventor do esquema 4-2-4, foi o técnico do Cruzeiro em 1963. Precisou de apenas um amistoso para testar Dirceu, aos 16 anos. Posteriormente, já o escalou, nada mais e nada menos que com a camisa 10, no clássico contra o América. Com problemas com alcoolismo, Martim Francisco logo deixou o clube celeste. Leonízio Fantoni, o “Niginho”, ídolo do Cruzeiro e da Lazio, entrou no lugar de Martim no comando técnico. Segundo o livro de Blank, ele foi o responsável por encaixar Dirceu na armação e avançar Tostão ao ataque.

Em 1964, com as obras do Mineirão a todo vapor, Dirceu decepcionou-se com a decisão de regressar ao juvenil no ano seguinte. O presidente Felício Brandi e o diretor Carmine Furletti tinham planos para que o jovem pudesse ajudar na conquista do Campeonato Mineiro Juvenil, torneio que o Cruzeiro estava sem vencer há doze anos. Dirceu foi protagonista da conquista, regressando aos profissionais ainda em 1964. Niginho foi substituído pelo técnico Mário Celso de Abreu, o “Marão”. Com ele,

<sup>2</sup> BLANK, *O príncipe*: a real história de Dirceu Lopes, 2014, p. 337.

Dirceu sofreu na posição de volante, vítima da teimosia do treinador. Os maus resultados culminaram na contratação de Airton Moreira, técnico irmão de Zezé Moreira e Aymoré Moreira, treinadores famosos do cenário nacional.

## **O Príncipe (1965-1969)**

Em 1965, Airton Moreira montou a base da equipe que encantou o futebol nacional: no time que já tinha Natal, Pedro Paulo, Piazza, Tostão e Dirceu Lopes, oriundos das categorias de base, contou com as contratações de Zé Carlos, Procópio e Neco.

Antes da inauguração do Mineirão, Dirceu já atraía olhares dos clubes cariocas após grande amistoso no Rio de Janeiro contra o Fluminense. Um gol e uma assistência foram os cartões de visita do meia. A imprensa já apontava as qualidades de Dirceu: veloz, habilidoso e driblador, ambidestro com uma precisão invejável. Tudo isso traduzido em gols e assistências aos montes. O estilo era de um "motorzinho" que servia o pontade-lança Tostão.

Dois dias após completar 19 anos, a ascensão meteórica na carreira começara de fato na inauguração do Mineirão. O selecionado mineiro enfrentaria o River Plate da Argentina, no dia 5 de setembro de 1965, data da inauguração do Estádio Minas Gerais, hoje Mineirão. Com uma bela assistência de Dirceu para o atleticano Bouglaeux, os mineiros venceram por 1 a 0. Os cronistas e a comissão do técnico da seleção sob o comando de Vicente Feola elogiaram Dirceu. Após o jogo, outros dois amistosos foram realizados no "Gigante da Pampulha": a derrota por 3 a 2 do selecionado mineiro para o Botafogo (de Manga, Gerson, Jairzinho e Garrincha) e a vitória de 2 a 1 para cima do Santos (de Pelé, Gilmar, Pepe e Coutinho). Os dois jogos terminaram com Dirceu eleito pela crônica o melhor em campo. Surge o apelido que o acompanharia: Príncipe, em comparação ao Rei Pelé.

O Estadual de 1965 só terminara em 1966, o ano do Cruzeiro. O tripé Piazza-Dirceu Lopes-Tostão fazia sucesso. Após campanha impecável, faltava ao Cruzeiro vencer o até então carrasco América para assegurar a taça. Foi o que ocorreu, na virada por 3 a 1. Dois gols do Príncipe e o primeiro título pelo profissional.

A lista de Vicente Feola para a Copa do Mundo de 1966 saía logo após. Com preferência pelos paulistas e cariocas, em Minas somente Tostão foi convocado. Partia o Cruzeiro para a Taça Brasil, reforçado com Evaldo, do Fluminense, e o goleiro Raul, do São Paulo. O Mineiro de 1966 também iniciara. O Cruzeiro sobrava em campo. Pela Taça Brasil, quatro disputas no mata-mata. O primeiro, contra o Americano-RJ, terminou com vitórias celestes por 4 a 0, no Rio, e 6 a 1, no Mineirão. Dirceu, contundido, não jogou o segundo jogo. Na segunda etapa do torneio nacional, 0 a 0 contra o Grêmio, no Sul, e Dirceu voltou a sentir a lesão. No Mineirão, a volta foi emocionante, e a partida foi vencida a duras penas por 2 a 1, acabando com um tabu das equipes mineiras perante os gaúchos nas competições nacionais. Nas semifinais, o Fluminense: 1 a 0 no Mineirão, gol de Evaldo, ex-tricolor. No Maracanã, 3 a 1, e outro show de Dirceu e Evaldo (dois gols). “Cruzeiro ganhou como quis”, estampou a manchete do *Jornal dos Sports* do dia 24 de novembro de 1966.

## **O dia D... D de Dirceu Lopes**

A final contra o Santos do Rei atraía os olhares de todo país. O jovem e veloz time mineiro *versus* o consagrado bicampeão mundial. Quase 100 mil pessoas lotavam o Mineirão no primeiro jogo da decisão. Logo no primeiro minuto: Cruzeiro 1 a 0 – Zé Carlos contra. Aos cinco minutos, Dirceu serve Natal, e o “diabo loiro” fuzila no ângulo: 2 a 0. Aos vinte minutos, Dirceu chuta no ângulo. 3 a 0. Em um rebote de Gilmar, Dirceu Lopes confere mais um tento. 4 a 0. Houve tempo para mais um: aos 41 minutos, o impossível Dirceu ginga, e Oberdam comete pênalti. Tostão fecha o placar. Sonoros 5 a 0 no primeiro tempo, que deixaram o Mineirão calado, incrédulo. Dirceu relata: “No fundo, ninguém acreditava que tínhamos feito 5 a 0 em apenas 45 minutos. E não eram só os jogadores. O Mineirão estava em silêncio”.<sup>1</sup>

No retorno do intervalo, o Santos voltou ligado, e o Cruzeiro relaxado. Toninho marcou duas vezes, aos seis e aos dez minutos. A equipe se apavorou e só foi acalmada nos dizeres de tranquilidade do capitão Piazza. Aos 27 minutos, com Gilmar caído após rebote, Dirceu empurra

<sup>1</sup> BLANK, *O príncipe: a real história de Dirceu Lopes*, 2014, p. 110.

para a rede: 6 a 2. Dirceu fechou o maior jogo de sua carreira com três gols, um pênalti sofrido e uma assistência.

O jogo de volta poderia definir o título, caso o Cruzeiro vencesse ou empatasse. Se o peixe vencesse, obrigaria o terceiro jogo. Em um campo enlameado pela chuva, a velocidade e o toque de bola celestes foram prejudicados. O Santos abriu logo 2 a 0 no primeiro tempo com Toninho e Pelé. Tostão ainda perdera um pênalti. Em seguida, o Santos perdeu um gol feito. No intervalo, os dirigentes paulistas quiseram marcar antecipadamente o terceiro jogo. O presidente do Cruzeiro negou veementemente, e tal fato mexeu com os brios dos jogadores. Com muita luta, a equipe celeste marcou de falta com Tostão e empatou com o genial Dirceu Lopes. Aos 44 do segundo tempo, o golpe final veio com Natal, após linda jogada de Tostão. Com final heroico, o primeiro título nacional de Minas Gerais foi parar na Toca da Raposa.

Segundo Dirceu: "Se tivesse de encerrar a carreira naquele dia, retornaria para casa feliz da vida".<sup>2</sup> Dois dias após o feito, no dia 9 de dezembro de 1966, Nelson Rodrigues, com sua hipérbole característica, discorria sobre o Cruzeiro no *Jornal dos Sports*, dizendo que o Cruzeiro, por superar o Santos de Pelé, tornara-se o maior time do mundo.

O Cruzeiro formou uma geração de ouro no contexto da inauguração do Mineirão. Raul no gol, Neco na esquerda, William e Procópio na zaga, Pedro Paulo na direita. A meiuca tinha Piazza, o capitão-xerife; Dirceu Lopes, o Príncipe; e Tostão, na ponta-de-lança. Na frente, Natal; Hilton Oliveira, pelas pontas; e o centroavante Evaldo.

Em 1966, o Cruzeiro ainda faturou o Campeonato Mineiro em dezembro. Já em 1967, a primeira participação na Taça Libertadores da América valeu como experiência. A equipe passou bem pela primeira fase, mas caiu, inexperiente, diante do notável esquadão do Peñarol, na fria Montevideú.

Nesse período, a terceira força de Minas Gerais emergiu do desconhecimento nacional para a glória: hegemonia estadual no pentacampeonato (1965-1969), três anos de invencibilidade perante o rival Atlético-MG

<sup>2</sup> BLANK, *O príncipe*: a real história de Dirceu Lopes, 2014, p. 117.

(1965-1968) e campeão brasileiro em cima do Santos de Pelé. Nascia um gigante brasileiro.

## **Intermezzo (1970-1971)**

Palhinha surgia como uma revelação fenomenal do ataque celeste, assim como Roberto Batata. Dirceu tinha novos companheiros de ataque. Fontana chegava para reforçar a zaga, bem como o excelente zagueiro Roberto Perfumo. O rival Atlético montava um esquadrão de respeito, e o Cruzeiro sucumbiu com o vice-campeonato estadual nos dois anos citados, após uma grave crise financeira oriunda da construção da Toca da Raposa.

Um episódio marcou a carreira de Dirceu Lopes: a não convocação do Príncipe para a Copa de 1970. A frustração de seus admiradores é compartilhada pelo craque, que, sempre quando questionado sobre o episódio em entrevistas, se emociona bastante, apesar de entender toda a grandeza de sua carreira.

Como é sabido, o campeão do mundo Zagallo, substituto de João Saldanha nas vésperas da Copa de 1970, optou por cortar Dirceu, alegando excesso de meio-campistas. Cortou também Zé Carlos, proeminente meia do elenco cruzeirense, campeão brasileiro e da Libertadores com a equipe celeste, além de ter sido campeão brasileiro com o Guarani de Campinas. A explicação formal foi contrastada com a explicação informal, com contornos de mito, na qual Dirceu cedeu lugar no esquadrão do Tri para Dario, o Dadá Maravilha, centroavante de preferência do ditador Emílio Garrastazu Médici, que, segundo a lenda, impôs a convocação do camisa 9. A história é totalmente ratificada e “documentada” na biografia do meia celeste.

Porém, para Tostão, em análise ao mesmo tempo sóbria e excepcional, Dirceu não foi convocado para a Copa porque jogava na mesma posição de ninguém mais ninguém menos que Pelé, Rivelino e Gérson. Numa fatura imensa de craques, Dirceu acabou sofrendo o revés. Segundo Tostão,

Afonso era um ótimo jogador, mas atletas muito superiores a ele também ficaram de fora da Copa, como Zé Carlos, Dirceu Lopes e Ademir da Guia. Tampouco Dario foi convocado por exigência do

ditador Médici, como ainda dizem. Zagallo achava que o Brasil não tinha centroavantes e por isso chamou Dario e Roberto.<sup>3</sup>

João Saldanha, o técnico que mais admirava e dava oportunidades para Dirceu Lopes na seleção brasileira, elogiava “Zé do Milho” (apelido carinhoso pelo qual chamava Dirceu) e o convocou em todo o período em que esteve na seleção. Segundo Dirceu, Saldanha sempre deixou claro que o levaria para o México a qualquer custo. Em crônica para o jornal *O Globo*, após a convocação de Zagallo, Saldanha usou o termo “barbaridade” para designar o corte do baixinho Dirceu. A demissão de Saldanha pegou todos de surpresa, quando faltavam apenas três meses para a Copa. A substituição deu certo, Brasil campeão. Porém, a polêmica da interferência militar na lista final ficou.

Apesar de tudo o que é veiculado, acredito que alguns fatos sobressaem, tais como: Dirceu Lopes merecia ser campeão do mundo em 1970, assim como Zé Carlos, o “divino” Ademir da Guia e Afonsinho. Zagallo fez um excelente trabalho, assim como Saldanha e suas feras. Saldanha foi um baluarte do futebol romântico, no qual quem tem mais técnica, joga. Privilegiava o improvisado e as raízes do futebol brasileiro. Zagallo, um calculista, estrategista, utilizou Tostão de camisa 9 com maestria, conseguindo acabar com a polêmica se Tostão podia ou não jogar com Pelé.

No prefácio da obra de Blank, Tostão, amigo e companheiro de Dirceu na dupla mais artilheira (Tostão, 245 gols, seguido por Dirceu, com 223) da história do Cruzeiro, relata, com a sobriedade que lhe é de praxe, que Dirceu não precisou ir à Copa para ser eterno.

## **Protagonismo (1972-1975)**

O ano de 1972 foi marcado pela bombástica saída de Tostão para o Vasco, após o craque boicotar a chegada do truculento técnico Yustrich, bancado pelo presidente celeste Felício Brandi. Em 1973, após nova complicação da lesão ocular que quase o tirou da Copa do Mundo de 1970, Tostão, o companheiro de Dirceu no incrível ataque do Cruzeiro dos anos 1960, se aposenta precocemente, aos 26 anos.

<sup>3</sup> TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol*, 2016, p. 49.

Dirceu tornou-se a maior referência. Jogou por diversas vezes com infiltração, sob fortes dores oriundas das pancadas dos implacáveis rivais que o marcavam. Ao lado dos experientes Piazza, Perfumo e Zelão, a renovação do esquadrão veio com Palhinha, Roberto Batata e, mais tarde, com o excelente Joãozinho, o "bailarino". Outro que despontava era Nelinho, com seus chutes inacreditáveis. Na lateral esquerda, Vanderlei permaneceria até 1979.

Mesmo após a aposentadoria de Pelé na seleção, Zagallo insistia em convocar Dirceu para ficar no banco de reservas. Em 1972, saturado, Dirceu vociferou para a imprensa sua insatisfação. A relação ruim com Zagallo permaneceu igual.

Dirceu regeu o time do Cruzeiro com maestria e foi tetracampeão estadual entre 1972 e 1975. Ainda foi vice-campeão brasileiro em duas oportunidades. Em 1973, em um dos episódios que o baixinho de Pedro Leopoldo conta com mais orgulho, integrou a seleção da FIFA que disputou a partida de encerramento da carreira do fenômeno Eusébio. Craques, como George Best, P.C. Caju, Bobby Charlton e Gordon Banks, foram parceiros de time por um dia do Príncipe Dirceu.

Em 1974, ocorreu a derrota na final do Campeonato Brasileiro para o Vasco da Gama em arbitragem suspeita do árbitro Armando Marques, na segunda partida da final no Maracanã. O lance polêmico surgiu no final da segunda etapa, quando Baiano cruzou para Zé Carlos (muito atrás da linha da bola), sozinho, empatar a partida. Armando Marques, contrariando a decisão do auxiliar na bandeira, anulou o gol celeste. O capítulo de Blank que relata o caso intitula-se "Roubo no Maracanã (1974)".

Após o trauma, 1975 trouxe o segundo vice-campeonato brasileiro para a Raposa. Em partidas incríveis, o Internacional de Falcão, Lula e Figueroa venceu, sem polêmicas, o escrete celeste, por 1 a 0, na partida derradeira em Porto Alegre.

## **Apagar das luzes (1976-1979)**

Em 1976, Dirceu sofria com uma lesão no tendão de Aquiles, herança do ano anterior. Ficou afastado praticamente o ano inteiro. O Cruzeiro foi mal no Brasileiro e no Estadual. Porém, na Taça Libertadores, o substituto de Dirceu brilhou. O experiente Jairzinho liderou o elenco, marcando em

todos os jogos da campanha. Palhinha, Nelinho e Joãozinho sagravam-se ídolos expoentes de uma nova geração celeste.

A nota triste ficou por conta do falecimento do ponta promissor Roberto Batata, vitimado em um acidente de carro, um dia após a vitória por 4 a 0 sobre o Alianza Lima do Peru. O elenco inteiro se comoveu e, em particular, Dirceu sentiu muito a perda do amigo e vizinho. Nesse campeonato, uma das maiores partidas do Cruzeiro e da Taça Libertadores terminou em magníficos 5 a 4, vitória celeste que vingou o Campeonato Brasileiro perdido contra o Internacional no ano anterior.

Na final do torneio, O Cruzeiro venceu o terceiro jogo da final contra o River Plate, em Santiago do Chile, por 3 a 2, após mítica cobrança de falta de Joãozinho. Foi o lance mais genialmente irresponsável da história do Cruzeiro, uma vez que o batador oficial, Nelinho, deu as costas para tomar distância, e o "bailarino" desferiu sem autorização o golpe fatal.

Dirceu torcia de longe, lesionado, esperando a volta para o Mundial Interclubes contra o Bayern de Munique, base da seleção alemã de 1974. Craques, como Rummennige, Franz Beckenbauer e Sepp Maier figuravam no elenco da Baviera. Dirceu voltou a tempo, porém, fora de ritmo, entrou durante a partida perdida por 2 a 0 para os alemães, em um campo coberto de neve no estádio Olímpico de Berlim. No Mineirão, uma briga entre diretores e a indefinição sobre o pagamento do "bicho", caso o título viesse, estragou o clima interno do elenco. O placar de 0 a 0 frustrou a equipe mineira, que saiu do torneio para um grande clube com dignidade.

Em 1977, Dirceu deixa o Cruzeiro, vencido pela lesão e pelo desempenho abaixo de seu nível costumeiro. O elenco celeste entrara em declínio, após a perda da Libertadores, na final e nos pênaltis, para o Boca Juniors. Assim, Dirceu teve breve passagem pelo Fluminense. Com poucas chances com o técnico e atuações apagadas, deixou o tricolor sem deixar saudades. A lesão o impedira de ser o Dirceu que o Brasil aplaudiu nos dez anos anteriores. Em 1978 e 1979, teve duas passagens pelo modesto Uberlândia, da região do Triângulo Mineiro. Num Brasileirão com 94 times, Dirceu comandou o "periquito" até a nona colocação do torneio, além do título simbólico de campeão mineiro do interior – ambos os feitos ocorreram em 1979.

Após jogo de despedida contra os amigos do Cruzeiro, Dirceu seguiu a vida como empresário, ajudando a criar empregos para seus conterrâneos e sua família, concluindo um desejo altruísta que o perseguia no decorrer dos anos.

Dirceu Lopes conquistou o respeito de todos os seus contemporâneos, da imprensa, dos dirigentes, da torcida e dos companheiros de campo. O Nô de Pedro Leopoldo encerrou a carreira tendo sido expulso apenas duas vezes e colecionando prêmios da revista Placar (as premiações da revista começaram apenas em 1970), angariou Bolas de Prata três vezes (1970, 1971 e 1973) e uma Bola de Ouro (1971, que foi entregue apenas em 2013). Numa época de importância sem igual dos torneios estaduais, Dirceu venceu nove, de doze edições que disputou no Campeonato Mineiro (penta 1965-69 e tetra 1972-75).

Como torcedor declarado da Raposa, Dirceu recusou caminhões de dinheiro do Fluminense, Corinthians, Vasco, São Paulo, Sporting de Portugal e do Santos, em 1974, após a saída de Pelé. Neste último intento, Pelé endossava junto à sua diretoria o substituto ideal: Dirceu. A cúpula celeste acertou todos os detalhes, e Dirceu preferiu ficar na Toca da Raposa e consolidar-se como o maior camisa 10 da história celeste.

## Referências

BLANK, Pedro. *O príncipe: a real história de Dirceu Lopes*. Belo Horizonte: Asa de Papel, 2014.

JORNAL DOS SPORTS, Rio de Janeiro, nº 11.677, ano XXXV, p.1. 24 nov. 1966. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=112518&pesq=>>>. Acesso em: 23 set. 2019.

RODRIGUES, Nelson. Vitória do Cruzeiro, vitória do Brasil. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, nº 11.692, ano XXXV, p.4. 09 dez. 1966. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=112518&pesq=>>>. Acesso em: 23 set. 2019.

TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

# Gênio de 3 Corações, de Rubinho Troll

Marcelino Rodrigues da Silva

O objetivo deste pequeno texto é compartilhar com os leitores uma reflexão sobre a canção "Gênio de 3 Corações", que faz parte do álbum *Stinkin Like a Brazilian*, do artista mineiro Rubinho Troll. Com produção musical de John Ulhoa, da banda Pato Fu, o álbum foi lançado na rede em 2010 e relançado pelo selo Rotomusic em 2011.

Para não dar um *spoiler* e antecipar inadvertidamente as reações do leitor e potencial ouvinte, aviso desde já: o disco completo está disponível para audição no YouTube e, pelo menos até algum tempo atrás, podia ser comprado na loja virtual do Pato Fu. Embora o disco seja todo muito interessante e mereça ser ouvido na íntegra, informo que a canção em questão pode ser diretamente acessada por volta dos 12 minutos e 30 segundos do vídeo disponível no YouTube.<sup>1</sup>

Dada ao leitor a oportunidade da experiência direta com a canção, já posso dizer que o gênio em questão é Pelé, jogador de futebol nascido na cidade mineira de Três Corações e considerado por muitos o maior atleta de todos os tempos. Segue a letra:

<sup>1</sup> Conferir: <https://youtu.be/SIIWWA-QxHg>.

### **Gênio de 3 Corações**

O rei Pelé em sua carreira não marcou gol  
Em 83 dos jogos que jogou  
Isso não é, sobre Pelé, uma crítica não  
Quem sou eu pra criticar um gênio  
Por defeito em suas ações  
Quem sou eu pra criticar um gênio de Três Corações

Os que ele marcou foram 1280 gols  
Mas os jogos foram 1363  
Tente imaginar, deve de ser duro não conseguir marcar  
Quem sou eu pra criticar um gênio  
Que venceu ingleses e alemães  
Quem sou eu pra criticar um gênio de Três Corações

Bola na trave, bola pra fora ou na mão do goleiro  
Impediram Pelé de marcar e também o zagueiro  
Isso não é, sobre Pelé, uma crítica não  
Quem sou eu pra criticar um gênio  
Sendo eu um grande perna de pau  
Quem sou eu pra criticar um gênio e herói nacional

Os que ele marcou foram 1280 gols  
Mas os jogos foram 1363  
Isso sem contar tanto de amistosos e seu tempo no  
[Cosmos

Quem sou eu pra criticar um gênio  
Por defeito em suas ações  
Quem sou eu pra criticar um gênio de Três Corações

Quem sou eu pra criticar um gênio  
Que venceu ingleses e alemães  
Quem sou eu pra criticar um gênio de Três Corações

Quem sou eu pra criticar um gênio  
Quem sou eu pra criticar um gênio.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> TROLL, *Stinkin Like a Brazilian*, 2010.

Além do interesse pelo futebol como fenômeno cultural, tema de grande parte de meu trabalho como pesquisador, duas circunstâncias biográficas justificam meu interesse pela canção. A primeira é que fui um grande fã do trabalho poético e musical de Rubinho, no final dos anos 1980 e início dos 1990, quando ele era membro da banda pós-punk Sexo Explícito, que marcou época na cena cultural belo-horizontina. A segunda é que trabalhei por alguns anos na cidade de Três Corações, Minas Gerais, onde tomei contato com a curiosa relação que a comunidade tricordiana mantém com seu filho mais famoso. Como Pelé nunca deu muita bola para a cidade, seus moradores cultivam por ele um sentimento ambíguo de amor e ódio, de orgulho e ressentimento. Essas referências foram instantaneamente ativadas quando ouvi pela primeira vez a canção, numa experiência cheia de humor e lembranças pessoais.

Antes de falar da canção, cabe ainda uma pequena menção à trajetória do autor, que começou com o grupo Cemflores, de poesia marginal, do qual também faziam parte Marcelo Dolabela e Gato Jair, hoje, professores de literatura. Na mesma época, ou pouco depois, vieram as bandas: Divergência Socialista, sob o comando de Dolabela; Último Número, liderado por Gato Jair; e Sexo Explícito, com John Ulhoa e Rubinho Troll. O Sexo Explícito galgou alguns degraus no mercado musical, mudou-se para São Paulo e acabou se desfazendo. Depois disso, Rubinho foi morar na Inglaterra, onde vive até hoje, pelo que tenho notícia.

Como sugere o título do álbum de que a canção faz parte, cuja tradução é "Fedendo como um brasileiro", a experiência de Rubinho na terra de nascimento do futebol moderno é certamente um elemento a se considerar na sua interpretação. Um brasileiro mestiço e excêntrico vivendo em Londres, visto através dos estereótipos do brasileiro, que já deve ter ouvido milhares de vezes as perguntas: "Você é brasileiro? Terra de Pelé, do samba, do carnaval e do futebol?".

Desde o título, propositalmente vago e ambíguo, a letra de "Gênio de 3 Corações" é uma versão invertida do mito Pelé. Ao invés de elogiar o jogador pelos seus feitos extraordinários, ela fala de Pelé justamente pelos gols que ele não fez; ou seja, pela falta, pelo erro, pela imperfeição: "O rei Pelé em sua carreira não marcou gol / Em oitenta e três dos jogos

que jogou". E, mais à frente: "Bola na trave, bola pra fora ou na mão do goleiro / Impediram Pelé de marcar e também o zagueiro".

Matreiramente, a canção propõe até um cálculo matemático, que afinal é enganoso e inútil: "Os que ele marcou foram 1280 gols / Mas os jogos foram 1363". O problema é que Pelé fez mais de um gol em muitos jogos. Os dados a esse respeito, como se sabe, são controversos e imprecisos. Logo, o cálculo passa longe do rigor histórico, e o que temos aí é um truque, um primeiro elemento para compor o quadro da poética astuciosa engendrada por Troll.

Embora a canção aponte para a imperfeição na trajetória heroica de Pelé, Rubinho se esquivava malandramente da posição de crítico: "Isso não é, sobre Pelé, uma crítica não / Quem sou eu pra criticar um gênio...". A esquivada é claramente irônica, pois o texto é, obviamente, uma crítica, um contraponto à grandeza da imagem do jogador. Dá para imaginar a resposta daquele brasileiro esquisito em Londres, ao ouvir a pergunta de sempre: "Pelé? Em 83 jogos ele não marcou, ele é humano, falível, limitado...". E, em seguida, a réplica: "Quem é você pra criticá-lo?".

Temos aqui, então, um diálogo enviesado com a mitologia do futebol brasileiro, uma desconstrução da lenda do herói nacional, expondo um sentimento de desençaixe e desidentificação, semelhante ao que vi em Três Corações. Isso já seria suficiente para considerar a música como um caso interessante de utilização crítica dos mitos do futebol, que serve para mostrar como é limitada a ideia do esporte como "ópio do povo", como instrumento de alienação e manipulação das massas.

Mas o que me parece mais interessante é o modo como essa abordagem temática dialoga com o próprio trabalho formal na fatura da canção. Na base sonora, já se pode ver uma quebra dos clichês musicais do futebol, com um rock nervoso, cheio de efeitos especiais e elementos psicodélicos, ao invés do choro, da MPB ou do samba, gêneros tradicionais do cancionário futebolístico brasileiro. Na letra, podemos observar um pouco das técnicas tradicionais da canção, enraizadas na lírica trovadoresca, como a inversão sintática e o desenvolvimento alternativo de versos de estrofes anteriores. Mas esses recursos servem a um jogo específico, uma finta com as palavras, que desconcerta o ouvinte da canção.

No final da primeira estrofe, o texto “chama” a rima errada: “Isso não é, sobre Pelé, uma crítica não / Quem sou eu pra criticar um gênio...”. E a música parece sugerir a frase melódica que completaria o erro: “...de 3 Corações”. Mas, em seguida, Rubinho mostra que é um bom artesão, interpolando um verso que conserta a rima (“Por defeito em suas ações”) e lhe permite terminar triunfalmente a estrofe com a combinação sonora correta: “Quem sou eu pra criticar um gênio de 3 Corações”.

Na segunda estrofe, o erro sugerido antes se realiza, com a opção explícita pela rima errada: “Quem sou eu pra criticar um gênio / Que venceu ingleses e alemães / Quem sou eu pra criticar um gênio de 3 Corações”. É como se Rubinho brincasse de errar, fingindo que vai para um lado e indo para o outro. Na terceira estrofe, ele volta a fazer uma rima foneticamente certa, ao mesmo tempo em que se reconhece como um “perna de pau”, o que acentua o caráter irônico e autoconsciente do “erro” cometido antes: “Quem sou eu pra criticar um gênio / Sendo eu um grande perna de pau / Quem sou eu pra criticar um gênio e herói nacional”.

O perna de pau no futebol, então, mostra que é craque na poesia e joga não só com os mitos do futebol, mas também com os hábitos poéticos e musicais do ouvinte. Nesse jogo, o erro formal funciona como um drible nas expectativas do ouvinte, assumindo um sentido irônico, que contribui para efeito geral de acidez e sarcasmo no tratamento do tema do herói futebolístico nacional. Tomando a ideia do “drible” como uma espécie de imagem conceitual, podemos aproximar as linguagens do jogo e da poesia por meio de uma “homologia estrutural”, isto é, por uma analogia entre as formas configuradas pelos movimentos dos jogadores, numa partida de futebol, e pela linguagem, na obra poética. Um problema teórico que tem sido abordado por outros pesquisadores (por exemplo, os estudos de Gustavo Cerqueira Guimarães sobre os poemas que tematizam o futebol) e que, com certeza, ainda dá bastante pano para manga.

Acho interessante, finalmente, pensar também em como essa postura diante do grande mito esportivo dialoga, ao mesmo tempo, com as tradições iconoclastas da poesia moderna e do rock, por meio de recursos, como a ironia, a dissonância e o estranhamento, e com o momento

atual do futebol brasileiro. Pensar no trabalho formal da canção como um drible permite ver como esse jogo crítico e irônico não se dá contra o futebol, mas por meio dele, em diálogo com ele. Aliás, com o fim do grande ciclo mítico do “país do futebol”, decretado pelo cômico 7 a 1 de 2014, esse tipo de apropriação do esporte parece estar cada vez mais em voga.

## **Referências**

RUBINHO Troll. *Stinkin Like a Brazilian*. Produção musical de John Ulhoa (Londres/Belo Horizonte: Rotomusic, 2010).

## **Representações**



# **Imprensa sexista e preconceito: as representações das atletas da seleção brasileira feminina de futebol**

Francisco Ângelo Brinati

“Daqui a pouco, o futebol das mulheres passa à frente dos marmanjos”. Com essa otimista frase, o cronista esportivo e jornalista Sandro Moreyra encerrava uma nota em sua coluna no *Jornal do Brasil* de 16 de agosto de 1986, em que relatava o sucesso da equipe do Radar Esporte Clube, “com sua seleção feminina de futebol”, pela Europa. Segundo o texto, o time foi a sensação de um torneio amistoso pelo seu “futebol-arte”, e cinco jogadoras teriam recebido propostas de equipes italianas.<sup>1</sup> Aquele ano de 1986 marcara os primeiros passos para a formação de uma seleção brasileira feminina de futebol, 72 anos depois da masculina. Isso após décadas de perseguição e preconceitos, a ponto de ter a prática proibida entre as mulheres no país com o decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941.<sup>2</sup> A modalidade, que só estava legalizada no país há três anos, alcançava visibilidade com o sucesso do time do Radar, que representaria ou seria a base da seleção naqueles primeiros anos.

O texto otimista de Sandro talvez seja influência de dentro de casa, já que ele foi filho de Eugênia Moreyra, atriz juiz-forana, um dos principais nomes do feminismo brasileiro do início do século XX. Um texto de exaltação pelas habilidades em campo, exceção à “regra” de uma

<sup>1</sup> *Jornal do Brasil*, 16 de agosto de 1986, p. 27.

<sup>2</sup> O texto diz: “Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. A questão é como definir compatibilidade de esporte por gênero... Um total absurdo. Decreto-lei disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm). Acesso em: 04 jun. 2019.

imprensa, que ao longo dos anos, lançou mão de estereótipos sexistas para representar as atletas da equipe nacional.

Um dos exemplos vem do *Jornal dos Sports*, edição do dia 17 de julho de 1985. Na série intitulada “Homossexualismo no Esporte”, uma página inteira foi destinada para tratar do preconceito contra mulheres e lésbicas dentro da modalidade.

No texto da parte superior da página, “Futebol feminino se diz vítima do machismo”, o presidente do Radar, Eurico Lira, explicava que: “[...] No futebol feminino, as garotas não são tão produzidas quanto em outros esportes, como o vôlei, por falta de incentivo”. Uma narrativa machista, numa matéria em que ainda podemos encontrar trechos como: “[...] a maioria das pessoas taxa como homossexuais todas ou quase todas as jogadoras dessa modalidade”.

A segunda reportagem era uma entrevista com atletas da equipe. A manchete dava destaque a uma fala – “Metade das jogadoras são homossexuais” –, editada e fora de contexto, já que a original que está no texto é: “Não há homossexualismo somente no futebol feminino. Existe até na alta sociedade. Entre atrizes e atores é grande o número de homossexuais. O futebol feminino está dentro desse contexto. A proporção de homossexuais neste esporte é de 50%”.

No restante da matéria, a maioria dos depoimentos tratava a homossexualidade no esporte como um “desvio”, porém algo comum em toda a sociedade, inclusive nos esportes. Mesmo assim, o texto insistiu em trechos como: “ser chamada de sapatão ou sofrer discriminação de boa parte da sociedade tornou-se comum para as jogadoras do futebol feminino”,<sup>3</sup> reforçando o olhar preconceituoso sobre a prática do esporte entre as mulheres.

Um pouco antes, voltando a 1982, temos uma nota no mesmo *Jornal dos Sports* sobre um possível Mundial organizado pela FIFA: “A entidade decidiu realizar a competição após verificar que a modalidade não é apenas *brincadeira de moça* e que, em alguns países, principalmente na Europa, é encarada com tanta seriedade quanto o futebol

<sup>3</sup> *Jornal dos Sports*, 17 de julho de 1985, p. 16.

masculino. [...]” Mas, no Brasil, “o futebol feminino ainda é encarado como *esporte fora da lei*”.<sup>4</sup>

Apesar do periódico noticiar o interesse da Federação Internacional em realizar o torneio em outubro daquele ano, apenas em 1991 ele foi oficialmente organizado pela entidade. Mas antes, em 1988, foi realizado um torneio-teste, na China.

O torneio foi um sucesso de público, com a “lotação esgotada” em algumas partidas. O Brasil não conseguiu chegar à decisão, mas João Havelange, então presidente da FIFA, garantiu a disputa da Copa do Mundo Feminina em 1991, na mesma China.<sup>5</sup>

Assim, o Brasil chegava ao país asiático como “favorito para o título mundial”. É o que dizia a reportagem do *Jornal dos Sports*, de 16 de maio de 1991: “Meninas de bola cheia”. Ao mesmo tempo que ressaltava a importância – mesmo que muito pequena – que a Confederação Brasileira de Futebol daria ao time (“CBF, finalmente, resolveu acreditar no futebol feminino e reconheceu oficialmente a sua existência. Formou uma seleção [...]”), ainda encontramos construções de estereótipos de gênero quando retrata os feitos futebolísticos das atletas, como na reportagem: “Adriana, *uma gatinha que tem charme e cheiro de gol*”.

*Charme e sensualidade. Essas são as atraentes características da principal jogadora da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, quando está fora do campo. Diante do brilho de seus olhos claros e do detalhe dos cabelos negros sobre os ombros, fica difícil de acreditar que a gatinha de 22 anos simplesmente foi a artilheira do recente Campeonato Sul-Americano da categoria, jogando como centroavante.*<sup>6</sup>

Pelas expressões destacadas, podemos verificar como essa representação buscava a objetificação da mulher, dando destaque para traços

<sup>4</sup> *Jornal dos Sports*, 31 de maio de 1982. (Grifos nossos).

<sup>5</sup> Neste capítulo, nosso objeto de análise são reportagens de jornais impressos sobre a participação da seleção feminina de futebol nas Copas do Mundo da FIFA, além de algumas partidas esporádicas. Não estão presentes as coberturas dos desempenhos da equipe nas Olimpíadas e demais torneios.

<sup>6</sup> *Jornal dos Sports*, de 16 de maio de 1991, p. 2. (Grifos nossos).

do seu corpo, para sua “beleza”,<sup>7</sup> algo incomum na cobertura das equipes masculinas de futebol.

Nas duas primeiras Copas do Mundo, o Brasil não conseguiu bons resultados: repetiu o nono lugar tanto em 1991 quanto em 1995, na Suécia, ainda com pouco destaque na imprensa esportiva, com a cobertura se resumindo a notas sobre a equipe e os torneios.

Em 1999, nos Estados Unidos, o Brasil chegaria ao terceiro lugar. Mas o jornal *Folha de S. Paulo* também daria importância ao fato da fabricação de uma boneca com modelo futebolista: “Barbie joga futebol com Mundial”.<sup>8</sup>

Os Estados Unidos sediariam novamente o Mundial em 2003. Na estreia da equipe brasileira, o mesmo periódico mostrou como as jogadoras ainda conviviam com as incertezas no cenário do futebol feminino, além da falta de apoio e patrocínios: “Brasil disputa Copa dos EUA com atletas desempregadas e desenganadas”.<sup>9</sup> Uma das que estavam sem emprego era Marta, então com 17 anos. Chamava a atenção também o fato de a CBF utilizar recursos que não fossem técnicos para a convocação da equipe: “Milene, mulher de Ronaldo, não atuou nenhum minuto no Mundial. Convocada por imposição da CBF para atrair mais atenção para o time, ela foi uma das atletas que mais criticaram [o técnico] Gonçalves”.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> É importante ressaltar também que a objetificação da mulher dentro do universo do futebol era prática comum desde o início das coberturas esportivas. Nos relatos das partidas no início do século XX, encontramos um certo padrão nas representações da torcida nos estádios, sempre buscando demonstrar que o local estava repleto de mulheres, colocadas como um adereço, uma maneira de atrair o público masculino para esses espaços. Eram representações como esta, encontrada sobre a partida internacional entre o Combinado carioca e o Selecionado argentino no Rio de Janeiro, em 1908: “As nossas patricias, com sua graça proverbial e as moças buenarenses que aqui vieram assistir os matchs internacionaes de foot-ball, com os seus tradicionaes encantos e delicadeza de trato, davam um que de atrahente smartismo à diversão” (*Correio da Manhã*, 10 de julho de 1908, p. 2). Ou então sobre a primeira vitória da seleção masculina, em 1914, contra o Exeter City, da Inglaterra. Nessa partida, o atacante Friedenreich foi muito machucado pelos ingleses, contudo continuou em campo até o fim, sendo ovacionado pela torcida por esse ato: “Friedenreich, que bastante se havia contundido no rosto durante a luta, recebeu destas a mais tocante. Um grupo de cerca de trinta moças esperou-o impacientemente ao fim do ‘match’ e ao approximar dellas o grande jogador paulista foi aclamado e abraçado, de forma tão tocante que, de certo, elle há de agradecer um pouco ao Destino o que lhe ocorreu pela paga que a sua dedicação teve (*Correio da Manhã*, 22 de julho de 1914, p. 3).

<sup>8</sup> *Folha de S. Paulo*, 11 de julho de 1999, Esporte, p. 4.

<sup>9</sup> *Folha de S. Paulo*, 21 de setembro de 2003, Esporte, p. D2.

<sup>10</sup> *Folha de S. Paulo*, 02 de outubro de 2003, Esporte, p. D4.

O Brasil chegaria à decisão em 2007, na China, contra a Alemanha. A derrota por 2 a 0 é retratada como uma vitória das alemãs organizadas contra brasileiras que ainda não estariam com estrutura e tática para vencer. Dentro de uma realidade de falta de incentivo, teria sido um “Choque de realidade – Alemanha faz brasileiras acordarem – Mais organizadas em campo e principalmente fora dele, europeias derrotam o Brasil e levam o bi mundial na China”.<sup>11</sup>

Marta, maior nome do esporte no país, também foi criticada: “passa em branco pela 3ª vez em 4 finais com a camisa do Brasil”.<sup>12</sup>

O estigma de “derrotadas” (que seria reforçado em reveses nas disputas do ouro em Olimpíadas) passou a ser uma constante na imprensa ao se referir à equipe feminina. Na Alemanha, em 2011, a capa do caderno Esporte da *Folha de S. Paulo* trazia: “Acostumado a perder”<sup>13</sup> e “Sem título, sem arte – Com futebol feio, seleção feminina de Marta perde para os EUA e dá adeus a Mundial da Alemanha”, reforçando com “A seleção brasileira feminina *perdeu como sempre*, mas jogou feio como nunca”.<sup>14</sup>

Assim, em 2015, no Canadá, a derrota também é creditada a atuações que estariam longe do nível técnico exigido por um selecionado nacional: “Goleira falha, e Brasil está fora da Copa”.<sup>15</sup>

Fora da cobertura dos Mundiais, em 2016, um episódio lamentável marcou o relato de uma partida da equipe no Torneio Internacional de Futebol Feminino, disputado em Manaus. Após a vitória por 4 a 0 sobre a Rússia, o jornal *Manaus Hoje* publicou a manchete: “Meninas dão de quatro”.<sup>16</sup> Após a repercussão negativa, o jornal pediu desculpas alguns dias após.

A Copa do Mundo de 2019, na França, marcou um maior interesse do público pela competição. Foi registrada audiência recorde,

<sup>11</sup> *Folha de S. Paulo*, 01 de outubro de 2007, Esporte, p. D1.

<sup>12</sup> *Folha de S. Paulo*, 01 de outubro de 2007, Esporte, p. D2.

<sup>13</sup> *Folha de S. Paulo*, 11 de julho de 2011, Esporte, p. D1.

<sup>14</sup> *Folha de S. Paulo*, 11 de julho de 2011, Esporte, p. D1. (Grifos nossos).

<sup>15</sup> *Folha de S. Paulo*, 22 de junho de 2015, Esporte, p. B2.

<sup>16</sup> *Manaus Hoje*, 12 de dezembro de 2016.

com transmissão pela principal emissora brasileira de TV aberta, a Rede Globo.<sup>17</sup>

Pela imprensa, contudo, ainda encontramos textos com uma abordagem que insiste em colocar a versão feminina do esporte como algo inferior à masculina. A coluna do jornalista Juca Kfourri, na *Folha de S. Paulo* com o título “A Copa do Mundo das mulheres”, no dia da estreia do Brasil, demonstra a falta de interesse do profissional – uma das referências no jornalismo esportivo – na equipe feminina do esporte mais popular do país: “Seria sórdida demagogia e oportunismo barato dizer que a coluna aguarda com grande expectativa a estreia brasileira. E deslavada mentira se tecesse considerações técnicas sobre a seleção”.<sup>18</sup> Em outro trecho do texto, ele critica a luta por igualdade de salários entre atletas mulheres e homens, argumentando que: “O futebol feminino desperta interesse muito menor e gera muito menos renda. Querer igualdade só atrapalha o desenvolvimento da prática entre as mulheres que, diga-se, estão cada vez melhores”. Não podemos negar que o cenário do mercado do futebol dos homens é maior do que das mulheres: torneios, produtos, cobertura e espaço midiático atraem mais consumidores e assistência. Afinal, é fruto de uma construção “positiva” ao longo dos anos. Contudo, acreditamos que é necessário debater meios de equiparar o esporte entre os gêneros. Ainda no texto, antes de concluir, Juca Kfourri diz que vai ver o jogo por “solidariedade” às atletas, principalmente à Marta.

A campanha do Brasil foi irregular. Mas um feito individual marcou a participação brasileira. Marta, eleita seis vezes a melhor jogadora de futebol do mundo pela FIFA, assumiu a artilharia geral de todos os mundiais, com 17 gols: “Com gol da classificação, Marta se isola como maior artilheira das Copas entre homens e mulheres”.<sup>19</sup>

<sup>17</sup> Somente pela Rede Globo, foram quase 20 milhões de telespectadores durante a decisão entre Estados Unidos e Holanda, maior audiência entre todos os países que assistiram à final. Mas o recorde no Brasil foi registrado nas oitavas de final, no confronto entre as brasileiras e as francesas: 35 milhões de pessoas em frente à televisão na eliminação do país na derrota por 2 a 1. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/brasil-registra-a-maior-audiencia-do-mundo-para-a-final-da-copa-feminina/>. Acesso em: 28 out. 2019.

<sup>18</sup> *Folha de S. Paulo*, 09 de junho de 2019, Esporte, p. B7.

<sup>19</sup> *Folha de S. Paulo*, 19 de junho de 2019, Esporte, p. B8.

Apesar de exaltar o feito da camisa 10, o jornal deixou ressalvas sobre o time: “Brasil avança às oitavas, mas lesões colocam em dúvida preparação física” e “capacidade do time responder às exigências crescentes da fase de mata-mata [...]”.<sup>20</sup>

O Brasil perdeu para a França, na prorrogação, por 2 a 1. Na manchete do dia seguinte à eliminação, destaque para a fala: “Precisa se cuidar para poder sorrir no fim’, avisa Marta”.<sup>21</sup> O texto deixou a entender que algumas atletas não teriam levado a preparação para o torneio a sério, como podemos analisar nos trechos de entrevistas da própria Marta (“Vou dizer que não tomo uma cerveja? Tomo, mas na hora em que é conveniente”) e da atacante Andressa Alves (“Quer ir pra festa? Tudo bem, mas come direito, dorme. Só aprendi a ser 100% profissional quando vim para a Europa”). Podemos inferir que, por essa representação, algumas jogadoras não teriam sido profissionais, impactando no resultado da equipe em campo.

A representação de parte da imprensa analisada brevemente para esse texto nos aponta algumas mudanças ao longo dos anos no tratamento às atletas de futebol pelos jornais. Mesmo em uma época em que o futebol feminino nacional dá mostras de uma ligeira valorização, com a prática crescente entre mulheres e campeonatos com clubes tradicionais do masculino montando times femininos, ainda há preconceitos a serem quebrados. As jogadoras não podem apenas ser as “derrotadas” das últimas Copas. Nem as “gatinhas” de outrora. São atletas. Profissionais. Que trabalham em suas equipes, jogam em alto nível. Que têm excelência no esporte que escolheram, tanto que estão na seleção de um país.

Que, ao olhar para coberturas passadas, a imprensa atual possa buscar representá-las sem estereótipos sexistas, valorizando o desempenho das atletas dentro do campo esportivo. Com o respeito que elas merecem.

<sup>20</sup> *Folha de S. Paulo*, 19 de junho de 2019, Esporte, p. 88.

<sup>21</sup> *Folha de S. Paulo*, 24 de junho de 2019, Esporte, p. A24.



# **A trágica morte de Lutz Eigendorf e a sombria atuação da STASI no futebol da Alemanha Oriental**

Thiago Carlos Costa

Na noite do dia 5 de março de 1983, o carro conduzido pelo talentoso meio-campista Lutz Eigendorf<sup>1</sup> chocou-se contra uma árvore em uma estrada nos arredores de Braunschweig, cidade localizada próximo à fronteira entre a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental. Devido aos graves ferimentos sofridos no acidente, dois dias depois, o promissor Lutz falecera no hospital, aos 26 anos de idade. Na época, não foram levantadas suspeitas sobre sua morte no acidente automobilístico, devido à alta velocidade do carro no momento do impacto e ao grande índice de álcool encontrado em seu sangue. Porém, a morte de Lutz Eigendorf trazia consigo secretamente uma trama permeada de controvérsias, fato que ficou em silêncio por quase três décadas. Mortes como a de Lutz marcaram o período de vigência da divisão política entre Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental, simbolizada pelo Muro de Berlim.

Após a queda do Muro de Berlim, em 1989, foram levantadas suspeitas sobre diversos crimes cometidos pela STASI<sup>2</sup> e a morte de Lutz, que deixava também de ser tratada como um mero acidente de carro para um possível assassinato dentro de um contexto conspiratório oriundo do período da Guerra Fria. Isso partiu do fato de que, em 1979, Lutz Eigendorf,

<sup>1</sup> Conferir: <http://www.panenka.org/miradas/muerte-al-traidor/>.

<sup>2</sup> Fundada em 1950, a STASI – Ministerium für Staatssicherheit (“Ministério para a Segurança do Estado”) era a principal organização de polícia secreta e inteligência da República Democrática Alemã (RDA), que funcionava como órgão de controle e repressão Estatal do governo socialista até o fim da RDA, em 1989.

então jogador de futebol na Alemanha Oriental, fugiu para a Alemanha Ocidental. A partir dali, foi tratado como desertor e como um dos inimigos públicos da STASI.

Em 2008, um fato aparentemente aleatório acendeu de vez as controvérsias sobre a morte de Lutz, que foi a prisão de Karl-Heinz Felgner, desencadeando um longo trabalho de pesquisa no que restou dos arquivos da extinta República Democrática Alemã (RDA). Mas, para compreender a relação da polícia política da Alemanha Oriental com o futebol e, por conseguinte, com a morte de Lutz Eigendorf, é preciso contextualizar como o futebol era tratado no bloco socialista.

A popularidade da prática do futebol na Alemanha remete às duas últimas décadas do século XIX, com a criação de vários clubes de futebol que representavam as diversas camadas da sociedade alemã, principalmente os clubes ligados à classe trabalhadora, como nas fábricas, indústrias e escolas. O século XX foi marcado por duas grandes guerras mundiais que deixaram sequelas profundas nas sociedades de todo o mundo, mas mais particularmente na sociedade alemã, que passou por severas sanções, privações e reconstruções nos períodos de pós-guerra, uma vez que o país fora protagonista nas duas guerras. Tratando-se especificamente da Segunda Guerra Mundial, provavelmente a Alemanha tenha sido o país que mais passou por transformações no período após o conflito bélico. Como o Exército Vermelho ocupou a parte oriental da Europa até o entorno de Berlim e as margens do Rio Elba, na Alemanha, e os aliados ocidentais ocuparam o restante do território, após uma série de acordos e tratados, particularmente o "Tratado de Potsdam"<sup>3</sup>, a Alemanha foi dividida em quatro zonas de influência entre os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e a União Soviética. Didaticamente, a partir de agosto de 1945, a Alemanha ficaria dividida entre dois modelos monolíticos antagônicos: de um lado, o bloco capitalista, dividido entre EUA, Inglaterra e França; do outro lado, o bloco socialista, liderado pela URSS, com seus países satélites.

A Guerra Fria teve seu auge de 1945 até o final dos anos 1980, e a Alemanha foi um cenário complexo desse nebuloso momento histórico.

<sup>3</sup> Para mais ver: HOBBSAWM, Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991, 1995.

Em 1949, foi oficialmente elevada a Estado, a República Democrática Alemã (RDA), sob total influência e gestão da União Soviética, pautada no Tratado de Potsdam. E a sua capital seria Berlim, que, mesmo totalmente dentro do lado oriental da Alemanha, foi dividida em duas partes: ocidental (capitalista e controlada pela então República Federativa da Alemanha) e oriental (socialista e controlada pela URSS). Em 1953, logo após a morte de Stalin, houve uma grande rebelião de trabalhadores alemães residentes na parte oriental de Berlim, quando cerca de três mil pessoas fugiram para o lado ocidental. No ano de 1961, foi construído o Muro, que dividira fisicamente a cidade de Berlim e simbolicamente foi um marco nessa divisão até o ano de sua queda, em 1989.

Após essa brevíssima contextualização histórica, vamos partir para o lado esportivo na Alemanha Oriental e entender como ela lidava com o futebol sob a influência soviética. Como o futebol era um esporte extremamente popular na Alemanha, mesmo antes das grandes guerras, proibi-lo seria um erro, mas lidar com ele seria complexo. Tal situação era exatamente o que ocorria na União Soviética desde a década de 1920, época em que o futebol também já era um esporte amplamente difundido na sociedade. Assim,

[d]urante os grandes desafios lançados por Lênin – a consolidação da União Soviética e a NEP –, o futebol assumiu posições contrastantes no país. Se por um lado foi encarado como um desvio burguês, permissivo devido às perigosas tendências em torno do individualismo e profissionalismo, por outro lado, foi um artifício importante no sentido de fortalecer as relações de “boa vizinhança” entre o governo bolchevique e os mais próximos, principalmente através de equipes formadas por soviéticos.<sup>4</sup>

Assim, pautado no modelo soviético de governo com um Estado extremamente burocrático e rigidamente vigiado, o futebol seria veneno e remédio<sup>5</sup> para esses governos em busca de estabilidade interna e externa e controle das massas. O modelo de organização de futebol implementado na União Soviética durante a gestão de Stalin, com a formação de uma ampla liga nacional que englobava as ligas regionais, foi exportado para

<sup>4</sup> AGOSTINO, *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*, 2002. p. 110.

<sup>5</sup> Conceito das contradições e significados que o futebol carrega e reproduz, proposta por José Miguel Wisnik, em seu livro *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (2008).

os países do bloco socialista e foi aperfeiçoado pela Alemanha Oriental em sua liga. Já no ano de 1950, foi instituída a Oberliga,<sup>6</sup> que reunia os times que já existiam antes da criação da RDA e também os que foram e seriam criados nos anos de vigência do regime socialista, de acordo com seus interesses. Uma característica interessante era como os times representavam as regiões e suas produções, fábricas e indústrias locais, como mostra esta completa tabela desenvolvida pelo site *Trivela*:

<b>Nome do clube</b>	<b>Região</b>	<b>Setor ao qual estava ligado</b>
<i>Aktivist</i>	<i>Zwickau, Hoyeswerda</i>	<i>Mineração</i>
<i>Anker</i>	<i>Wismar</i>	<i>Estaleiros</i>
<i>Aufbau</i>	<i>Magdeburgo, Krumhermersdorf</i>	<i>Construção civil</i>
<i>Chemie</i>	<i>Leipzig, Hallescher, Chemnitz</i>	<i>Indústria química</i>
<i>Carl Zeiss</i>	<i>Jena</i>	<i>Indústria óptica</i>
<i>Dynamo</i>	<i>Dresden, Berlim</i>	<i>Polícia política</i>
<i>Einheit</i>	<i>Dresden, Greifswald</i>	<i>Governo local</i>
<i>Empor</i>	<i>Rostock, Lauter</i>	<i>Comércio e indústria de alimentos</i>
<i>Energie</i>	<i>Cottbus</i>	<i>Energia</i>
<i>Fortschritt</i>	<i>Cottbus, Bischofswerda</i>	<i>Indústria têxtil</i>
<i>Lokomotive</i>	<i>Leipzig, Magdeburgo, Stendal</i>	<i>Indústria ferroviária</i>
<i>Medizin</i>	<i>Markkleeberg</i>	<i>Serviços de saúde</i>
<i>Motor</i>	<i>Jena, Zwickau, Altenburg, Suhl</i>	<i>Indústria automotiva</i>
<i>Post</i>	<i>Neubrandenburg, Schwerin</i>	<i>Correios e telecomunicações</i>
<i>Rotation</i>	<i>Leipzig, Berlim, Babelsberg</i>	<i>Indústria de publicação e impressão</i>
<i>Sachsenring</i>	<i>Zwickau</i>	<i>Indústria automotiva</i>
<i>Stahl</i>	<i>Riesa, Eisenhüttenstadt</i>	<i>Metalurgia</i>
<i>Traktor</i>	<i>Teuchern</i>	<i>Agricultura</i>
<i>Turbine</i>	<i>Erfurt, Halle, Potsdam</i>	<i>Energia</i>
<i>Vorwärts</i>	<i>Frankfurt, Dessau, Stralsund</i>	<i>Exército</i>
<i>Wismut</i>	<i>Aue, Karl-Marx-Stadt</i>	<i>Mineração de urânio</i>
<i>Wissenschaft</i>	<i>Halle</i>	<i>Universidades</i>

<sup>6</sup> Conferir: <http://trivela.uol.com.br/como-o-futebol-explica-o-regime-da-alemanha-oriental/>.

Como o modelo soviético para organização do futebol foi levado ao pé da letra, na União Soviética, foi criado, em 1923, o Dínamo de Moscou, que foi apropriado do Orenkhovo Sport Club, que havia sido fundado décadas antes por dois irmãos ingleses que trabalhavam no ramo de manufatura têxtil. O Dínamo de Moscou foi fundado por Felix Dzerzhinsky, chefe da polícia secreta soviética, e virou um modelo de exportação para outros países do bloco socialista: assim, foram criados *Dínamos* em Batumi, Berlim, Bucareste, Dresden, Minsk, Tbilisi, Kiev, por exemplo. Com a exceção dos times de Dresden e Kiev, que já existiam desde antes da Segunda Guerra, os outros *Dínamos* eram ligados à repressão e espionagem de seus cidadãos, e obviamente eram extremamente impopulares, sendo hostilizados pelos torcedores rivais por onde passavam. Mas o destino do Dínamo de Berlim seria transformado em meados dos anos 1950, quando o general Erich Mielke<sup>7</sup>, chefe do Ministério da Segurança do Estado, a STASI,<sup>8</sup> tornou-se o dirigente do time. Grande entusiasta do futebol, Mielke via nesse esporte grande poder de influência e aglutinação das massas, e também via a possibilidade de maior visibilidade do país fora de suas rígidas fronteiras.

A Alemanha Oriental tinha uma performance relativamente interessante nos Jogos Olímpicos, mas sempre com suspeitas de doping de seus atletas. Com a conquista da Alemanha Ocidental na Copa do Mundo de 1954, justamente sobre a talentosa seleção da Hungria, membro do bloco socialista, Mielke conseguiu mais suporte para seu projeto de tornar a RDA uma potência no futebol. Seu time modelo seria o Dínamo de Berlim, que concentraria os principais talentos que praticavam futebol no lado oriental. Contudo, simultaneamente, vivia em constante busca de talentos nas divisões de base dos outros clubes orientais para abastecer o seu Dínamo de jovens promissores. Assim, na tese de Erich Mielke,

<sup>7</sup> Erich Mielke (1907-2000), nascido em Berlim, foi um funcionário de destaque na estrutura da RDA, treinado em Moscou. Exerceu de 1957 até 1989 o cargo de Ministro de Segurança de Estado da República Democrática da Alemanha. Sob sua gestão estava a temida STASI e, durante anos, controlou com o serviço secreto a vida dos cidadãos da Alemanha Oriental. Com o fim do regime socialista em 1989, Mielke perdeu sua força política, mas na prática continuava influente, tanto que em 1996 foi condenado a seis anos de prisão, mas não cumpriu um dia sequer de sua pena.

<sup>8</sup> Para mais ver: <https://www.dw.com/pt-br/aumenta-interesse-dos-alem%C3%A3es-pelos-arquivos-da-stasi/a-2670198>.

gradativamente se formaria um “Bayern de Munique do Leste” e consequentemente uma forte seleção.

Nesse contexto, Erich Mielke liderou juntamente com outros dirigentes da RDA um projeto que tornou a Oberliga um campeonato marcado por esquemas de manipulação de resultados, por arbitragens questionáveis na busca pela hegemonia do time símbolo do regime: o Dínamo de Berlim. O Dínamo foi decacampeão da Oberliga de 1979 até 1988, fato que evidenciava a corrupção da liga, com trocas de favores, ameaças, subornos e outros estratagemas, o que na prática enfraquecia a competitividade do futebol na Alemanha Oriental. Nesse contexto, surgia um talentoso meio-campista nascido em Brandenburgo, Lutz Eigendorf<sup>9</sup>, que aos doze anos de idade foi levado para treinar nas categorias de base do Dínamo de Berlim. Com habilidade para armação de jogadas e sendo bom finalizador, Eigendorf era tratado como uma joia pelos dirigentes do Dínamo e ficava sob os olhares vigilantes dos funcionários de Mielke. Logo, com atuações destacadas pela seleção da Alemanha Oriental, quando da sua estreia marcou dois gols em um amistoso contra a Bulgária, ganhou o apelido de “Beckenbauer do Leste”.

Em 1979,<sup>10</sup> o Dínamo foi convidado para um jogo amistoso contra o Kaiserslautern, time do lado ocidental. O governo da Alemanha Oriental não via com bons olhos esse tipo de excursão, pois conforme relatos poderia aguçar nos seus atletas sentimentos que não eram interessantes para a política do Estado. Assim, semanas antes da partida, os jogadores e a comissão técnica foram minuciosamente investigados pela STASI sobre qualquer suspeita de deserção e fuga, passaram por palestras sobre os valores do partido e as consequências pessoais e familiares para qualquer tipo de traição ao governo. Assim, em 18 de março de 1979, o Dínamo foi até a cidade de Kaiserslautern, jogou e perdeu por 4 a 1 para o time da casa. Mas Eigendorf chamou a atenção dos ocidentais. Com apenas 22 anos de idade, com um cartão de convite de um dos dirigentes do Kaiserslautern e com potencial para ser um grande ícone do futebol alemão, Eigendorf se sentiu seduzido pela vida e novas possibilidades do

<sup>9</sup> Conferir: [https://en.wikipedia.org/wiki/Lutz\\_Eigendorf](https://en.wikipedia.org/wiki/Lutz_Eigendorf).

<sup>10</sup> Conferir: <https://www.publico.pt/2014/11/15/desporto/noticia/lutz-eigendorf-a-morte-de-um-traidor-1676314>.

outro lado da Cortina de Ferro. Ao final da partida, todos foram acomodados no ônibus com destino a Berlim Oriental, perto da fronteira dos países. A delegação pôde descer para fazer compras em lojas e gastar seus marcos ocidentais, privilégio para poucos, comprar itens como jeans, discos de música, cigarros e outros. Eis que Lutz Eigendorf se distanciou do grupo e fugiu em um táxi em direção ao destino orientado por um dirigente do Kaiserslautern. Nessa fuga, talvez não planejada, Eigendorf deixava no lado oriental sua esposa Gabrielle de 22 anos e sua filha Sandy com 2 anos idade.

A fuga de Lutz Eigendorf <sup>11</sup> foi tratada pelo Governo da Alemanha Oriental e por Mielke como alta traição. O jogador foi suspenso pela UEFA e pela FIFA por um ano, devido ao abandono de seu time, mesmo com intensas negociações do Kaiserslautern para formalizar sua contratação. Simultaneamente, agentes da STASI procuraram a família de Eigendorf e interrogaram a sua esposa Gabrielle em busca de informações, mas ela não sabia de nada. Com esperanças de rever sua família, Eigendorf, por meio da imprensa ocidental, relatava o estado de vigilância e repressão permanente ao qual os cidadãos da Alemanha Oriental eram submetidos, mas mesmo assim não conseguiu reaver sua família. A STASI ainda induziu Gabrielle a pedir divórcio de Eigendorf, e ela casou-se com um membro da polícia secreta da RDA. Do lado ocidental, Eigendorf teria de reconstruir sua vida pessoal e esportiva. Paralelamente, a STASI infiltrou uma série de agentes em busca de Eigendorf, que foi transformado em inimigo público da RDA. Vale ressaltar que Lutz Eigendorf não foi o único caso de deserção e fuga: outros, como o treinador Jörg Berger, o meio-campista Norbert Nachtweih e o goleiro Jurgen Pahl, também fugiram da Alemanha Oriental. Mas, a punição a Eigendorf serviria de exemplo para inibir novas fugas. Um desses agentes que foram designados para executar o "traidor" foi Karl-Heinz Felgner, um ex-boxeador da Alemanha Oriental e antigo conhecido de Eigendorf. Com o tempo, eles foram se reaproximando, e Felgner, abastecendo a STASI de informações sobre o seu "amigo".

<sup>11</sup> Conferir: <http://www.futebolmagazine.com/eigendorf-o-jogador-que-stasi-assassinou>.

Pela Bundesliga, Eigendorf atuou pelo Kaiserslautern entre 1980 e 1982, marcando apenas sete gols em 53 partidas, sem o mesmo destaque de quando atuava pelo Dínamo de Berlim. Em 1982, foi negociado com o modesto Eintracht Braunschweig, time pelo qual atuou apenas oito vezes na liga de 1982-1983 até seu acidente fatal, que ocorreu na noite de 5 de março de 1983, quando Eigendorf, aos 26 anos de idade, colidiu seu carro contra uma árvore em uma estrada nos arredores de Braunschweig. Vale lembrar que até os dias atuais as autoridades de Braunschweig<sup>12</sup> não tratam a morte de Lutz como um acidente. Para eles, o caso ainda não está encerrado.

A morte de Lutz Eigendorf levantou, na época, uma série de suspeitas sobre o acidente, mas somente em 2000 um documentário produzido pela ESPN<sup>13</sup> reuniram-se dados sobre a participação da STASI em seu suposto acidente automobilístico. As suspeitas aumentaram com a prisão de Karl-Heinz Felgner<sup>14</sup> por roubo a uma loja de conveniência. Em seu depoimento confessou que fora agente da STASI e que havia um plano desta para assassinar Eigendorf, no qual ele, Felgner, não teve participação. Mas Felgner levantou a suspeita de que Eigendorf fora envenenado por agentes da STASI e que seu acidente fora forjado. Mas até hoje não existem provas conclusivas sobre a morte do promissor meio-campista que sonhava com o brilho no futebol alemão. Em 2015, foi lançado o livro *Jogo livre: futebolistas da Alemanha Oriental em fuga*,<sup>15</sup> de autoria de Frank Müller e Jürgen Schwarz, que relatam casos como o de Lutz Eigendorf, Norbert Nachtweih, Matthias Müller, Frank Lippmann, Falko Götz, Dirk Schlegel, Jürgen Sparwasser, Jörg Berger, dentre outros que fugiram ou tentaram viver outra vida longe da Alemanha Oriental.

<sup>12</sup> Conferir: <https://medium.com/@portesovic/morte-ao-traidor-8c2d162a89a4>.

<sup>13</sup> The curious case of Lutz Eigendorf – Part 1 – writer: Uli Hesse, from ESPN Soccer.net. The curious case of Lutz Eigendorf – Part 2 – writer: Uli Hesse, from ESPN Soccer.net.

<sup>14</sup> Karl-Heinz Felgner, um ex-boxeador decadente da extinta Alemanha Oriental que trabalhou como agente da STASI e que, quando foi detido em 2008, disse ter sido contratado pela RDA em 1980 para assassinar Lutz – crime que ele não cometeu. Segundo Felgner, Lutz foi induzido a bater o carro diante de uma perseguição na estrada feita por um veículo dirigido por agentes da STASI, caso que nunca foi comprovado.

<sup>15</sup> Conferir: [http://www.leipzig-er-fussballverband.de/cms2/index.php?section=news&cmd=details&new\\_sid=685](http://www.leipzig-er-fussballverband.de/cms2/index.php?section=news&cmd=details&new_sid=685).

## **Verblitzen: considerações finais**

Em 2000, um jornalista alemão da cidade de Colônia, Heribert Schwan, pesquisando nos arquivos da STASI, encontrou a palavra *verblitzen* na pasta sobre Lutz Eigendorf. O termo remete a uma técnica do serviço secreto da RDA, que consistia em dirigir de faróis apagados na contra-mão do veículo em perseguição e os acender de repente para assustar o motorista, com a intenção de o fazer perder o controle da direção do carro. Com esses indícios em mãos, Schwan revirou arquivos e jornais em busca de mais informações sobre a morte de Lutz, inclusive descobrindo que cerca de cinquenta agentes da STASI foram envolvidos na busca pelo jogador, além de menção a um "Romeu", termo utilizado para designar agentes para se aproximarem de pessoas íntimas dos perseguidos pela STASI. Essa situação envolveu Gabrielle, a ex-mulher de Lutz, que segundo relatos acabou se casando com esse "Romeu" da STASI. Em meados dos anos 1990, a própria Gabrielle deu entrevista para a imprensa alemã relatando que, quando Lutz partiu para a Alemanha Ocidental, ela tinha certeza que nunca mais o veria por causa da rígida perseguição da polícia de Mielke.

A pesquisa do jornalista Heribert Schwan rendeu um livro e um documentário chamado *Morte ao traidor (Tod dem Verräter – Der Fall des Lutz Eigendorf)*,<sup>16</sup> nos quais ele traz boa parte da trama que envolveu a vida e a morte de Lutz Eigendorf. Em meados de 2010, o diretor do Memorial das Vítimas da STASI solicitou à justiça a reabertura do processo que envolvia a morte de Lutz Eigendorf, porém a justiça alemã não atendeu ao pedido, alegando que não havia indícios de assassinato no caso de Lutz.

Assim, a morte do ex-jogador segue envolta em mistérios e informações que em alguns momentos parecem obras de ficção de filmes de espionagem dos anos 1970 e 1980 sobre a Guerra Fria, mas mostra como as relações de poder são mais obscuras que parecem. Em 1983, Lutz concedeu uma entrevista à imprensa alemã e disse que: "uma das razões para eu deixar a Alemanha Oriental foi a possibilidade de jogar na

<sup>16</sup> Para assistir ao documentário de Heribert Schwan, segue o link: <https://youtu.be/zqXimhARuXI>.

Bundesliga, enormemente superior”,<sup>17</sup> mas por razões alheias à vontade de Lutz, ele nunca encontrou na Alemanha Ocidental o sucesso que buscava no futebol e na vida.

## Referências

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX : 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAGUNAS, Aitor. Muerte al traidor. *Revista Panenka*. Disponível em: <http://www.panenka.org/miradas/muerte-al-traidor/>. Acesso em 07 out. 2019.

STEIN, Leandro. Como o futebol explica o regime da Alemanha Oriental. *Portal Trivela*. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/como-o-futebol-explica-o-regime-da-alemanha-oriental/>. Acesso em 07 out. 2019.

VAZA, Marco. Lutz Eigendorf, a morte de um “traidor”. *Portal Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/11/15/desporto/noticia/lutz-eigendorf-a-morte-de-um-traidor-1676314>. Acesso em 07 out. 2019.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>17</sup> Conferir: <https://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/ha-40-anos-jogador-fugia-da-alemanha-oriental-e-iniciava-jornada-de-espionagem-e-morte.ghtml>.

## Contra o VAR aos 40 minutos antes do nada

Vinicius Garzon Tonet

Já tive o prazer de esbarrar com Tinga, ex-atacante do Internacional de Porto Alegre, algumas vezes aqui em Belo Horizonte. Ele, sempre a pé; eu, de carro, ônibus ou chinelo. Por um desencontro de velocidades, portanto, apenas em uma dessas ocasiões pude apertar suas mãos, olhar em seus olhos e dizer-lhe a insofismável verdade: “Foi pênalti em você, Tinga”. Quando motorizado, projetava moderadamente o tronco para fora da janela, inclinava o pescoço, levantava a cabeça até sentir as dobras de pele formarem-se na nuca e berrava: “Foi pênalti em você, Tinga!”. Naquele jogo, caso existisse a possibilidade de revisão do lance pelo VAR, bem possível que as cenas descritas acima não existissem. Como revisão não houve, aguardo o reencontro com Tinga. Aquilo que motiva essas reações é lugar-comum para os amantes de futebol, mas vale a lembrança.

Marcado pela anulação de 11 partidas pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), cuja presidência era ocupada por Luiz Zveiter, o Brasileiro de 2005 foi um campeonato atípico. Os jogos invalidados pela Corte ocorreram entre maio e setembro e foram apitados por Edílson Pereira de Carvalho, suspeito de participar de um esquema de manipulação de resultados em conluio com apostadores – aquilo que ficou conhecido como “Máfia do Apito”. O árbitro, à época um dos poucos brasileiros vinculados aos quadros da FIFA, chegou a ser preso e foi banido do esporte em seguida. As anulações foram justamente contestadas, pela celeridade da ação e pelo critério confuso adotado pelo STJD para

solucionar os problemas. Como consequência dos fatos, as partidas foram todas remar cadas para o mês de outubro, momento em que o campeonato começava a afunilar-se. Apesar desses imbrógl ios, o lance do Tinga não guarda relação direta com eventos da “Máfia do Apito”.

Naquele ano, as qualificadas equipes de Inter e Corinthians disputavam o título, e o time do Parque São Jorge acabou tornando-se o maior beneficiado das anulações. Isso porque, ao invés de ter somado à tabela duas derrotas provocadas por Santos e São Paulo, o Alvinegro conseguiu reverter os resultados negativos, vencendo o Peixe e empatando com o Tricolor. Uma vitória e um empate fizeram com que o time corinthiano ultrapassasse o Colorado na classificação, bem na reta final do torneio. O Inter, por sua vez, viu-se na obrigação de repetir a vitória contra o Coritiba, única partida anulada do time gaúcho. Venceu, mas a liderança já estava em outras mãos. Continuou perseguindo o Corinthians até a sua chance de ouro para reconquistar a liderança, que veio no dia 20 de novembro, na antepenúltima rodada, quando as equipes se enfrentaram no Pacaembu. Foi nesse jogo que o pênalti no Tinga não aconteceu.

Márcio Rezende de Freitas era o árbitro daquela final antecipada e nada tinha a ver com o escândalo da “Máfia do Apito”. O jogo corria normalmente, com o placar sendo aberto pelo time da casa, e o visitante empatando logo no início do segundo tempo. Foi quando, então, aos 20 e tantos da etapa final, Fábio Costa, goleiro corinthiano, dá uma entrada criminosa em Tinga dentro da área. Pênalti claro, menos para Márcio Rezende, que expulsou o nosso protagonista por simulação. O jogo terminou 1 a 1, o Corinthians manteve-se na liderança, venceu as duas últimas partidas e comemorou o título.

Voltando à minha relação com Tinga, após essa breve digressão histórica, confesso que gosto de imaginar que outras pessoas também param o herói do Inter pelas ruas do Brasil repetindo para ele o adágio: “Foi pênalti em você, Tinga”. Desconheço – e prefiro que assim seja – se ele gosta ou deixa de gostar que lhe tragam esse fato à consciência. Possível que já tenha superado o trauma daquele pênalti não marcado e que deseje esquecer o ocorrido. Felizmente, nem tudo na vida é questão de querer. Algumas coisas se impõem para além de nossas vontades, e, por isso, Tinga que me desculpe, é impossível não enxergar nele o dia

20 de novembro de 2005. Talvez a milenar sabedoria cristã nos ensine alguma coisa: “Deus nunca nos dá um fardo maior do que possamos carregar”, e vida que segue.

Bom, mas cheguemos ao ponto. Caso naquele dia estivesse presente o *Video Assistant Referee* – o VAR ou árbitro de vídeo –, provável que corrigisse a marcação do juiz principal, assinalando a infração, expulsando o goleiro corinthiano, Fábio Costa, possibilitando o gol da vitória e encaminhando o Colorado para o título, não apenas moral, mas de fato do Brasileirão, operando uma indubitável alteração cósmica nos rumos da história! Com o Inter em primeiro, seus adversários na Libertadores de 2006 seriam outros, o que poderia levar a uma precoce derrota no torneio, como aconteceu com o próprio Corinthians, e ao “não-ser” o gol de Gabiru contra o Barcelona de Ronaldinho Gaúcho, na final do Mundial. Com os corações apaziguados, nem eu nem o Brasil teríamos a devida falta de carinho por Márcio Rezende ou a obsessão por Tinga, deixando sua fama restrita, quem sabe, apenas às terras gaúchas.

Nada melhor que o exercício da história contrafactual para percebermos as ambivalências da vida. Eis a maravilha do “se”! Mas quero deixar de lado essas questões hipotéticas e universos paralelos para apresentar o argumento da minha oposição ao uso do juiz eletrônico. Antes que almas pequenas concluam que por ser contra o VAR seria adepto de um futebol-antiquário e que deveria, por coerência, ser contra a camisa pra fora do short, dos cartões ou até mesmo do aportuguesamento de palavras do jogo, é necessário dizer que sua aplicação não tem sido de todo ruim. Por ora, mais acertos que erros, e nada que um pouco mais de prática e orientações bem-definidas não possam resolver, sobretudo no que diz respeito à demora excessiva no reinício das partidas após a interferência dos juizes de gabinete. Além disso, outra situação atrapalha, e muito, o ritmo dos jogos: os árbitros de campo têm preferido, muitas vezes, esvaziar o seu poder decisório e transferi-lo, por conta própria, para a segunda instância de interpretação das regras futebolísticas, se assim podemos dizer, para só então proferir o veredito sobre o lance analisado.

Seja qual for o juízo sobre o árbitro de vídeo, positivo ou negativo, ele estará condicionado à observação irrefutável de que o VAR alterou a

dinâmica do jogo. Se muito ou pouco, a avaliação é subjetiva. A minha, é de que alterou muito, principalmente por abrir caminho para outras alterações drásticas no mundo da bola, como a diminuição do tempo de jogo para duas etapas de 30 minutos, com o cronômetro sendo paralisado quando a bola sai das quatro linhas – fato que não tem em nada a minha simpatia. Entretanto, se tomarmos como verdade que as obras humanas estão sempre em movimento, logo perceberemos que assim que um inconveniente é suprimido, outro surge em seu lugar. Para os que desejarem conhecer esses novos infortúnios e ampliar o repertório de crítica ao VAR, sugiro os textos de Sérgio Settani Giglio<sup>1</sup> e Gabriel Said.<sup>2</sup> Neles, é possível encontrar críticas ao conceito de justiça que fundamenta a existência do VAR, à centralidade desproporcional dos juízes no espetáculo futebolístico e ao poder indevido da imagem televisiva sobre a dimensão “acontecimental” do jogo.

Pessoalmente, apesar da antipatia, acredito que seu uso está consolidado. Sou contra, mas aceito o fato. Por isso, advogo, sim, pela desestabilização do lugar hegemônico que o VAR assumiu no futebol, assim como os críticos citados acima. Defenderei, a partir de uma argumentação por extremos, que há uma incompatibilidade ou, antes, uma incomensurabilidade ontológica entre o VAR e a civilização brasileira. Ou seja, diferenciam-se em substância e não podem se combinar. Estaria, desse modo, excluída a possibilidade de síntese entre nós e o VAR, numa espécie de “se o Brasil permanece Brasil, não aceita o VAR; se se aceita o VAR, deixa de ser Brasil”.

Para essa reflexão, tomemos como ponto de partida um espetáculo, também de 2005, do mais tradicional grupo de dança de Belo Horizonte. Enquanto Márcio Rezende facilitava a vida do Corinthians, bailarinos e bailarinas do Grupo Corpo atiravam-se no palco do Palácio das Artes, em Beagá, na comemoração de 30 anos da companhia. A tri-lha sonora do espetáculo *Onqotô*, composta por Caetano Veloso e José Miguel Wisnik, “estabelece uma sucessão de diálogos rítmicos, melódicos e poéticos em torno [...] do sentimento de desamparo inerente à condição

<sup>1</sup> GIGLIO, O VAR faz bem para o futebol?, 2018. GIGLIO, O espelho de Narciso: reflexões sobre o VAR, 2018.

<sup>2</sup> SAID, O VAR é burro, 2019.

humana”.<sup>3</sup> A dança, elaborada por Rodrigo Pederneiras, traz “verticalidade e horizontalidade, caos e ordenação, brusquidez e brandura, volume e escassez”.<sup>4</sup> A iluminação, de Paulo Pederneiras, “imprime na cena” uma dinâmica “que remete à dos estádios de futebol”.<sup>5</sup> E, assim, o tema central de *Onqotô* – a “inexorável pequenez do Homem diante da vastidão do Universo”<sup>6</sup>– aparece aos olhos do espectador, mobilizando, muitas vezes, uma linguagem futebolística.

Manifestamente, a ideia para o balé surgiu de conversas de Caetano e Wisnik, músicos e intérpretes do Brasil, sobre a origem do Universo – de onde viemos e para onde vamos? O questionamento existencial por excelência: *Onqotô? Pronqovô? Em “minerês”*. Para tentar responder a perguntas que povoam a mente de homens e mulheres desde o início dos tempos, tiveram de enfrentar a explosão primordial, o som demiúrgico: o Big Bang. Pois enfrentaram e chegaram à conclusão de que o nome dado à origem “tem a ver com expressões da cultura anglo-americana: o cinema e o ‘bague-bague’, a música e a ‘big band’, o tempo do império britânico e o Big Ben, a cultura de massa e o Big Mac”.<sup>7</sup> Foi então que, contra a “aceitação dócil da expressão Big Bang como nomeação do início do universo”, uma vez que “o compromete com o império americano”,<sup>8</sup> lembraram-se de Nelson Rodrigues e sua versão para o princípio de tudo: “O Fla-Flu começou 40 minutos antes do nada”, dizia Nelson. Postularam, então, a seminal diferença das civilizações nascidas do “Big Bang” para aquelas originadas do “Fla-Flu”.

Dessa reflexão, surgiram duas músicas para *Onqotô*: “Fla-Flu” e “Big Bang Bang”. A primeira, que inclusive inaugura o espetáculo, ou seja, mimetiza a criação a partir do nada, reproduz sons cósmicos primordiais, longos sopros primitivos que se dilatam no espaço, ventos que espalham partículas de poeira no infinito, ruídos bruscamente interrompidos e que recomeçam, barulhos em constante movimento de atração e repulsão, sístole e diástole e sussurros dizendo “Fla... Flu...”, dando a

<sup>3</sup> ALMEIDA, *Grupo Corpo: Onqotô* (release), 2005, p. 2.

<sup>4</sup> ALMEIDA, *Grupo Corpo: Onqotô* (release), 2005, p. 3.

<sup>5</sup> ALMEIDA, *Grupo Corpo: Onqotô* (release), 2005, s.p.

<sup>6</sup> ALMEIDA, *Grupo Corpo: Onqotô* (release), 2005, s.p.

<sup>7</sup> WISNIK, Trilha de Caetano e Wisnik para Grupo Corpo ecoa diálogo, 2005.

<sup>8</sup> WISNIK, Trilha de Caetano e Wisnik para Grupo Corpo ecoa diálogo, 2005.

impressão de uma dança em que as hélices que formam o DNA encontram-se e desencontram-se, subindo, descendo, nunca parando. “Fla... Flu...” preenche o ambiente, ecoa, contém o germe do mundo e prepara a vida futura. Para Caetano Veloso e José Miguel Wisnik, na expressão “Fla-Flu”, “a sonoridade é mais mansa que a do Big Bang, sem deixar de conter o choque”.<sup>9</sup>

Em “Big Bang Bang”, as teorias concorrentes sobre a criação do universo são reveladas na letra: “Se tudo começou no Big Bang / Tinha que acabar no Big Mac / Só tinha que acabar no Big Mac”.<sup>10</sup> Dessa forma, a relação de necessidade entre aquela origem e este fim é um dado objetivo. O único sentido possível para a civilização criada a partir do Big Bang era, implacavelmente, o Big Mac, sem possibilidades de alterações no percurso, da ação do acaso, numa espécie de destino manifesto. A música continua, e o modelo anglo-americano sofre um abalo: “mas se a partida já estava começada / Quarenta minutos antes do nada / Então é Fla-Flu / Então é Maracanã lotado de pulsão / Demais! / E o sopro divino criador cantou Fla-Flu”.<sup>11</sup> Assim, as nossas coisas foram criadas, e as multidões despertadas. Uma sociedade aberta ao acaso, à contingência, ao imponderável. A pulsão que leva tanto à violência quanto à festa. Em vez da explosão, um sopro que canta. Enfim, algo bem diferente das sociedades marcadas pelo Big Bang, que, não nos esqueçamos, criou também o Basketball, cientificamente projetado em laboratórios de Massachusetts, com sua regularidade de movimentos, controle rígido do tempo e que “os acontecimentos são comprimidos de modo a quase serem, no limite, esgotados pelos números”.<sup>12</sup>

Mas, então, o que tudo isso tem a ver com o VAR? É de uma obviedade cristalina que o árbitro de vídeo se insere na dinâmica dos avanços tecnológicos e traz consigo a crença na depuração das imperfeições do mundo via progresso científico. Aplicando-se a tecnologia ao jogo, teríamos uma melhora, uma evolução, um progresso objetivo do futebol. Desempenho, precisão, exatidão, eficiência, maximizados pelo controle

<sup>9</sup> WISNIK, Trilha de Caetano e Wisnik para Grupo Corpo ecoa diálogo, 2005.

<sup>10</sup> VELOSO; WISNIK, *Onqotô*, 2005.

<sup>11</sup> VELOSO; WISNIK, *Onqotô*, 2005.

<sup>12</sup> WISNIK, *Veneno-remédio*: o futebol e o Brasil, 2008, p. 111.

do olho que tudo vê – Big Brother? Vincula-se, portanto, ao lado Big Bang da história cósmica, não à toa implementado antes na versão ampliada do Ping-Pong.

Do alto da torre, tudo é vigiado a todo instante por juízes limpos e engomados, distantes do som e da fúria, da força telúrica presente no contato dos corpos que se confrontam na planície verde. Imperturbáveis aos sons vindos das gargantas eufóricas e raivosas dos torcedores. Não estão expostos “aos apupos prévios, vingativos e catárticos, da massa”<sup>13</sup> qual os juízes lá de baixo. Os homens do VAR não estão em campo, não estão no estádio, mas estão no controle, prontos a alterar a dinâmica dos acontecimentos, buscando os mínimos detalhes, alterando velocidades, aproximando e afastando as câmeras dos lances em revisão. Neutros, acompanham o jogo pela televisão.

De modo perspicaz, muito antes do aparecimento do VAR, Gilberto Gil percebeu como *replays* na televisão impunham uma reflexão sobre onde estaria a objetividade dos lances no futebol. Wisnik relembra o que foi dito por Gil:

A objetividade no futebol é relativa à percepção possível dos fenômenos, inseparável da sua realização no tempo e nas condições da partida, e que portanto, uma infração não existe ‘objetivamente’, na realidade ou na máquina que a registra, mas somente na fração de tempo em que ela é passível de ser captada em jogo. Em outras palavras, o fenômeno observado inclui necessariamente, poderíamos dizer, o observador, e a definição do choque entre a mão de um jogador postado na barreira e a bola em alta velocidade, referida à probabilidade de uma intenção, passaria a ser tão complexa como a definição da posição de um elétron e sua caracterização como partícula e onda.<sup>14</sup>

Aquilo que fundamenta essa postura é o pressuposto de que o tempo de jogo é o tempo do jogo em campo, não aquele assimilado pela gravação. Ou seja, com seus atores e suas ações interpretáveis apenas por olhos com acesso imediato aos fenômenos – logo não mediato pela imagem televisa, simulacro do real –, assumindo suas limitações e potencialidades disponíveis apenas dentro do campo e em relação com ele,

<sup>13</sup> WISNIK, *Veneno-remédio: o futebol e o Brasil*, 2008, p. 105.

<sup>14</sup> WISNIK, *Veneno-remédio: o futebol e o Brasil*, 2008, p. 109-110.

nesse ponto poderíamos destacar inúmeras variáveis que podem influir na decisão do árbitro – mesmo ponto de vista dos jogadores, cansaço, aquilo que escutou, que viu, e a TV não capturou, histórico com os jogadores, condições climáticas, estado do gramado, acontecimentos pessoais, distrações, qualidade profissional, intuição, perspicácia, experiência etc. Como se vê, o cérebro eletrônico não faz tudo.

O VAR aparece como um ente não implicado na confusão da realidade que se desenrola. Por isso, seu juízo seria mais certo, e sua verdade, olhada de cima, distante, mediada pela técnica, mais transparente. Não é por acaso que o povo brasileiro insiste no ato falho: “árbitro de vidro”. Por fim, o jogo, pela sua nova transparência, pode ser visto como um palácio de cristal. Dostoiévski alertava para os perigos desse palácio, metáfora para criticar o racionalismo ocidental. Esse lugar translúcido, em que tudo é visto e observado, fruto do homem novo, filho da era da razão, dominado pelas luzes, está repleto de sensatez, mas é “terrivelmente enfadonho”.<sup>15</sup> Além de enfadonho, disciplinador e padronizador de comportamentos, já que ausente qualquer tipo de privacidade. A imagem foi adotada mais tarde na distopia *Nós*, de Ievguêni Zamiatin,<sup>16</sup> em que a arquitetura transparente dos prédios participaria do conjunto de elementos de controle de corpos naquela sociedade. A lição que fica é: sempre que a humanidade acreditar em eliminar o mistério do mundo, ela irá fracassar. É essa intromissão da credulidade na transparência dos fenômenos no futebol que me incomoda, e o VAR acaba sendo seu maior sintoma. Argumentarão que o juiz de vídeo não pretende acabar, mas mitigar erros; que não decreta o fim da interpretação dos lances ou que, como a experiência tem demonstrado, os debates pós-jogo não deixarão de acontecer. Onde houver seres humanos, haverá polêmica. Sim, mas essas já são discussões derivadas e que não atacam o problema central.

A questão é: não há necessidade histórica ou cosmológica na introdução do VAR no futebol brasileiro. Isso quer dizer que ele poderia não ser adotado, e o futebol seguiria com suas venturas e desventuras hermenêuticas. Não é por estarmos no século XXI que o futebol necessite

<sup>15</sup> DOSTOIÉVSKI, *Memórias do subsolo*, 2000, p. 38.

<sup>16</sup> ZAMIÁTIN, *Nós*, 2017.

do VAR. Veja, não penso que necessariamente, por conta dele, o jogo ficará pior. Apenas que sua oficialização veste a camisa de certo modelo civilizacional – aquele que acredita que a prosperidade tecnológica virtual é antídoto contra imperfeições humanas. Acredito que a civilização do “Fla-Flu” tenha, ou tivesse, já que a batalha parece perdida, alternativas para enfrentar esse padrão que é vendido como estágio último da evolução cósmico-futebolística. Talvez, essa seja uma defesa do aspecto lúdico do jogo, da “respiração fora do produtivismo sem trégua, a capacidade de comunicação entre lógicas múltiplas, e a leveza profunda”,<sup>17</sup> contra a sedução causada pela ideia da redenção pela perfectibilidade tecnológica orientada por uma razão superior e definitiva. Sem o VAR, estamos mais próximos da pequenez humana que reconhece o imponderável e do balé do Grupo Corpo, mais próximos do desamparo do homem frente às coisas irrepetíveis do mundo e da sina de Tinga. Inclusive, mais próximos de erros humanizados e de Márcio Rezende, mais próximos da angústia e do pênalti que poderia ter sido e não foi.

## Referências

ALMEIDA, Angela de. *Grupo Corpo: Onqotô* (release). Grupo Corpo, 2005. Disponível em: <http://www.grupocorpo.com.br/pt-br/obras/18/onqoto>. Acesso em: 30 out. 2019.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2000.

GIGLIO, Sérgio Settani. O VAR faz bem para o futebol? *Ludopédio*, 13 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-var-faz-bem-para-o-futebol/>. Acesso em: 30 out. 2019.

GIGLIO, Sérgio Settani. O espelho de Narciso: reflexões sobre o VAR. *Ludopédio*, 15 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-espelho-de-narciso-reflexoes-sobre-o-var/>. Acesso em: 30 out. 2019.

SAID, Gabriel. O VAR é burro. *Ludopédio*, 25 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-var-e-burro/>. Acesso em: 30 out. 2019.

VELOSO, Caetano; WISNIK, José Miguel. *Onqotô*. Belo Horizonte: Grupo Corpo, 2005.

WISNIK, José Miguel. Trilha de Caetano e Wisnik para Grupo Corpo ecoa diálogo. Entrevista concedida a Luciana Araújo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 de agosto de 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u52552.shtml>. Acesso em: 30 out. 2019.

WISNIK, José Miguel. *Veneno-remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZAMIÁTIN, Ievguêni Ivánovitch. *Nós*. São Paulo: Aleph, 2017.

<sup>17</sup> WISNIK, *Veneno-remédio: o futebol e o Brasil*, 2008, p. 430.



# **Futebol, igualdade e mulheres em campo: entre dribles, políticas e manifestações**

Luciana Cirino Lages

O futebol é uma das modalidades esportivas que surgiu durante a modernidade. Ao longo de sua trajetória, é possível observar as transformações pelas quais ele passou e a potencialidade mobilizadora que ele comporta: econômica, política e sentimental.

Sua potencialidade de mobilização econômica pode ser observada, por exemplo, nas atuais cifras milionárias envolvendo a transação interclubes para a contratação de jogadores e também na movimentação financeira relativa aos campeonatos e patrocínios. Os sentimentos impulsionados pelo futebol podem ser diversificados e contraditórios: tristeza e alegria; paixão e ódio; apatia e euforia. E a potencialidade política do futebol pode ser identificada na ação de jogadores e jogadoras que expressam reivindicações relativas à condição profissional ou ao panorama político em que estão inseridos, e também na atuação estatal, expressa na política pública que pode ser executada pelos diferentes níveis de governo, por meio de programas, projetos e do fomento aos clubes mediante patrocínio ou apoio à realização de competições.

Mas a atuação do Estado no campo esportivo também já foi motivadora de restrições. Houve, inclusive no futebol, momentos em que o Estado atuou de modo a proibir a sua prática, como ocorreu em 1941, quando foi publicado o decreto-lei 3.199,<sup>1</sup> em que a prática de algumas

<sup>1</sup> BRASIL, Decreto-Lei nº 3.199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941.

modalidades esportivas foi proibida para as mulheres. E o futebol estava entre elas.

Se hoje essa legislação já não vigora mais em nossa sociedade, e as mulheres já podem praticar o futebol, ainda existem barreiras que inviabilizam a presença das jogadoras nos diferentes campos e quadras brasileiros. Esse distanciamento pode ser superado, contribuindo para valorizar a participação das mulheres no futebol, assim como em outros esportes que ainda são tidos como masculinos. E, para isso, a manifestação política da população, sobretudo das mulheres, é uma das possibilidades para garantir o acesso e a permanência delas no campo esportivo.

Nesse sentido, entre os dias 07 de junho e 07 de julho de 2019, durante a realização da oitava edição da Copa do Mundo Feminina de Futebol, na França, foi possível observar que, além dos lances e das jogadas marcantes durante os jogos, houve também, dentro e fora dos gramados, a expressão de jogadoras que reivindicaram a igualdade de gênero no esporte.

A jogadora Marta, camisa 10 da seleção brasileira, utilizou a sua chuteira e as redes sociais para manifestar a situação de desigualdade existente em relação à remuneração de jogadores e jogadoras profissionais. No dia 13 de junho, durante o jogo entre Brasil e Austrália, válido pela segunda rodada da fase de grupos, ao marcar um gol em cobrança de pênalti, Marta comemorou o tento com outras jogadoras da seleção brasileira e apontou para o seu pé, indicando o símbolo da igualdade que estava impresso na chuteira.

Essa foi a forma utilizada por ela para protestar e colocar em destaque esse problema que perpassa o universo do futebol e que prejudica as jogadoras. Fora dos gramados, no dia 14 de junho, ela publicou a seguinte mensagem em sua conta do *Facebook*:

Nós precisamos de apoio. Mas mais do que apoio, nós precisamos de respeito. E dar valor é a melhor forma de mostrar respeito a alguém. No esporte. Na vida. Por isso a equidade é algo pelo qual todas, todos e todxs devemos lutar. E a hora de agir é AGORA. Faça o gesto de igualdade e poste marcando a nossa hashtag #GoEqual.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> SILVA, *Nós precisamos de apoio*, 2019.

Essa mensagem, escrita em três idiomas (português, espanhol e inglês), foi publicada junto com uma imagem da jogadora fazendo o gesto da igualdade com os braços.

Outra jogadora que se posicionou a favor da igualdade de remuneração entre homens e mulheres no futebol foi Megan Rapinoe, uma das integrantes da seleção estadunidense, que conquistou o primeiro lugar da Copa do Mundo de 2019. No dia 07 de julho, ao vencer a seleção da Holanda por 2 a 0, a equipe dos Estados Unidos conquistou o tetracampeonato e subiu ao pódio.

Seis dias após o jogo da final da Copa do Mundo de Futebol, Megan publicou uma imagem em sua conta do *Facebook*, na qual estava destacada a seguinte mensagem: "*equal pay isn't a game*" (Salário igual não é um jogo).<sup>3</sup>

Em sua publicação, Megan promoveu a ideia de que o pagamento igualitário não é um jogo. Do mesmo modo que a jogadora brasileira, ela se posicionou em defesa da igualdade de remuneração no esporte. Assim, elas nos alertam para a necessidade da equidade salarial entre homens e mulheres. Esse é um aspecto que deve ser considerado, se realmente defendemos a igualdade entre homens e mulheres, valendo para o futebol, para outras modalidades esportivas e para outras profissões.

A realização da Copa do Mundo Feminina de Futebol pode incentivar o desenvolvimento dessa modalidade, bem como dar visibilidade às equipes participantes. A apresentação das jogadoras, durante a Copa, pode ser um estímulo para o surgimento de novas adeptas. Mas e quando a Copa do Mundo termina? O que poderia estimular a participação das mulheres e o respeito às atletas?

Existem outras situações que podem interferir no surgimento de novas jogadoras, tais como: a organização de calendários anuais de competições regionais e nacionais; a estruturação de equipes femininas nos clubes; e a disponibilidade de locais para a prática, facilitando o acesso e a permanência das praticantes.

Outro aspecto que perpassa as relações cotidianas no universo esportivo e que merece atenção e esforços para ser superado é o

<sup>3</sup> RAPINOE, *Thank you @the.wing*, 2019. (tradução nossa).

distanciamento das mulheres em relação à prática do futebol. Nos últimos quatro anos, ao me aproximar de alguns campos de várzea localizados em diferentes regiões de Belo Horizonte, e em especial acompanhando as atividades e os jogos de uma escolinha de futebol realizados pela Prefeitura, tenho observado o cotidiano desse campo e também a dinâmica de acesso e permanência de crianças e jovens em programas e projetos sociais.

Essa trajetória tem evidenciado alguns aspectos interessantes relativos ao universo do futebol e da relação dos moradores com o campo. Além de se constituir como *locus* para a prática do futebol, também é utilizado pela população para outras atividades corporais: treinamento físico, caminhada, corrida, andar de bicicleta e brincadeiras das crianças. Potencialmente utilizado para o esporte e a brincadeira, destaca-se ainda como espaço de lazer para os moradores da região, em especial do bairro em que está localizado. Algumas formas de uso são percebidas tanto durante a semana quanto aos finais de semana, sendo possível identificar a sua utilização para encontros de amigos e namorados; para a realização de algumas festividades; *point* de encontro de adolescentes e jovens para as resenhas<sup>4</sup> antes ou depois dos jogos e dos treinos; espaço em que grupos de torcedore(a)s e jogadores organizam churrasco ao lado do campo; e, por algumas vezes, torna-se residência temporária de moradores de rua.

Essa proximidade com o cotidiano desse campo de várzea evidenciou um aspecto que eu já havia identificado, anteriormente, nos atendimentos realizados por nossa equipe nas aulas da Escola de Futebol: a presença reduzida do público feminino. Ainda que na política pública desenvolvida pela Prefeitura esse público fosse alvejado, efetivamente, quando observamos os dados dos relatórios produzidos entre os anos de 2015 e 2018, é perceptível que o atendimento das meninas no campo é baixo, se comparado ao número de inscritos nas atividades. A análise dos dados relativos aos atendimentos realizados pelo Programa Esporte

<sup>4</sup> A palavra *resenha* era utilizada com frequência entre os adolescentes que jogavam futebol no campo e servia para indicar as conversas que realizavam após os jogos ou as festas que participavam.

Esperança/SMEL,<sup>5</sup> no primeiro semestre de 2019, evidencia que o público feminino representa aproximadamente 1/3 dos atendimentos das escolinhas de esportes direcionadas para crianças e adolescentes. Esse quantitativo pode ser mais reduzido se a modalidade analisada for o futebol, conforme tenho observado na turma de futebol de campo do bairro São Bernardo. Em um grupo de aproximadamente 15 participantes, há apenas uma garota que de vez em quando participa das atividades no local. Além de evidenciar a baixa adesão do público feminino em atividades esportivas, esse panorama pode contribuir para observarmos aspectos relacionados à desigualdade de acesso. E ainda pode demonstrar que, além de promover programas e projetos incentivando crianças e adolescentes a praticarem esportes, é necessário criar estratégias para incluir também o público feminino e incentivar a permanência delas nas diferentes modalidades esportivas, e, entre elas, o futebol.

Nesse sentido, a política pública poderia exercer seu potencial de incentivar a equidade<sup>6</sup> social, que, no caso abordado aqui, estaria direcionada para o esporte. Ou seja, ao incentivar o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas para o campo esportivo, em especial nas localidades e para os grupos menos favorecidos, o Estado poderia oportunizar a correção da desigualdade de acesso ao esporte. Poderia estimular a presença de garotas nos campos e quadras, jogando e praticando os diversos esportes. E, entre eles, o futebol.

Tenho refletido e me provocado a buscar apontamentos sobre os fatores que podem induzir esse panorama de distanciamento das mulheres em relação ao universo futebolístico (e por que não dizer do universo esportivo?). Arrisco indicar que os aspectos culturais são marcantes para impulsionar essa situação, em especial aqueles relacionados à aceitação e à negação da presença e da permanência das mulheres no campo – o que, como e quando podem estar nele.

<sup>5</sup> Para conhecer os Programas e Projetos executados pela Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de Belo Horizonte – SMEL/PBH, acesse: <https://prefeitura.pbh.gov.br/esportes-e-lazer>. Acessado em: 17 dez. 2018.

<sup>6</sup> De acordo com Rua (*Políticas públicas*, 2014), a *equidade* pode ser compreendida como um fator para contribuir para a diminuição das desigualdades e da exclusão social.

Trago em minha memória algumas lembranças ainda frescas dos desafios que eu, quando criança, precisava enfrentar para brincar de bola. Eu amava jogar queimada, pular corda, correr, brincar de casinha, assistir televisão, brincar de boneca, brincar de rouba-bandeira, subir em árvores e jogar bola com meus dois irmãos (e ainda bem que esses dois irmãos, um mais velho e um mais novo do que eu, em alguns momentos me acolhiam nas brincadeiras, eles foram um passe livre para algumas situações). Mas nem sempre era possível! E mesmo eles tinham seus lapsos com a irmandade e se aventuravam a me proibir quando defendiam a ideia de que eu não deveria jogar futebol, orientados pela teoria defendida por nosso pai de que “futebol não era coisa de mulher”.

Assim, eu seguia, ora jogando os pequenos jogos relacionados ao futebol, ora vendo o jogo de fora e querendo brincar. E entre sombras e visibilidades,<sup>7</sup> entre proibições e consentimentos, as brincadeiras relacionadas ao universo do futebol fizeram parte da minha infância e adolescência, com brincadeiras como chutar latinha voltando da escola, jogar paulistinha e disputar com meus irmãos qual time (eu, Cruzeiro, e eles, Atlético) teria a bandeira pendurada no alto do padrão de luz de nossa casa.

Eu não estava sozinha! Lembro-me de que eu fazia parte de uma pequena parcela das meninas que brincavam ou praticavam de algum modo o futebol. Eu fazia parte de uma pequena parcela de meninas que queriam jogar, correr, fazer gol! Éramos a resistência *pink* (e poderia ser também azul, roxa, verde, da cor que qualquer uma quisesse). E isso tinha um preço, dentro e fora de casa: apelidos, xingamentos e constrangimentos (memórias que dariam outro texto!). Reflexos de uma sociedade pouco favorável à presença das mulheres no futebol.

Na adolescência, ainda que o universo de possibilidades de práticas esportivas tenha se expandido, agregando, por exemplo, o voleibol, a peteca e o atletismo às modalidades corriqueiras que eu realizava, o futebol continuava como um desafio. Tanto na escola quanto na rua ainda era difícil jogar, em especial constituir grupos com mulheres. Analisando

<sup>7</sup> O artigo publicado por Silvana Vilodre Goellner, intitulado “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”, contribui para refletirmos sobre os desafios e os enfrentamentos da participação de mulheres nos esportes, entre os quais, o futebol.

o cotidiano do campo em que desenvolvemos a escola de futebol (vinculada à política municipal de esporte e lazer), verifico que essa situação se modificou pouco nos dias atuais. As barreiras para o acesso das mulheres ao futebol permanecem.

No final do ano de 2018, tendo por objetivo escrever um texto para publicar no portal *Ludopédio*,<sup>8</sup> direcionei minhas reflexões para a análise da presença das mulheres no futebol. Algumas das considerações apresentadas nele contribuem agora para a escrita do presente texto. Uma das fundamentais é a compreensão de que o esporte e o lazer são direitos sociais, para todos e para todas, e que cabe ao Estado a responsabilidade de fomentá-lo.

Naquele momento, às vésperas da virada do ano de 2018 para 2019 e da troca de governos (nos âmbitos federal e estadual), a indagação sobre os rumos que seriam tomados na política de esporte e de lazer perambulava em meus pensamentos. Eu me perguntava, sobremaneira, quais seriam os rumos que a política de esporte e lazer teriam no âmbito do governo federal, a partir de 2019, e me perguntava se haveria lugar para as mulheres e para a liberdade, independentemente do sexo, da orientação sexual, de crenças religiosas e de ideologias partidárias. E sinalizava para a possibilidade de que o formato da política adotada no âmbito federal pudesse ter desdobramentos nos estados e nos municípios brasileiros.

Lá, eu tinha a esperança de que pudéssemos avançar, de seguir com propostas que visariam à correção das desigualdades que ao longo das últimas décadas ainda não conseguimos modificar, inclusive as relacionadas ao acesso das mulheres ao esporte. E sinalizei, naquele texto, que essa seria uma das contribuições que as políticas públicas de esporte e lazer poderiam ter na oferta e no estímulo da presença de mulheres no universo esportivo – desde a infância até a vida adulta. Sugeri também o acesso às memórias das trajetórias vividas individual e coletivamente, não só no esporte, mas em nossa sociedade de modo geral, a fim de que

<sup>8</sup> Conferir: COSTA, Memórias da infância e da adolescência e olhares sobre o esporte e a política pública: como as mulheres entram em campo?, 2018.

podéssemos ter mais pessoas jogando e ocupando os espaços vazios, os campos, as quadras e as ruas com os jogos de futebol.



Imagem 1: Vamos ocupar o espaço vazio.

Foto: Luciana Cirino.

Agora, passados onze meses da escrita daquele texto, eu ainda não vejo qual é o rumo da política que o Governo Federal e o Estadual planejaram para o esporte e o lazer, no Brasil e em Minas Gerais. O que no momento é possível observar é que, fora dos campos da política pública, entre um lance e outro, o jogo segue, dentro e fora de campo, com dribles, toques e chutes para marcar o gol, bem como a busca pela igualdade, pelo respeito e pelo direito ao jogo justo para homens e mulheres.

## Referências

BRASIL. *Decreto-Lei nº 3.199*, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941.

COSTA, Luciana Cirino Lages Rodrigues. Memórias da infância e da adolescência e olhares sobre o esporte e a política pública: como as mulheres entram em campo?, *Ludopédio*, 27 dez. 2018. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/memorias-da-infancia-e-da-adolescencia-e-olhares-sobre-o-esporte-e-a-politica-publica-como-as-mulheres-entram-em-campo/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143-151, 1 jun. 2005.

RAPINOE, Megan. *Thank you @the.wing*. Facebook: Megan Rapinoe. Disponível em: [https://m.facebook.com/photo.php?fbid=3056450117706189&id=244622642222298&set=a.263023650382197&source=54&ref=page\\_internal](https://m.facebook.com/photo.php?fbid=3056450117706189&id=244622642222298&set=a.263023650382197&source=54&ref=page_internal). Acesso em: 10 fev. 2019.

RUA, Maria das Graças. *Políticas Públicas*. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2014.

SILVA, Marta Vieira da. *Nós precisamos de apoio*. 14 jun. 2019. Facebook: Marta Vieira da Silva. Disponível em: <https://m.facebook.com/martavsilva10/photos/a.101763289971974/1283462688468689/>. Acesso em: 10 fev. 2020.



## Apelido é coisa do passado

Rafael Miguel

Imagine a jogada: “Carlos Caetano recebe no meio, encontra Cláudio Ibraim na esquerda, que cruza para Paulo Sérgio Rosa fazer o gol...”. O lance foi inventado, mas poderia muito bem ter acontecido durante a Copa do Mundo de 1994. É isso mesmo, você pode não ter reconhecido nenhum desses nomes, mas eles estavam nos Estados Unidos e foram tetracampeões mundiais com a seleção brasileira.

Carlos Caetano, na verdade, é o capitão Dunga, que ergueu a taça do título; Cláudio Ibraim é o lateral esquerdo Branco, autor de um emblemático gol, que foi fundamental na dura partida das quartas de final diante da Holanda; e Paulo Sérgio Rosa foi reserva da poderosa dupla de ataque Bebeto e Romário, o folclórico Viola.

Esses são apenas alguns exemplos de jogadores brasileiros que ficaram famosos não com o seu nome de nascimento, mas sim com algum apelido. Em muitos casos, essas alcunhas se tornaram a marca do atleta, ou seja, apareciam nas escalações oficiais, nas camisas de jogos e, algumas vezes, fizeram até os torcedores mais fanáticos não saberem o verdadeiro nome do próprio ídolo.

Mas, nos últimos anos, existe no imaginário coletivo a ideia de que os apelidos estão desaparecendo do futebol moderno. Como disse o divertido Vampeta, em uma recente propaganda de cerveja que fez bastante sucesso, “hoje em dia eu não seria Vampeta, seria Marcos André”

– explica, ao lado da dupla Maravilha, Túlio e Dadá.<sup>1</sup> Entre as explicações para esse possível desaparecimento dos apelidos dos jogadores do futebol brasileiro, podem ser citadas: a onda cada vez maior do “politicamente correto”; a forte midiaticização dos jogadores, que são aconselhados por seus agentes e *media trainings*; ou até mesmo a transformação de atletas em mercadorias de exportação.

Dessa forma, os apelidos estão sendo substituídos cada vez mais pelos pomposos nomes compostos, o que facilita nas precoces vendas dos atletas para a Europa. Há clubes que, inclusive, orientam jogadores a trocarem seus nomes esportivos,<sup>2</sup> quando acreditam que o apelido pode causar preconceitos ou escárnio em relação ao atleta e, assim, atrapalhar em uma negociação ou até mesmo em sua carreira dentro do clube.

Por isso, principalmente no futebol recente, existem jogadores que surgiram no esporte com um apelido, mas que foram forçados a mudar para seu próprio nome. Um exemplo é o atacante Lucas, que iniciou sua carreira no São Paulo como Marcelinho, apelido que ganhou quando atuava na escolinha do ídolo corintiano Marcelinho Carioca. Logo que se tornou profissional, o atacante teve que alterá-lo para seu nome de nascimento. Após se transferir para o velho continente, apenas o primeiro nome já não foi suficiente, e o atacante ainda precisou adicionar o seu sobrenome, se transformando em Lucas Moura.

O atacante Gabriel Jesus, antes conhecido como Borel nas categorias de base do Palmeiras, passou pelo mesmo processo. Já o zagueiro, revelado no Santos e hoje no Athletico Paranaense, Robson Bambu, chegou a pedir para que o codinome fosse trocado para seu sobrenome, Alves, na época em que ainda vestia a camisa do Peixe. Mas, por orientação de seu então treinador, Cuca, acabou optando novamente pelo nome Bambu, que segue usando em sua carreira.

Se observarmos os apelidos dos atletas brasileiros, veremos que é possível fazer uma subdivisão entre eles: o primeiro caso é daqueles que advêm do próprio nome de nascimento dos jogadores, e aí se destacam aqueles no diminutivo ou aumentativo, tais como: Juninho, Marcelinho,

<sup>1</sup> CERVEJA KAISER, “*Tira a Camisa*” com Vampeta, Dadá e Túlio Maravilha.

<sup>2</sup> Nomes que vêm nas escalações oficiais dos clubes.

Pedrinho, Rogerinho, Klebão, Fabão e Pedrão. Outro caso muito comum são aqueles ligados a regiões do Brasil, exemplos de Marquinhos Paraná, Pará, Lucas Paquetá, Renato Gaúcho e Mineiro.

Existem também as nomenclaturas que foram dadas em homenagem a algum jogador que já havia feito sucesso no passado, e então jogadores atuais foram apelidados por características físicas ou esportivas semelhantes. Cafu, por exemplo, nasceu como Marcos Evangelista de Moraes, mas era bastante comparado ao ex-jogador Cafuringa<sup>3</sup>, até o apelido de Cafu “pegar” ainda em seu tempo de categoria de base. O mesmo caso de Müller, que pouca gente sabe, nasceu como Luís Antônio. Mas o caso mais célebre é a legião de “Amarais” que se formou no futebol brasileiro. Nos anos 1970 e 1980, surgiu um zagueiro com passagem por Corinthians, Santos e Guarani, chamado de João Justino Amaral dos Santos, mais conhecido simplesmente como Amaral. O defensor fez grande sucesso na época e chegou até mesmo a disputar a Copa de 1978, o que inspirou outros atletas a carregarem o mesmo nome.

Na década de 1990, surgiu o volante Amaral, “o coveiro”, que na verdade nasceu como Alexandre da Silva Mariano, mas que pela semelhança física e técnica com o Amaral anterior ganhou o apelido que carregou durante sua carreira. O volante ficou ainda mais famoso do que o seu antecessor, e até hoje é comum surgir algum volante, negro, com porte físico semelhante, que também carrega o apelido de Amaral.

Já o tipo de apelido que mais causa curiosidade e simpatia nos torcedores é aquele que geralmente advém da infância ou do tempo de categoria de base do jogador. Normalmente, é atrelado a alguma característica física, atividade que o atleta fazia, personagem famoso de filmes ou da televisão, ou até mesmo, em alguns casos, são simplesmente inexplicáveis. Esses apelidos muitas vezes são engraçados e são aqueles com que os torcedores mais se identificam, como: Hulk, Caça-Rato, Cláudio Pitbull, Marquinhos Cambalhota, Valdir Bigode, Pikachu, Gum, Grafite e Obina.

<sup>3</sup> Jogou entre os anos 1960 e 1970 em clubes como Botafogo, Fluminense e Atlético Mineiro.

No futebol feminino brasileiro, também existem alguns casos de jogadoras célebres que ficaram famosas com seus apelidos, como Formiga, Pretinha e Sissi.

Mas para uma comparação de épocas, buscando entender se há realmente esse fenômeno do desaparecimento dos apelidos através dos anos, foi realizada uma pesquisa com as delegações que representaram o Brasil em Copas do Mundo.<sup>4</sup> Será que essa ideia de que os apelidos diminuiriam é real? Para termos um parâmetro sobre o assunto, foram levantados os nomes esportivos de 12 elencos canarinhos e avaliados quais jogadores utilizaram o próprio nome e quais eram conhecidos por apelidos. O levantamento foi feito sobre os esportes das Copas de 1950, 58, 62, 70, 82, 94, 98, 2002, 06, 10, 14 e 18. Será que se olharmos para a nossa seleção, os apelidos estão realmente desaparecendo?

Somando os jogadores dessas 12 convocações brasileiras, temos um total de 270 atletas, com 98 deles tendo sido anunciados na convocação oficial com um apelido, o que dá aproximadamente 36% do total. A primeira impressão constatada é a de que não há uma progressão linear no número de apelidos, já que o escrete campeão de alcunhas é o de 2006, que teve 14 dos seus 23 convocados identificados com algum apelido. São eles: Dida, Cafu, Lúcio, Cichinho, Luizão, Cris, Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Zé Roberto, Mineiro, Juninho Pernambucano, Ricardinho, Fred e Robinho.

Na segunda posição, aparecem empatadas as convocações das Copas do Mundo de 1994 e 2002, com 10 atletas carregando apelidos: Nos Estados Unidos, os apelidados são: Zetti, Jorginho, Ronaldão, Branco, Bebeto, Dunga, Zinho, Cafu, Mazinho, Müller e Viola. Já na Coreia e no Japão, aparecem as alcunhas de Cafu, Lúcio, Ricardinho, Ronaldinho Gaúcho, Dida, Júnior, Vampeta, Juninho Paulista, Luizão e Kaká.

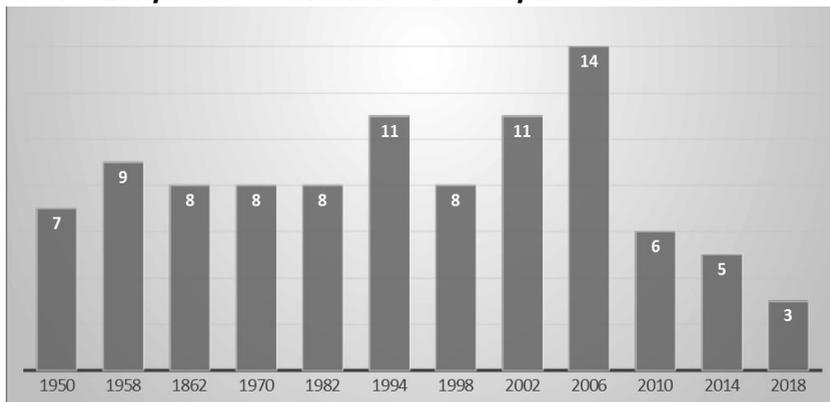
Por outro lado, no primeiro mundial pesquisado, a Copa de 1950, apenas sete jogadores carregaram algum apelido de forma oficial: Nena, Bigode, Adãozinho, Baltazar, Chico, Maneca e Zinho. A média se mantém até 1982, quando todos os mundiais que fizeram parte do levantamento nesse período (1950, 58, 62, 70 e 82) tiveram entre sete e nove

<sup>4</sup> Pesquisa realizada pelo autor do texto.

apelidos por convocação. Portanto, é possível constatar que a ideia de que houve uma diminuição linear de apelidos através dos anos é falsa, pelo menos quando pensamos no período entre 1950 e 2006.

Por outro lado, houve um declínio acentuado nos últimos três mundiais: 2010, 2014 e 2018, mostrando uma grande diminuição dos apelidos na última década e dando a entender que essa queda no número de codinomes é um fenômeno recente, e, não coincidentemente, no mesmo período em que se aumentou a midiaticização dos atletas, impulsionada ainda mais pelas redes sociais. Na Copa de 2010, foram seis brasileiros com apelidos, menos da metade dos 14 de 2006. No mundial seguinte, no Brasil, foram apenas cinco brasileiros nessa situação: Fernandinho, Hulk, Paulinho, Fred e Jô. Já na Copa do Mundo 2018, disputada na Rússia, este número caiu para três, com os apelidados sendo representados apenas por Marquinhos, Fernandinho e Fred.

**Gráfico 1: Apelidos de brasileiros nas Copas do Mundo**



Como mostra o gráfico acima, é possível dividir os 12 mundiais em três períodos característicos diferentes. A primeira parte, entre as Copas de 1950 e 1982, com uma variação pequena, sempre se mantendo entre sete e nove apelidos por equipe, registrando uma média de oito apelidos em cinco mundiais. Já nos torneios entre 1994 e 2006, houve um salto no número de apelidos, chegando ao topo com as 14 nomenclaturas no mundial da Alemanha. Além disso, a média nessas quatro Copas ficou em 11 codinomes por competição, a maior do período pesquisado.

Já nas três últimas Copas, há uma queda vertiginosa nos números de apelidos. O período entre 2010, 2014 e 2018 foi o mais pobre dessa situação. A média entre esses três mundiais ficou em 4,66 apelidos por Copa, a mais baixa registrada. Além disso, os mundiais registraram as três piores marcas consecutivas dos 12 mundiais pesquisados.

Já quando se olha em relação aos tipos de apelidos, é possível constatar que a maioria das 98 alcunhas do período pesquisado eram diminutivos, aumentativos, partes ou variações do próprio nome do atleta. Desse tipo, foram registrados 58 apelidos.<sup>5</sup> São eles: Adãozinho, Chico, Maneca, Zizinho, Didi (duas vezes), Vavá (duas vezes), Zequinha, Ado, Zé Maria, Jairzinho, Edu, Dadá, Luizinho, Toninho Cerezo, Juninho (três vezes), Edinho, Zico, Pedrinho, Zetti, Ronaldão, Jorginho (duas vezes), Zé Carlos, Mazinho, Zé Roberto (duas vezes), Doriva, Zetti, Lúcio (três vezes), Bebeto (duas vezes), Ronaldinho (duas vezes), Ricardinho, Luizão/Luisão (três vezes), Cris, Cicinho, Doni, Fred (três vezes), Robinho (duas vezes), Paulinho, Fernandinho (duas vezes), Kaká (duas vezes), Jô e Marquinhos.

Já em relação aos apelidos que carregam a origem de nascimento do atleta, apareceram na pesquisa: Mineiro, Paulista, Pernambucano e Gaúcho. Destes, o mais curioso é o caso do ex-volante Mineiro, que disputou a Copa de 2006. Mesmo que tudo pareça indicar que ele tenha nascido em Minas Gerais, na verdade o atleta é natural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Existem outros apelidos de significados diversos. Manuel Francisco virou Garrincha, nome de um pequeno pássaro comum na cidade de Pau Grande, no Rio de Janeiro, onde nasceu o gênio das pernas tortas. A história mais propagada de como Edson virou Pelé é a de que um goleiro da equipe de seu pai era chamado de "Bilé". Quando atuava no gol com seus amigos de infância, Edson sempre invocava o nome de Bilé quando fazia alguma defesa, mas como alguns garotos não conseguiam pronunciar o apelido corretamente, acabou virando Pelé.

<sup>5</sup> A pesquisa considerou tanto jogadores que atuaram em mais de um mundial, quanto apelidos iguais para atletas diferentes.

O alagoano Givanildo Vieira se tornou Hulk por sua grande força física; já Marcos André virou Vampeta, segundo ele mesmo, por quando jovem parecer uma mistura de “vampiro com capeta”. Paulo Sergio Rosa adorava usar chuteiras da marca Viola quando criança, e eis que o apelido pegou.

A conclusão da pesquisa é de que a década de 1990, e ainda o começo dos anos 2000, se mostrava um período ainda bastante rico em apelidos, muitos deles que marcaram época e são lembrados até hoje pelos torcedores. Entretanto, ficou claro que nos últimos dez anos essa configuração mudou bastante, e realmente no futebol atual eles estão perdendo espaço para os nomes de nascimento, quase artísticos, que os atletas vêm adotando.

Os filhos e netos daqueles que tiveram como ídolos craques como Pelé, Garrincha ou Zico muito provavelmente vão contar histórias no futuro sobre Neymar Jr., Philippe Coutinho ou Roberto Firmino.

Se os mais saudosos ficam ressentidos pelas perdas dos apelidos, que davam ainda mais graça ao futebol brasileiro, até mesmo um toque folclórico ao esporte bretão, esse parece ser um caminho sem volta, diante de diversos passos que estamos acompanhando para uma espécie de “gourmetização” do futebol jogado no Brasil, que transforma estádios em arenas, torcidas em plateias e apelidos em nomes compostos.

## **Gráfico 2: Apelidos dos jogadores das seleções brasileiras nas Copas do Mundo pesquisadas**

<b>COPA DO MUNDO</b>	<b>APELIDOS</b>
1950	Nena, Bigode, Adãozinho, Baltazar, Chico, Maneca e Zizinho
1958	Didi, Oreco, Pelé, Garrincha, Mazzola, Zito, Vavá, Dida e Pepe
1962	Zito, Didi, Zequinha, Garrincha, Vavá, Pelé, Coutinho e Pepe
1970	Ado, Zé Maria, Paulo César Caju, Jairzinho, Tostão, Pelé, Edu e Dadá Maravilha
1982	Luizinho, Toninho Cerezo, Serginho Chulapa, Zico, Juninho, Edinho, Pedrinho e Roberto Dinamite
1994	Zetti, Jorginho, Ronaldão, Branco, Bebeto, Dunga, Zinho, Cafu, Mazinho, Müller e Viola
1998	Dida, Cafu, Júnior Baiano, Dunga, Zé Carlos, Zé Roberto, Doriva e Bebeto
2002	Cafu, Lúcio, Ricardinho, Ronaldinho Gaúcho, Dida, Júnior, Vampeta, Juninho Paulista, Luizão e Kaká
2006	Dida, Cafu, Lúcio, Cícinho, Luizão, Cris, Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Zé Roberto, Mineiro, Juninho Pernambucano, Ricardinho, Fred e Robinho
2010	Doni, Lúcio, Luisão, Kaká, Robinho e Grafite
2014	Fernandinho, Hulk, Paulinho, Fred e Jô
2018	Marquinhos, Fernandinho e Fred

## **Referências**

BRASIL NA COPA DO MUNDO DA FIFA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA](https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA). Acesso em 07 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 1950. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1950&oldid=56056227](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_1950&oldid=56056227). Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 1958. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1958&oldid=56973957](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_1958&oldid=56973957). Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 1962. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1962&oldid=57180856](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_1962&oldid=57180856). Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 1970. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1970&oldid=57012081](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_1970&oldid=57012081). Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 1982. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1982&oldid=57336530](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_1982&oldid=57336530). Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 1994. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia

Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1994&oldid=56433364](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_1994&oldid=56433364)>. Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 1998. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1998&oldid=57087654](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_1998&oldid=57087654)>. Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 2002. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_2002&oldid=57239894](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_2002&oldid=57239894)>. Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 2006. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_2006&oldid=57074103](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_2006&oldid=57074103)>. Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 2010. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_2010&oldid=55899899](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_2010&oldid=55899899)>. Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 2014. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_2014&oldid=55780120](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_2014&oldid=55780120)>. Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL NA COPA DO MUNDO FIFA DE 2018. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil\\_na\\_Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_2018&oldid=57161684](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brasil_na_Copa_do_Mundo_FIFA_de_2018&oldid=57161684)>. Acesso em: 06 fev. 2020.

CERVEJA KAISER. "*Tira a Camisa com Vampeta, Dadá e Túlio Maravilha*". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rLX93qw923I>. Acesso em: 06 fev. 2020.



# **A várzea e a cultura esportiva popular**

Raphael Rajão Ribeiro

O futebol de várzea é mera redução da prática espetacularizada ou, em sua trajetória, é possível identificar a constituição de uma cultura esportiva própria, ainda que não totalmente autônoma do jogo em sua versão mais conhecida? Essa foi uma das questões que surgiu ao longo do desenvolvimento do Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte, realizado entre 2016 e 2018.

Elaborado com vistas ao reconhecimento da prática como patrimônio cultural de natureza imaterial, o projeto segue sem julgamento final do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte. Apesar da autorização para abertura do processo de reconhecimento em dezembro de 2017 e finalização do inventário em outubro de 2018, em função de descontinuidades da administração pública, a avaliação definitiva ainda não foi realizada.

Apesar do entrave burocrático, o estudo permitiu vislumbrar uma resposta preliminar para a questão, baseada no exame do caso belo-horizontino. Por meio de pesquisas de campo, produção de relatos orais e exame de acervos das entidades varzeanas e de órgãos oficiais, foi possível perceber a apropriação de práticas recorrentes do futebol, as quais ganharam contornos e sentidos próprios nas experiências populares com o jogo.

Essas recriações se baseavam em formas de disputas que também foram recorrentes no futebol profissional. Vale lembrar que, até os anos 1960 e 1970, quando se criaram competições nacionais e continentais,

que, associadas aos torneios estaduais, passaram a preencher o calendário das equipes mais conhecidas, era comum a incorporação de embates avulsos para ocupar as datas ociosas e gerar oportunidade de renda para os clubes profissionais. Mesmo depois dessa etapa, tais partidas ou torneios ainda se mantiveram – com menos frequência, no entanto.

A prevalência do imperativo da competição no meio do futebol implicou no progressivo abandono dessas formas organizativas pelos clubes maiores; contudo, muitas dessas práticas foram centrais para a estruturação do calendário das equipes amadoras, que se apropriaram delas na constituição do que chamaremos aqui de uma *cultura esportiva popular*.

Mesmo com a constituição de um *circuito* competitivo varzeano, desde a ruptura representada pela profissionalização, os torneios providos oficialmente não eram capazes de ocupar todo o calendário dos clubes amadores, que se dedicavam a outros modos de disputa para a manutenção de sua atividade regular. Além disso, um número considerável de times não era formalizado, o que implicava o desenvolvimento de suas ações sem a tutela da Federação Mineira de Futebol – FMF.

No que se refere à formalização dos clubes – com a aprovação de estatutos em cartório, a submissão de pedido de filiação à FMF e a manutenção de alvará junto ao Conselho Regional de Desportos, situação última que já não é mais necessária –, esse era um processo custoso e que poucas agremiações tinham condições de cumprir. Era muito comum que as equipes passassem por longos períodos de estruturação até alcançar o registro oficial, o que explica a distinção entre data de fundação e data de oficialização entre tantas entidades.

Nessa perspectiva, todo um circuito não oficial foi criado a partir do futebol amador de Belo Horizonte, o qual ainda existe. Nesse universo, prevaleciam as formas de prática mais tradicionais, em detrimento das competições de longa duração. Sem institucionalização, elas recorriam muito mais ao costume do que a regras escritas e supervisionadas pelas entidades dirigentes.

Assim, era comum que o calendário dos times se organizasse em cinco formas de disputa, que ocupavam os fins de semana das equipes e

mobilizavam os interesses da comunidade do entorno: os amistosos, as excursões, os festivais, os jogos festivos e os torneios avulsos.

Os amistosos eram a forma mais recorrente de atividade, implicavam na marcação de partida contra um adversário à escolha, a qual poderia ser realizada no campo do clube ou no espaço de jogo do adversário. Nessa medida, a disponibilidade de uma área determinaria as possibilidades de as equipes atuarem próximas ou distantes de suas comunidades, assim como os custos envolvidos na promoção de uma disputa, dados os recursos eventualmente despendidos com transporte.

Para a marcação de jogos, com a escolha dos potenciais adversários e dos eventuais árbitros, as agremiações, originalmente, tinham no Departamento de Futebol Amador da Federação Mineira de Futebol um ponto de encontro. A entidade mudou de sede durante várias ocasiões, sendo que, na memória dos praticantes, sempre eram referenciadas aquelas localizadas na Rua São Paulo e na Avenida Santos Dumont. Era para esses locais que clubes interessados em buscar um oponente, filiados ou não, se dirigiam.

Mais tarde, com a mudança do Departamento de Futebol Amador – DFA para uma sede na Avenida João Pinheiro, em espaço considerado de acesso mais difícil para os moradores dos bairros afastados, foi estabelecido um ponto de encontro na Avenida Santos Dumont, esquina com a Rua Rio de Janeiro. O local foi denominado “Federação”, em referência ao fato de ser ali o antigo endereço da FMF, onde se abrigava o DFA.

Os encontros de marcação de jogos aconteciam às segundas-feiras, ao fim do expediente, por volta das 16, 17 horas. Para ali, clubes conhecidos e desconhecidos no meio varzeano se dirigiam em busca de um adversário. Equipes de prestígio ou que dispunham de um campo em boas condições rapidamente “casavam” suas partidas. Os menos falados, por vezes, precisavam voltar no dia seguinte para conseguir um oponente. As combinações aconteciam aos gritos, ao estilo dos leilões e das bolsas de valores. Quem tinha uma área, anunciava; as agremiações que não tinham, indicavam que estavam dispostas a fazer a visita. Cada um ressaltava com quantos times, ou “quadros”, como se diz nesse universo, contava.

As arbitragens também eram acertadas durante o encontro de marcação. Por serem partidas não oficiais, normalmente se contava apenas com um árbitro, o “central”, ao contrário dos três que são tradicionais em disputas profissionais. Abria-se mão dos bandeirinhas ou auxiliares. Os candidatos a juiz ficavam à disposição e indicavam qual seria o custo de seu serviço, ficando combinado, na maioria das vezes, a divisão do pagamento entre os adversários.

Eventualmente, alguém responsável por um time, ou mesmo alguém conhecido no meio amador, poderia oferecer o serviço de marcação de jogos. Times cujos integrantes não tivessem condições de se dirigir à “Federação” acertavam um valor para que seu jogo fosse marcado. Isso garantia, inclusive, a possibilidade de um conhecimento melhor de quais equipes não eram recomendáveis de se ter como adversário, seja porque davam muitos “bolos”, seja porque eram equipes que gostavam de briga.

Era principalmente a partir desse costume que os amistosos eram acertados entre as equipes de futebol de várzea em Belo Horizonte. Outra tradição que vigorava e que remete às práticas populares, a exemplo do Congado, é o compromisso, no caso de partidas que envolvessem duas agremiações que dispusessem de campo, de se “pagar a visita”. Ou seja, se um clube fosse ao meu bairro para me enfrentar, eu ficaria com o compromisso de, em breve, retribuir, ou como se dizia, “pagar”, indo à sua região para uma disputa.

Amistosos eram as atividades mais ordinárias do cotidiano das equipes de futebol de várzea, uma possibilidade de manter a atividade dos times que procuravam realizar partidas todos os finais de semana. Eventualmente, esses jogos poderiam colocar alguma premiação em disputa, o que serviria para tornar a partida mais absorvente. Sua organização podia ser mais frouxa, sem a contratação de um árbitro, para o que se mobilizavam os chamados “juízes de barranco”, um membro da assistência convidado a assumir a condução das contendidas.

Outra forma muito recorrente no universo do futebol amador eram as excursões, ou seja, as partidas realizadas fora dos limites do município. Normalmente, uma oportunidade para os clubes da capital

disputarem partidas em campos gramados, mais comumente encontrados pelo interior.

O sistema de marcação tendia a ser o mesmo. Muitas pessoas ligadas a equipes de outras localidades se deslocavam para a “Federação”, onde agendavam suas partidas. Nesse caso, imperava o costume da ajuda de custo, isto é, os times do interior ofereciam valor que, normalmente, correspondia à metade do aluguel do transporte para as agremiações da capital. Era uma forma de estimular o deslocamento do oponente, que muitas vezes seria difícil de conseguir em regiões menos populosas e mais isoladas de Minas Gerais.

As excursões eram uma oportunidade de lazer não apenas para os membros das agremiações. Era recorrente que as viagens mobilizassem vários moradores da comunidade. Em diversos bairros, havia pontos de encontro tradicionais de onde os “especiais”, ônibus alugados, partiam rumo às cidades interioranas. O passeio, que se estendia por todo um domingo ou por um feriado, era uma das raras oportunidades de turismo para os habitantes das áreas periféricas da cidade.

Para completar os custos de locação do transporte, normalmente, o valor era rateado entre os passageiros, certamente uma quantia muito menor do que a que pagariam em uma viagem regular. Conforme o costume do anfitrião, ainda poderia haver a oferta de um almoço coletivo, o que tornava ainda mais vantajosa a excursão. Ao contrário dos amistosos, não tinha previsão de se “pagar a visita”, uma vez que não era interessante para o time interiorano realizar partidas em campos de terra, como são os que prevalecem em Belo Horizonte.

A partir dessa prática cotidiana, com o intuito de manter jogos em todos os fins de semana, as equipes varzeanas desenvolviam modos próprios de organização, promovendo recriações a partir de formas de disputa tradicionais. Pontos de encontro como a “Federação” ainda hoje ajudam a organizar o *circuito* varzeano da cidade. Aos sentidos da competitividade e da aferição da competência esportiva, os integrantes das agremiações e seus apoiadores associavam outros valores, como a criação de oportunidades de lazer a partir das excursões ou a incorporação da lógica da reciprocidade nos “pagamentos de visita” dos amistosos – elementos que se articulam a uma cultura popular mais abrangente.

Nessa perspectiva, talvez sejam os festivais varzeanos a forma com que a construção de uma *cultura esportiva popular* se expresse de modo mais perceptível. Prática recorrente no passado, eram realizados em comemoração ao aniversário dos clubes. Esses torneios, que ocorriam ao longo de um fim de semana ou de um domingo, reuniam, em seu programa, diversas partidas entre as diferentes equipes das agremiações, desde as categorias menores, formadas por garotos, passando por veteranos e mulheres, até o time principal masculino adulto.

Para cada um dos jogos, era convidado um adversário, seja um clube da região, seja um time de renome. Todas as disputas previam premiação específica, sendo convidadas pessoas para assumirem a condição de patronos do troféu, responsáveis pela compra do artefato que era oferecido aos vencedores. Padrinhos ou madrinhas da bola eram comuns, cabendo a eles ofertarem o material esportivo que seria utilizado num determinado certame. Outra figura recorrente nessas festividades eram as rainhas, escolhidas entre as garotas da comunidade. A rainha se apresentava no embate final, a chamada "Prova de Honra", e oferecia o prêmio aos ganhadores.

Esse formato de competição faz referência a diversas tradições esportivas e culturais. A começar pela recorrência a uma estrutura utilizada ainda nos primeiros anos de desenvolvimento do esporte, como eram os festivais. Além disso, a adoção de ritual baseado na escolha de patronos, padrinhos e madrinhas, rainhas e princesas, conecta-se a uma variedade de manifestações populares, a exemplo das festividades juninas, do carnaval e dos reinados.

A própria decoração recebida pelos campos permite essas comparações, uma vez que era composta por bandeirolas ao longo de toda sua extensão, formação de arcos de bambu e colocação das bandeiras dos times participantes.

Os dias de partidas, que atraíam um grande público, começavam logo cedo, ainda ao nascer do sol, quando todos eram despertados pela salva de 21 tiros de fogos de artifícios, a Alvorada. Em muitos casos, conforme a relação entre as agremiações, a comunidade e a paróquia local, era realizada uma missa em ação de graças ao aniversário do clube,

podendo ser campal ou na igreja mais próxima. Para entidades com sede, havia, ainda, a promoção de um baile de gala ao final do evento.

Toda essa movimentação representava ocasião de forte envolvimento da comunidade local, seja na preparação da decoração do campo, na ocupação de postos de patrono do troféu ou de padrinho ou madrinha da bola, de rainha do festival ou, ainda, por meio de recebimento de homenagens feitas ao início de cada uma das partidas. Essa programação era sinônimo de bons públicos, ocasião para que os moradores do bairro gerassem renda extra, com a venda de comidas e bebidas, seja de forma ambulante, seja com a montagem de barraquinhas.

A divulgação dos festivais se dava de inúmeras formas. A mais tradicional delas era a confecção de programas impressos, para o que, muitas vezes, os clubes contavam com o apoio de comerciantes locais. O material era afixado em estabelecimentos da região e distribuído às demais agremiações, para que divulgassem entre seu público. Por longos anos, houve espaços de cobertura do futebol amador na imprensa local, a exemplo de faixa de horário na *Rádio Itatiaia* e de página no *Diário da Tarde*. Esses eram canais de difusão, inclusive dessas comemorações de aniversário das entidades.

O festival, por muito tempo, foi central na organização do calendário dos clubes de futebol de várzea, sejam aqueles engajados no circuito competitivo oficial, sejam os não institucionalizados. Exemplos disso eram os recorrentes cancelamentos de jogos por torneios oficiais em razão da realização de celebrações de aniversários das agremiações. Ou, ainda, o fato de serem essas as ocasiões escolhidas para estreia de novos uniformes pelas entidades.

Tratava-se de um ritual de reiteração de laços entre o clube e seus apoiadores, sejam eles integrantes da comunidade ou de grupos estratégicos para a continuidade das atividades dos clubes, a exemplos de membros da Federação Mineira de Futebol, funcionários da Prefeitura ou políticos locais. Sendo convidados para ocupar o posto de patrono, ou sendo homenageados durante a celebração, reafirmavam sua proximidade da agremiação e seus compromissos de atuar em seu favor.

Os festivais eram, também, ocasião para reforçar rivalidades ou parcerias entre os clubes, uma vez que havia acordo tácito de que os

convites se estenderiam principalmente entre as agremiações da mesma região. No caso de times que já ocupassem o campo, eram instados a escolher um adversário para a partida componente da programação. Nos demais casos, a conduta acontecia como retribuição ou na expectativa de uma reciprocidade de entidade dos bairros vizinhos. Para torcedores, era oportunidade de assistir às várias equipes locais jogarem ao longo do dia.

Fins de ano e feriados, principalmente o carnaval, eram momentos de realização de encontros especiais. Nesses momentos, as equipes que atuavam durante todo o ano se desfaziam, veteranos iam a campo junto de jovens atletas, em ocasiões de distensão. Sendo assim, a realização de jogos festivos, conjugados com confraternizações, com oferta de comida e bebidas, era recorrente no universo varzeano local.

Nessas disputas desinteressadas, times eram formados a partir de oposições como solteiros *versus* casados, Atlético *versus* Cruzeiro e brancos *versus* pretos. Tensões clubistas e raciais afluíam nesses encontros de fim de ano. No carnaval, em alguns campos, os jogos em que homens se vestiam como mulheres também eram comuns.

Por fim, podem ser identificados torneios avulsos, organizados pelas próprias agremiações ou por ligas de bairro independentes. A ocupação de todas as datas livres apenas por amistosos poderia ser algo pouco interessante, senão tedioso. Nessa medida, não raro, os dirigentes varzeanos engajavam-se na promoção de torneios avulsos que fossem capazes de ocupar as associações não filiadas ou as equipes federadas sem jogos programados. Essas competições independentes articulavam formas de disputa do universo oficial e modos de organização mais alinhados às lógicas próprias do futebol amador.

A realização de quadrangulares era muito comum. Por vezes, essas competições de curta duração eram disputadas em homenagem a alguém, repetindo o mecanismo de reciprocidade identificado nos festivais. Políticos locais e integrantes das entidades diretivas eram alvos preferenciais para darem nome a esses torneios de tiro curto.

Assim, em paralelo a um *circuito* competitivo que tendia a apresentar formas organizativas mais próximas do futebol profissional, outras vivências do esporte, as quais se conectavam às experiências e às visões de mundo dos envolvidos, foram observadas em Belo Horizonte. Isso

articulou uma cultura esportiva própria, de caráter popular, que diferenciava esse universo daquele protagonizado pelos grandes clubes, de projeção nacional.

Tal *cultura esportiva popular* dialogava com as transformações por que Belo Horizonte passava. Suas formas tradicionais eram influenciadas pela modernização da cidade, mas eram igualmente reiteradas pela chegada de novos contingentes populacionais frutos do êxodo rural. Esses novos moradores, que tinham contato com o futebol em suas localidades, articulavam esse referencial cultural com a construção de sociabilidades e vínculos na metrópole em formação.



## **Narrativas**



# O futebol que me dá nome

Ewerton Martins Ribeiro

Se valesse o desejo da minha mãe, eu me chamaria Eros, Elvis ou Everly. Por sorte, no frígir das negociações matrimoniais e da burocracia cartorial, calhei de atender pelo nome que assina este texto, "Ewerton". Relativamente a ele, diria "graças a Deus" se soubesse que o homem teve alguma influência nisso, mas o que motiva este texto é justamente o contrário: eu não sei graças a quê eu acabei nomeado assim. Na verdade, o curioso é que eu sei com exatidão, e é justamente por isso que eu, bem à moda socrática (o filósofo, não o jogador), sei que não sei. Explico o absurdo dessa história.

"Ewerton" foi ideia de um pai com bom gosto para o futebol – posto que atleticano – e péssimo para a ortografia: ele era fã do Éverton que jogou no Galo na década em que nasci, a de 1980, e quis homenageá-lo. O jogador veio para Minas Gerais em 1984 e ficou por aqui até o início da temporada de 1987, tornando-se o artilheiro do Galo em todas as temporadas que disputou pelo clube: 22 gols em 1984, 34 gols em 1985 e 39 gols em 1986. Com apenas três anos de Atlético, Éverton consagrou-se como o 17º artilheiro da história do clube, com 95 gols.

Pois eis o mistério da fé – futebolística: Éverton chegou ao Galo em janeiro de 1984, mas eu nasci no dia 13 de novembro de 1981. Como, então, em nome de todos os 17 maiores craques do panteão de artilheiros atleticanos (Reinaldo, Dadá, Mário, Guará, Lucas, Said, Nívio, Nilson, Jairo, Éder, Tomazinho, Rezende, Marcelo, Campos, Alvinho, Paulo Isidoro, Éverton), meu nome pode ter-me sido dado em homenagem a

esse craque, se ele só veio a jogar no nosso time três anos depois do meu nascimento?!

Quando eu nasci, Éverton Nogueira jogava no São Paulo: havia se transferido para o clube em 1980, sem nunca ter passado antes pelo Atlético. No ano do meu nascimento, o jogador inclusive ajudou o clube paulista a conquistar o campeonato regional. E ficou no São Paulo até o final da temporada de 1982, quando acertou com o Guarani, time em que ficou até 1984, para só então vir para o Galo. Como, então?!

— Sua mãe queria um nome com a letra “e”, não queria? Pois então. Dei o nome dele, ué.

— Mas na época o Éverton jogava no São Paulo, pai...

— Jogava não.

— Jogava. Pois se eu conferi na enciclopédia do Atlético!

— (...)

Sempre que eu confrontava meu pai com a falta de lógica dessa genealogia nomenclatória, o homem tergiversava, mudando de assunto. Se eu insistia, ele dizia qualquer coisa estapafúrdia, esquivando-se do absurdo histórico por meio de um discurso *nonsense*.

— Eu conferi, pai.

— Pois que seja. E daí que ele jogava no São Paulo?! E por acaso você tem alguma coisa contra o São Paulo? É preciso respeitar o São Paulo, ora! É preciso respeitar o São Paulo. O São Paulo teve o Zetti... Vá me dizer que você não se lembra do Zetti? O Zetti era um grande goleiro, ora essas! Não acredito que você tem essa opinião sobre o Zetti...

Curiosamente, em 1981, havia no escrete do Atlético um jogador cujo nome começava com a letra “e”, portanto pronto para me nomear – e não era uma opção qualquer: era Éder Aleixo, simplesmente o 10º maior artilheiro da história do Galo. Então, por que não “Éder”, em vez de “Éverton”? Nem pai nem mãe nunca souberam dizer.

Na ocasião em que mais pus meu pai contra a parede, ele chegou a sugerir que tivesse escolhido o nome mesmo com o jogador não sendo do Atlético na época, e sim do São Paulo.

— Ah, pai, então você quer me convencer que...

— E que problema você vê nisso? Olha, do jeito que você fala, eu acabo achando que você tem mesmo um problema com o São Paulo...

Se a hipótese por si só já não soava crível, ela ganhava contornos ainda mais inverossímeis sendo o time em questão o São Paulo – afinal, ao tempo do meu nascimento, nós atleticanos estávamos engasgadíssimos com o clube paulista, que na final do Brasileirão de 1977 tinha sequestrado, nos pênaltis, o título de um invicto Clube Atlético Mineiro.

Lembro que, na ocasião daquela última conversa com meu pai, eu me dispensei de seguir argumentando sobre o contrassenso que seria um atleticano dar ao filho o nome de um jogador de outro time, e não de um craque do seu, tampouco tratei da improvável coincidência que essa hipótese encerraria: a de que esse jogador se tornaria justamente o grande artilheiro do nosso time pouco tempo depois do meu nascimento. No fim das contas, optei por apaziguar os nossos ânimos, talvez interessado em preservar os restos de laços afetivos, sempre frágeis, que seguiram nos unindo depois de eu ter me tornado adulto.

Éverton jogava com a 9. Curiosamente, eu só calço uma chuteira de travas se o professor me der a 6, lateral esquerdo que sou (ainda que menos por ofício que pela incapacidade de jogar em qualquer outra posição). Assim, vestido com a 6, eu sempre acabo imaginando-me como uma projeção verticalmente espelhada do meu duplo Éverton; é como se eu vivesse de cabeça para baixo sob os seus pés, grama adentro, espelhado, esperando sacar da sua existência (pelos pés, que é por onde o jogo acontece) uma resolução para o enigma – simbolizado pelo caráter absurdo do meu nome – que é a minha própria existência.

Hoje, dada a minha crescente tendência de ficcionalizar os fatos da vida, tenho acreditado que, naquela época, eu optava por não contra-argumentar com meu pai também por entender, como Guimarães Rosa, que para “muita coisa importante falta nome”, e que talvez seja melhor manter tais coisas assim, não nomeadas, para não ter de enfrentar a clarividência a que certos nomes nos conduzem. Do mesmo modo, tenho entendido cada vez mais que, se para muita coisa importante falta nome, para muito nome importante (afinal, que nome é mais importante que o próprio?) falta explicação.

Hoje, com a recente morte de meu pai, sei que faltará para sempre.



# O dia em que conheci uma estátua viva

Gabriel Gama

Alguns anos depois, diante de tempos brasileiros de insurreições, intolerâncias, revoltas, discursos evasivos, protestos e protestos contra protestos, um jovem repórter havia de recordar aquela tarde remota em que uma missão o levou para conhecer uma estátua viva.

Pode até parecer coisa de realismo fantástico, mas, acredite, é como essas histórias verídicas com um certo requinte de capricho que a gente costuma ouvir por aí. Essas que costumam enfeitar com umas extravagâncias para chamar mais a atenção. É normal. Estratégias de contador.

Pois bem, vou lhe contar o caso de um diligente jornalista de então 22 anos, que ficou estupefato ao deparar-se com um autêntico inimigo da seleção brasileira em plena Copa do Mundo. Ele ficou tão surpreso quanto o coronel Aureliano Buendía ao ser levado pelo pai para conhecer o gelo na aldeia de Macondo.

Esse jovem era eu, e a aldeia que se passou a minha curiosa história não tinha nada de pacata, inóspita e cheia de acontecimentos sobrenaturais. Aliás, ela está longe de ser um povoado fictício. É bem real e está mais perto de nós do que imaginamos. Silenciosamente sob nossos olhares cegos. Uma aldeia que grita à luz do dia e chora quando a cidade se apaga.

Esse é o caso do albergue municipal Tia Branca, no bairro Floresta, localizado na região central de Belo Horizonte, que abrigou, em média, 60 moradores de rua por dia durante o período da Copa do Mundo de 2014.

Nos jogos da seleção brasileira, durante a competição internacional, a “aldeia real” dispôs uma sala ao fundo da sede para que os alberguistas, de crianças a idosos, pudessem acompanhar Neymar e companhia em um telão com transmissão ao vivo.



Imagem 1: Na “aldeia real”, o que se via eram os semblantes concentrados dos moradores de rua em frente ao telão. Foto: Filipe Araújo / *Estadão*.

Na época, trabalhava para o jornal *Estado de S. Paulo* como jornalista correspondente, entrevistando estrangeiros e produzindo reportagens que envolviam tudo relacionado ao evento fora das quatro linhas e da zona de controle da FIFA, pois apenas os editores e alguns repórteres possuíam credenciais de imprensa. No dia 28 de junho de 2014, propus a pauta de cobrir as oitavas de final, entre Brasil e Chile, em um dos albergues de acolhimento espalhados no centro de Belo Horizonte.

O objetivo era verificar se o futebol conseguia fazer com que moradores de rua esquecessem a situação de carência. Eles se sensibilizavam com a seleção? Eles também entoavam o hino, vestiam a camisa e bradavam o nome de Neymar nas partidas? Eles emanavam a mesma paixão que aquele sujeito que pagou três mil reais para ir ao jogo? Era preciso mostrar o outro lado da moeda.

Naquele sábado à tarde, estava lá, à procura de uma grande história. Ansiava em dar à luz um vivido velado. Dar voz a um silêncio reprimido. Jornalista tem dessas coisas. Uma vontade inexorável de narrar.

Às vésperas do início do jogo, rondava nos grupos que iam se formando pelos cantos da sala, no chão gelado de cimento, nos encostos das

paredes ou nas poucas e disputadas cadeiras plásticas. A grande maioria era tímida, desconfiada e preferia economizar nas respostas. Buscava, ao menos, ganhar a confiança de alguns; entretanto, nenhum demonstrava qualquer abertura para diálogo, o que era natural de se compreender. Esperar que, subitamente, alguém fosse expor suas questões mais existenciais para um completo desconhecido advindo de uma outra realidade social era, no mínimo, improvável.

Desanimado com a impossibilidade de garimpar uma grande história, já elaborava um “plano B” na mente para a reportagem, quando, de rompante, em uma breve troca de olhares, eu o avisto. Escondido entre as dezenas de torcedores espalhados pela sala, destacava-se um notório senhor de cabelos grisalhos e mechas loiras de pouco mais de 60 anos.

“Eu sou o que sou”, como ele preferiu ser chamado, era bem diferente dos demais. Não pelo fato de ter vivido apenas um ano na rua, ter sido despejado de casa pela mulher ou porque trabalhava dez horas por dia como estátua viva no centro da cidade. Aquele senhor, que não quis identificar o seu nome, era o único de todo o espaço que não vibrava com a seleção brasileira a cada lance.



Imagem 2: “Eu sou o que sou”.  
Foto: Filipe Araújo /  
*Estadão*.

Quando o relógio da unidade de acolhimento havia batido meio-dia, enquanto os alberguistas, que estavam sentados conversando ou dormindo na porta de entrada do local, saíram correndo para a sala em busca de um lugar privilegiado para ver o jogo, “Eu sou o que sou”

permanecia imune às emoções patrióticas. Encontrou um canto isolado à direita do telão e ficou por lá mesmo. Ele pouco se importava com a movimentação frenética de seus colegas. Como ele dizia: “Isso tudo é ilusão. Sabe o que eu e estes outros vamos ganhar com a vitória do Brasil? Nada. Só vai é aumentar o imposto, o preço do arroz, do feijão, da carne, da água, da luz, e nossa vida ficará cada vez mais miserável”.

A partida começou. À medida que o jogo corria, os outros 59 moradores de rua se agitavam, xingavam, roíam as unhas, esbravejavam. Gritos de “vai, Neymar” e “bora, Brasil” eram entoados. Já “Eu sou o que sou” seguia impassível e fazia um esforço tremendo para conter a sua torcida a favor dos chilenos. Aquela raiva o aflorava por dentro a cada minuto. “Se eu comemorar contra o Brasil aqui, vou ser é linchado. Por isso, prefiro ficar quieto e só observar a inocência de meus colegas”.

Fim de jogo, vitória sofrida brasileira nos pênaltis, e “Eu sou o que sou” teve que conter a sua raiva e asco pelos filhos da CBF em meio à euforia que tomava conta da sala.

Filho de judeus de Israel, “Eu sou o que sou” nasceu em fevereiro de 1950, cinco meses antes do *Maracanazo* – a fatídica derrota canarina para os uruguaios, por 2 a 1, na final da Copa do Mundo. Foi abandonado pelos pais ainda bebê em uma cidade no sudeste de Minas Gerais, chamada Raul Soares, a 230 quilômetros da capital mineira, na Zona da Mata. Criado por uma dona de casa, ele passou uma infância humilde com apenas os recursos necessários para a sua sobrevivência.

Morador de BH desde a década de 1970, “Eu sou o que sou” vivia do seu trabalho artístico de estátua viva na Praça Sete, no centro da cidade, ganhando de 30 a 40 reais por dia. Ele saía às sete horas do albergue e, com o sustento do que comia no café da manhã e um pouco do que conseguia no almoço, só parava de trabalhar quando o dia escurecia. Às seis da noite, ele voltava para o albergue.

A vida difícil e a realidade dura justificavam a sua visão cética e, muitas vezes, niilista. “Eu sou o que sou” acreditava que ninguém era obrigado a ajudar ninguém e que, por isso, o homem precisava correr atrás de seus objetivos e não baixar a cabeça para nada. “O futebol é uma ilusão. Ele maquia a realidade da pessoa naquelas duas horas de jogo. Estes que estão aqui vivendo na miséria não é aquela fantasia que

está na televisão. A realidade é outra, e muitos moradores de rua não conseguem enfrentá-la”.

No fim das contas, saí com uma inesquecível experiência e uma bela história para a minha bagagem de contador. Desde então, nunca mais o vi. Por vezes, me pego ruminando em pensamentos... O que se sucedeu de “Eu sou o que sou” logo após o 7 a 1? Sendo bem sincero, queria muito ter visto a sua feição honestamente feliz.



# O diário viperino de Miro: fé e futebol

Gustavo Cerqueira Guimarães

*En el hombre adulto la práctica del Diálogo  
equivale a una supresión progresiva de la  
personalidad activa, social, de su autor.*

*En realidad un Diálogo equivale  
a un lento suicidio.*

Gregorio Marañón.

02 de abril de 2019, terça-feira

Há dezenove anos, minha mãe morreu. Ao tomar o café com leite diário, lendo o jornal *O Tempo*, lembrei-me dela com saudade e decidi ir ao cemitério lhe ofertar flores. Colhi dezenas de margaridas e rosas brancas no quintal. Refiz o altar do átrio da cozinha e acendi as velas, focado nela. Cuidei dos gatos, varri a casa pela metade, fiz um *spaghetti alla carbonara*, na versão improvisada da receita que minha avó, italiana, preparava para mamãe. Deixei a pia e o fogão limpos, tomei banho, fiz anotações e preparei a mochila para sair. Tudo isso ao som daquelas músicas dos anos 1970 do Roberto e do Erasmo Carlos, melancólicas, que eu ouvia com ela no programa diário de rádio *Almoçando com o Rei*.

Passei grande parte da tarde a caminhar. Primeiramente, fui ao bairro Carlos Prates em busca da loja do sapateiro que um dia bem consertou meus calçados, ali, perto da Serpentina, rua em formato de S, que serpenteia. É a terceira vez que procuro esse lugar e não obtenho sucesso. Será que é mais perto da Avenida Pedro II? Às vezes, ando muito distraído. Ao longo de todo o ano 2000, logo após a morte de minha mãe, eu perambulava umas três vezes por semana por essas bandas, quando me juntava aos fiéis no Cemitério do Bonfim, necrópole mais antiga de Belo Horizonte, para rezar a Novena de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia perante o túmulo da Irmã Benigna, bem próximo de onde minha mãe repousa. Hoje, os restos mortais da "Santa da Salve Rainha" estão

em Caeté, transferidos para o Santuário Nossa Senhora da Piedade, com o intuito de reforçar o processo de beatificação que tramita no Vaticano, pois, como consta do documento encaminhado, ela tinha força de intercessão para o alcance da graça nos casos mais desesperados.

Às tardes de segunda-feira, dia de minha folga no Estadual Central, eram comuns minhas longas descidas a pé pela Avenida Nossa Senhora de Fátima até o Bonfim. Apesar de ter sido um tanto incrédulo na vida, nunca neguei a força e o encanto dos ritos religiosos e, desde os tempos de infância, sempre gostei de cemitérios. Em Vila Caraíbas, a turma subia feliz da vida para jogar bola no lote ao lado do Cemitério Novo e descia correndo, ao cair da noite, entristecida, com medo de fantasmas e víboras viperinas que despertavam aos montes das catacumbas.

Um pouco depois das dezesseis horas, cheguei ao Bonfim, onde havia um cartaz informativo afixado no muro: "Fechado! O cemitério está infestado de cobras. Visitas somente a partir do Dia das Mães". Abaixei a cabeça, cantei baixinho, me conectei à minha mãe, lacrimizei... Nessa hora, também pensei com força no jogo de vida ou morte que o Atlético terá amanhã pela Libertadores contra o Zamora, da Venezuela.

Por puro hábito, rezei pedindo à Irmã Benigna coisas boas, ponderando sobre o momento difícil que vivem os dois países, desgovernados. Então, lancei flores em direção ao outro lado do muro para minha mãe, para o Galo, para os dois países em guerra e para as cobras.

Saí margeando o cemitério à esquerda, recordando trechos de "Dias da serpente", do BNegão. A música foi se expandindo, e um clarão iluminou a calçada, momento no qual a letra fez todo o sentido, atingindo o corpo inteiro.

[...] o momento do vento é forte  
o momento de vento forte  
dias da serpente.

enxergar amplamente  
enxergar além  
é vital para a sobrevivência da sua mente  
transmutação é a palavra-chave

dias luminosos virão  
dias trevosos estão  
dias da serpente  
preso no passado  
com saudade do futuro  
ausente  
longe do presente.

Percorrendo a Caparaó, rua da sede oficial da Galoucura, considerei a possibilidade de conseguir ingresso para o jogo de amanhã, porém, logo na entrada, um membro da torcida organizada, ao ser consultado sobre o assunto, me disse:

— Cara, a gente não tem nada a ver com ingressos. Não chega nada aqui. Pra te dar a real, nem no paralelo, tá ligado?

— Uai, pensei que vocês tivessem direito a algumas entradas e pudessem comercializar uma parte delas...

— Velho, na boa, em que planeta você tá?! Desce daí, tá ficando maluco? Quem dera se a gente tivesse essa moral com o clube, que a gente tivesse algum direito. A galera lá é muuuuito cobra criada, tá ligado? A gente tá aqui nem sabe bem o porquê.

— Poxa, mas isso seria completamente viável. Vocês são o clube, a gente é o clube. Essa troca traria benefícios pra ambas as partes, não?

— Cara, a gente também acha, mas vai falar isso com eles... passa aqui outra hora, e a gente conversa todo mundo junto. Agora, o pessoal tá aquecendo os tambores pra ensaiar a nova música do Galo, do Djonga, tá ligado? "Amigo, o Galo é doidô".

— Tô ligado, eu tava no Mineirão na estreia dela.

— Aaaah, pois então, fica aí com a gente, velho, gostamos demais de você, quem sabe pode colaborar?!

Fiquei na Galoucura em torno de uma hora e meia, tomando cerveja e fumando tipos variados de erva, provenientes do Cafezal, do Santo Antônio, do Céu Azul e do Eldorado. Conversas ao pé do ouvido daqui e dali, gracejos, batuques e dancinhas, eu acabei embolsando dois ingressos. Geralmente, as pessoas são muito receptivas e amorosas comigo por conta de eu usar uma prótese mecânica substituindo o braço esquerdo

que perdi num acidente. E tomei a liberdade de gravar um trecho do ensaio da música.

Amigo, o Galo é doído.

Das batalhas sofridas,  
torcer contra o vento, louco.

Nego, é o maior de Minas,  
quem treme o estado todo.

Nego, somos sinistros,  
somos Galoucura, doutor.

É o gigante do Horto.

Nada mais me aconteceu de novo neste dia senão que, andando a esmo já pelo Centro, ali pelos lados do Mercado Central, me deparei com uma mulher junto de uma serpente na calçada. Tomei muito susto, e as assustei também. Meia dúzia de pessoas estava próxima observando a cena incomum. Eu parei e fiquei imóvel atrás de um homem que as fotografavam. A mulher olhou diretamente para mim, apanhou a cobra com uma das mãos, se levantando do chão, a confinou numa bolsa e disse:

— Eu preferiria não! Eu preferiria não! *I would prefer not to! I would prefer not to!*

Logo, o cara olhou para trás, apaziguando-me:

— Fica de boa, fica de boa... Ela fala isso direto com qualquer um que passa, e começa a falar em línguas, porque todo mundo só quer tirar as cobras dela...

Nesse momento, percebi outra inacreditável jiboia no ombro da mulher. E, como se o já companheiro lesse meus pensamentos:

— Ela tem mais uma jiboia em casa, ou está ali dentro daquela casinha. À noite, elas saem pra passear, moram naquele prédio, ali, ó.

— Como você sabe disso?

O aglomerado de gente brevemente se desfez, e saímos juntos em direção à Praça Raul Soares. Ao longe, ainda ouvíamos ao fundo os seus gritos: “Pode cobrar, cobra de mim. Cobra de mim que eu sou serpente. Pode cobrar, pode cobrar, cobra de mim. Eia! Cobra! Cobra de mim, eu sou serpente”.

— Olha, isso parece que é da Rita Lee, ou elas inventaram juntas?  
— Eu disse, mais descontraído, atravessando a rua, e rimos.

— Então: eu vejo essa mulher frequentemente. Às vezes, ela aparece por aqui com as cobras num carrinho de bebê. É conhecida como a Mulher da Cobra.

— Mas as cobras nunca picaram essa mulher? Elas não são venenosas?

— Váaaaaaaaaarias vezes! Ela é toooda picada! Dizem que são jiboias, mas acho que não são, jiboia não é venenosa?!

— Caramba! Sei lá...!

— O pessoal do prédio já tentou expulsar ela de todo jeito. “Mas agora eu cortei o cabelo igual ao de homem, tô igual homem! E pintei de loiro”, disse, imitando a criadora de serpentes. “Eles não vão mais me reconhecer. Quero ver mandar a gente embora”. Antes de você chegar, ela estava falando isso. Você tirou ela do transe na calçada.

— E ela, do meu. Eu estava andando muito distraído, voltando pra casa já no piloto automático.

— Pra que lado você mora?

— Moro no Prado, na Rua Erê. É um pouco longe, mas vou subir a pé.

— Eu moro na Rua Perimetral, conhece? Podemos subir juntos a Avenida Augusto de Lima até a Ituiutaba com Paraguassú. Eu viro à direita, e você, à esquerda... Como é seu nome mesmo, velho?

— Meu nome é Miro. O seu é?

— Redelvin, com ene no final.

— Olha, é o nome de um amigo do meu tio Belmiro. Redelvim, com eme, se não me engano. Era um anarquista que aparece muitas vezes em seus diários dos anos trinta e quarenta.

— Ah, seu tio era escritor?

— Nada. Era um aspirante, um amanuense a serviço do Estado.

Caminhamos juntos, comendo maçã e levando um papo ameno, até chegar ao ponto no qual nos despediríamos. Trocamos os números de telefone, e pedi a ele que, quando pudesse, me enviasse as fotos da Mulher da Cobra. E continuei o meu caminho, sozinho, a cantarolar “Cobra Coral”, do Caetano e do Wally, até chegar à minha casa, onde toparia com gatos, e não serpentes.

Para de ondular, agora, cobra coral:  
a fim de que eu copie as cores  
com que te adornas,  
a fim de que eu faça um colar para dar  
à minha amada,  
a fim de que tua beleza  
teu langor  
tua elegância  
reinem sobre as cobras não corais.

Já no meu quarto, de banho tomado, escrevendo e me preparando para dormir, recebi as fotografias da mulher. Ficaram ótimas. Excitado, levantei-me da cama e as imprimi, colando-as, em sequência, no diário.

Antes, enviei uma mensagem para o Redelvin, um novo amigo, talvez, pois nunca sabemos os contornos exatos da construção de uma amizade.

— Cara, muito obrigado pelas fotos. Vc gosta de futebol? Quer ir ao jogo do Galo comigo amanhã no Mineirão? Me esqueci de te falar que eu tinha acabado de ganhar dois ingressos lá na Galoucura, como vc apareceu no bonde... rs

— Ah, de nada, as fotos também são suas... Cara, não entendo nada de futebol. Você vai ficar na Galoucura? Tenho medo disso... lá tem cobras? kkkkk.

— Uai! Até tem... rs. Vamos?

Por enquanto, fecharei este diário e pedirei a intervenção da Irmã Benigna, a “Santa da Hora”, para apaziguar os espíritos viperinos, vilipendiosos, que andam afetando o mundo. Rezarei uma Salve Rainha. Enfim, por aqui, tudo na mesma, não ficarei rico nesta noite, porque eu não joguei na cobra, nem sei o jogo do bicho. Penso em minha mãe, penso

nos venezuelanos, nos galos, nas serpentes... afago o gato, desligo a luz, e a escuridão invade o meu quarto.

Salve Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A Vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses Vossos olhos misericordiosos a nós volvei! E, depois desse desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do Vosso ventre. Ó Clemente, ó Piedosa, ó Doce e sempre Virgem, Maria! Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém!

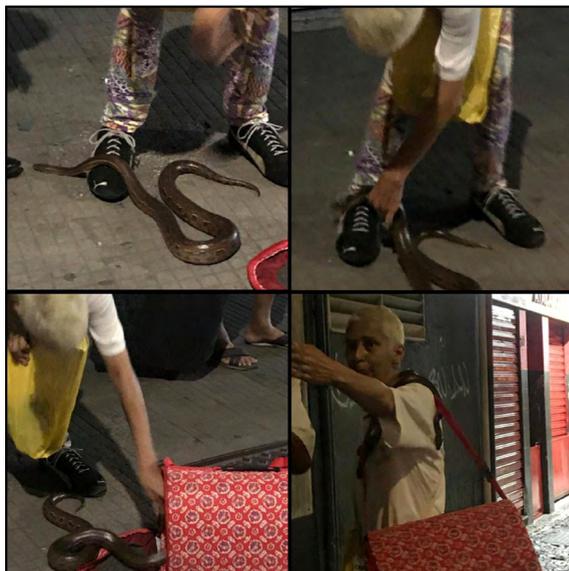


Imagem 1  
Foto: Sávio Leite



## Sobre os autores

**Elcio Cornelsen** é Professor Titular da Faculdade de Letras da UFMG (desde 2001). Doutor em Estudos Germanísticos, pela Freie Universität Berlin (1999), na Alemanha, com Pós-Doutorado em Estudos Organizacionais, pela FGV-EAESP (2005), em Teoria e História Literária, pela Unicamp (2010), e em História Comparada, pelo IFCS/UFRJ (2018). Entre outros, é pesquisador bolsista de produtividade do CNPq e coordenador do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FuLiA) da UFMG (desde 2010). Entre outras publicações, é coeditor da revista *FuLiA/UFMG* e coorganizou as seguintes obras: *Futebol, Linguagem e Artes* (FALE/UFMG, 2014, juntamente com Thiago Carlos Costa), *Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer* (Editora Jaguatirica, 2015, juntamente com Silvio Ricardo da Silva e Günther Augustin), e *Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer II* (Editora Jaguatirica, 2017, juntamente com Silvio Ricardo da Silva e Priscila Campos).

**Ewerton Martins Ribeiro** é escritor de ficção, jornalista da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisador de literatura na mesma instituição, onde cursa o doutorado em Estudos Literários. Publicou *A grande marcha* (editoras Circuito e e-galáxia, 2014), novela cujo pano de fundo são as manifestações brasileiras de junho de 2013. Venceu a edição de 2018 do Prêmio Literário Cidade de Manaus, na categoria "Ensaio sobre literatura". Nasceu e vive em Belo Horizonte.

**Francisco Ângelo Brinati** é professor de Jornalismo na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Doutor (UERJ, 2015) e Mestre (UFJF, 2010) em Comunicação Social, com Pós-Doutorado em Estudos do Lazer (UFMG). É integrante do grupo de pesquisa FuLiA, da UFMG. Autor do livro *Maracanazo e Mineiraten: Imprensa e Representações da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014* (2016).

**Gabriel Gama** é Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG e Bacharel em Jornalismo e em Letras pela PUC-Minas. Membro do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FuLiA), da UFMG. Tem experiência na área de jornalismo esportivo como cofundador e editor-chefe do *Observatório do Esporte*, portal de notícias premiado em 2º lugar na versão *online* do programa “O aprendiz” da Rede Record de Televisão, em 2011. Foi repórter-foca do Grupo Estadão na Copa do Mundo de 2014 como correspondente em Belo Horizonte/MG. Exerce, periodicamente, o cargo de editor de texto no programa “Globo Esporte”, na TV Globo Minas. Atualmente, exerce a função de assessor de comunicação e artístico da Instituição Monte Tabor. É autor de dois livros de poesia, *Nós dois: mais cedo que antes, mais tarde que depois* (CBJE, 2015) e *Para não desistir* (Patuá, 2019). É coautor da antologia poética *Coletânea Prosa & Poesia – 2018*, primeiro livro digital da Academia Mineira de Letras.

**Gustavo Cerqueira Guimarães** é Doutor (2013) e Mestre (2005) em Estudos Literários pela UFMG, com Graduação em Psicologia (1999) e Letras (2012) pela PUC-Minas. Realizou pesquisa de Pós-Doutorado em Estudos Literários, PNPd-Capes (2013-2018), igualmente pela UFMG, intitulada “A *tabelinha* entre o futebol e outras práticas poéticas no Brasil”. Publicou o livro de poesia *Língua* (Selo Editorial, 2004) e a vídeo-performance *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção* (CineFoot, 2018). Atualmente, é coeditor do periódico *FuLiA/UFMG* e leitor pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), atuando como curador do Centro Cultural Brasil Moçambique (CCBM) e Professor de literatura,

artes e cultura brasileiras na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo.

**Luciana Cirino Lages** possui Graduação em Educação Física, pela UFMG (1998). Mestre (2010) e Doutora (2019) em Estudos do Lazer (UFMG) e especialista em Política para Juventude (Newton Paiva, 2012). Atua na docência do curso de Educação Física da UNIFEMM e na Educação Física/EJA da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. É analista de Políticas Públicas da Secretaria Municipal de Esportes da PBH. Compôs o quadro de formadores do Ministério do Esporte no Programa PELC. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação de Jovens e Adultos, Educação e Juventude e Políticas Públicas de Esporte e Lazer, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, políticas públicas, lazer, formação profissional, esporte e espaço urbano.

**Luis Maffei** é professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui Graduação em Letras (1999), Mestrado (2003) e Doutorado (2007) em Literatura Portuguesa, todos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como ensaísta, publicou os livros: *Do Mundo de Herberto Helder* (Oficina Raquel, 2017); *Ciranda da poesia – Manuel de Freitas por Luis Maffei* (EdUERJ, 2015); *Despejo quieto – ensaios sobre poesia portuguesa* (EdUFF, 2015); e, com Pedro Eiras, *A vida repercutida – uma leitura da poesia de Gastão Cruz* (Lisboa, Esfera do Caos, 2012). Organizou, em parceria com Diana Pimentel, *Até que – Herberto Helder* (Lisboa, Guilhotina, 2015); com Ida Alves, o livro *Poetas que interessam mais – leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa* (Azougue); com Lilian Jacoto, *Soldado aos laços das constelações – Herberto Helder* (Lumme); e com Jorge Fernandes da Silveira, *Poesia 61 hoje* (Oficina Raquel). É também poeta, tendo publicado: em 2006, *A*; em 2008, *Telefunken*; em 2010, *38 círculos*; em 2011, *Pulsatilla*; em 2013, *Signos de Camões*; em 2015, *40*; e, em 2016, *Vista de Olimpia*. Em 2012, estreou como contista com o livro *Contos da Colina*, escrito em parceria com Nei Lopes e Mauricio Murad. Coorganizou, com Mayara R. Guimarães, o livro de contos *Extratextos 1 – Clarice Lispector, personagens reescritos*, no qual também participa como contista. Como ensaísta, tem

textos publicados em diversas revistas, como *Metamorfoses*, *Ipotesi*, *Via Atlântica* e *FuLiA/UFMG*, e as portuguesas *Colóquio/Letras*, *Relâmpago*, *Telhado de Vidro* e *Cadernos de Literatura Comparada*. Coordena, para a editora Oficina Raquel, a série "Portugal, 0", dedicada à novíssima poesia portuguesa. Pelo conjunto da obra, recebeu o prêmio Icatu de Artes – Literatura, 2013. É Sócio Benfeitor do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

**Marcelino Rodrigues da Silva** é Doutor em Estudos Literários: Literatura Comparada pela UFMG e docente da Faculdade de Letras da UFMG. Desenvolve pesquisas sobre a cultura esportiva brasileira e as relações entre futebol, jornalismo e literatura. Entre seus trabalhos, estão os livros *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho* (Editora UFMG, 2006) e *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura* (Relicário Edições, 2014).

**Matheus Marinho** é graduando em Ciências Sociais (bacharelado) pela UFMG e pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FuLiA), da UFMG. Escreve periodicamente na coluna "Arquibancada" do site acadêmico *Ludopédio*. Acredita que o futebol é um fenômeno social, cultural e político essencial para se entender a sociedade brasileira.

**Rafael Miguel** é graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela UFMG. Como trabalho de conclusão de curso, produziu o radiodocumentário *Mineirão 50 – A construção do futebol*. Já participou como narrador e repórter de diversas coberturas esportivas como vôlei, basquete, futsal e kart, mas principalmente futebol. Atualmente, é repórter esportivo da Rádio Ita 98,7 FM, jornalista na Rádio 93 FM, assessor de comunicação da Federação Mineira de Futsal e comentarista no programa *Horizonte Esporte* da TV Horizonte.

**Raphael Rajão Ribeiro** é doutorando em História, Política e Bens Culturais, pela Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). É técnico de nível superior – patrimônio cultural, na

Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Autor do livro *A bola, as ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte* (1904-1921) e de diversos artigos em livros e periódicos que tratam, especialmente, sobre história do esporte, futebol, com ênfase em futebol de várzea, história urbana e patrimônio cultural.

**Thiago Carlos Costa** é doutorando em Estudos do Lazer (UFMG), Mestre em Estudos Literários (UFMG), Bacharel e Licenciado em História (PUC-Minas). Professor, pesquisador e curador do Museu Brasileiro do Futebol, no Mineirão. Membro pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FuLiA), da UFMG, e também do GEFuT – Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

**Vinicius Garzon Tonet** é historiador e Mestre em História e Culturas Políticas, pela UFMG. Pesquisa questões raciais e futebol a partir da obra *O negro no futebol brasileiro* (1947), de Mário Filho. Atualmente, é membro do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FuLiA) e colaborador do site esportivo *Ludopédio*. Possui, ainda, publicações na área de tradução teatral. Foi membro do Projeto República, no qual atuou em pesquisas para a Comissão Nacional da Verdade, para a exposição *Cazuza: mostra a sua cara*, no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e para o Memorial da Democracia.



## **Publicações Viva Voz de interesse para a área de estudos literários**

### **Imagens em discurso**

Nabil Araújo (Org.)

### **Mario de Andrade e os trabalhadores: antologia de prosa e verso**

Antônio Augusto Moreira de Faria (Org.)

Denise dos Santos Gonçalves (Org.)

Maria Juliana Horta Soares (Org.)

### **Futebol, imagens e artes**

Elcio Cornelsen (Org.)

Thiago Carlos Costa (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em  
versão eletrônica no *site*: <[www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)>



Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

F996

Futebol : fato social total / Organizadores: Elcio Loreiro Cornelsen, Francisco Ângelo Brinati, Gustavo Cerqueira Guimarães. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2020.  
133 p.: il. – (Viva Voz)

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN: 978-65-87237-02-2 (digital)

ISBN: 978-65-87237-03-9 (impresso)

1. Futebol – Estudo e ensino. 2. Futebol na literatura. 3. Futebol – Aspectos sociais. 4. Futebol – História. 5. Cultura e sociedade. I. Cornelsen, Elcio Loureiro. II. Brinati, Francisco Ângelo. III. Guimarães, Gustavo Cerqueira. IV. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. V. Título. VI. Série.

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALÉ/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel reciclado 90 g/m<sup>2</sup> (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m<sup>2</sup> (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

**V**  
**V V**  
**V V**  
**viva voz**